

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

Homens com a guarda dos filhos: sentimentos e reorganizações do cotidiano.

Monica Duarte da Silva Gonçalves

**Dissertação de mestrado, sob a orientação da
Prof^a. Dr^a. Maria Juracy Toneli Siqueira,
apresentada ao Programa de Pós—Graduação em
Psicologia – Mestrado pertencente a Universidade
Federal de Santa Catarina.**

Florianópolis, maio de 2002.

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^a. Mara Lago (UFSC/SC)

Prof^ª. Dr^a. Sônia Maluf (UFSC/SC)

Prof^ª. Dr^a. Maria Juracy Tonelli (Orientadora)

Agradecimentos

Apesar desta parte da dissertação não possuir conceitos, ou mesmo análise de dados, e talvez por isso, eu muitas vezes ter apenas observado-a superficialmente, hoje considero-a parte integrante do trabalho, pois sem algumas pessoas não teria conseguido, sinceramente, chegar ao seu fim. Gostaria de agradecer minuciosamente a todos, mas pela intimidade que tenho com alguns, cada um sabe o quanto foi importante. Além disso, gostaria de explicitar que não existe uma escala de importância, pois todos contribuíram com suas diferentes qualidades.

Agradeço ao Vitor, meu filho, que suportou com carinho e paciência a realização “dos meus deveres do mestrado”, e principalmente, a sua capacidade de entender o quanto essas tarefas de casa, como dizia, eram importantes para mim. Obrigada, Vi.

Ao pai do Vitor e meu amigo Xande, que, nesses dois últimos anos de casado, reforçou muitas vezes minha auto-estima e ajudou concretizar o mestrado com sua indispensável ajuda nos cuidados com o Vitor e também na parte financeira, sem a qual não conseguiria realizar este trabalho. Muito obrigado por tudo. E obrigado por se incluir no que se denomina “novas paternidades”. Beijos.

Agora agradeço a algumas pessoas que, apesar de não serem da minha família, são minha família por opção, como diz uma delas. Falo de Simone, minha médica e amiga que resolveu minhas dores, tanto as físicas como as emocionais, de Luciana, que se responsabilizou sozinha por nossa sociedade e a manteve sólida, de Rudi, que me ajudou nas transcrições (êta, serviço difícil, né Rudi?), a Priscila, pela disponibilidade de dar incentivos e palpites, a Camilae Angela, minhas companheiras de mestrado e congressos com as quais compartilhei várias angústias e que me tranquilizaram quando achei que não iria dar conta das minhas obrigações e, finalmente ao Cris pela disponibilidade e bondade sem limite, pelas correções incansáveis e gratuitas e, por me ajudar com meu inglês rasteiro, pelas conversas sobre a Rosa e por confiar a mim sentimentos tão profundos e secretos. A todos obrigada e que possam me acompanhar em mais algumas conquistas.

Agradeço também a três pessoas diferentes, mas que tiveram a mesma função: Jaque, Maria Luiza e Bebeto por me ajudarem a manter um outro papel - o de psicóloga clínica - sem decair em termos de qualidade e pelas vezes, que me lembraram que também tenho limites.

A minha família de origem, ou parte dela, minha mãe, meu pai, a Fátima, Mizinho, Diego, Carol, Rose e Jucélio. A essas pessoas gostaria de agradecer pelos cafés, almoços, jantares, roupas lavadas e passadas, pelo cuidado com o Vitor, pelo uso do telefone, por me emprestarem o computador, pelas piadas e conversas divertidas, enfim, por esse acolhimento que me propiciou uma estabilidade sem a qual não teria realizado esse trabalho.

A minha orientadora, que em uma de suas correções retirou uma frase do texto que, aqui, nos agradecimentos, eu posso colocar: “Nunca conheci ninguém que fosse tão democrática com o conhecimento. Para ela este é de todos e para todos, nem que acabe perdendo alguns livros”. E ela não foi apenas uma orientadora, foi para mim, na linguagem do Psicodrama, uma chance de rematizar alguns aspectos. Sua confiança na minha capacidade me fez acreditar em mim. Muitas vezes foi difícil entregar meus escritos, mas ela nunca confirmava a minha sensação, lia e fazia sugestões, não críticas duras. Enfim, Jura, talvez não tenha lhe falado isso, mas foi muito bom trabalhar com você e, principalmente, poder enxergá-la com outros óculos. Obrigada pela confiança e paciência.

Ao grupo PIPA, que eu não poderia esquecer, por entender a minha ausência e sempre torcer por mim, mesmo que à distância. Beijos a Thaís, Ivana, Mariana, Daniela e ao Marcelo.

Agora agradeço àqueles que tornaram possível este trabalho e abriram não apenas suas portas de casa ou do trabalho, mas de suas vidas, mesmo sabendo que iriam remexer em dores do passado. Muito obrigada a todos os participantes. Garanto que aprendi muito com vocês. Obrigada novamente pela coragem e também por me mostrarem novos ângulos da realidade.

R e s u m o

Atualmente não é possível se referir à família sem considerar as transformações socioculturais das últimas décadas, principalmente, a partir de 1970, pois o movimento feminista e a intervenção da pílula anticoncepcional trouxeram modificações para a posição das mulheres na sociedade. Em consequência deste fato, os homens foram desacomodados de seus lugares e tiveram que buscar novos comportamentos. Esta descrystalização do que era considerado masculino e feminino proporcionou novas organizações familiares que não estavam pautadas no modelo tradicional da família como, por exemplo, o foco desta pesquisa: as famílias nas quais os homens/pais obtiveram a guarda dos filhos. Compreender como esses pais reorganizaram o cotidiano constituía a pergunta desta investigação. Para tanto, o olhar de gênero e a abordagem histórico-cultural foram as bases para entender os relatos dos seis entrevistados. Utilizou-se, como procedimento central, a entrevista semi-estruturada com o intuito de aprofundar o conhecimento da temática, buscando realizar um estudo de caso no qual foram levantados dados desde infância dos sujeitos até a situação de vida atual. Ao analisar as entrevistas pode-se perceber que, quanto aos sentimentos após o divórcio e/ou separação, estes homens vivenciaram várias emoções. Entretanto, aquelas mais ressaltadas foram o sentimento de abandono e de estarem perdidos. Este fato influenciou na (re)organização do cotidiano, principalmente, quanto a vida social dos sujeitos. Para a realização dessa nova situação familiar, resgataram o modelo tradicional mãe e dona-de-casa de sua família de origem, no entanto, foram modificando-o a partir de suas experiências, chegando a afirmar que tudo que as mulheres realizam dentro do lar, seja nos cuidados infantis ou nos afazeres domésticos pode ser aprendido pelos homens. Afinal, como afirmaram em seus relatos “tudo se aprende”.

A b s t r a c t

Nowadays, it is not possible to refer to family without considering the social and cultural changes of the last decades, mainly from 1970 on, because the feminist movement and the invention of the contraceptive pill brought up modifications to the position of women in our society. As a consequence of these facts, men were taken out of their traditional places and they had to search for new forms of behavior. This questioning of what was considered as masculine and feminine fostered new familial organizations which were not based upon the traditional model, as, for instance, the focus of this research: the families whose men/fathers obtained the custody of their children. The question of the present investigation to comprehend how these men/fathers felt after the divorce and the obtainment of custody and how they reorganized their daily routines. So, the genre and the historical and cultural approaches were the basis to understand the reports of the six subjects. As a main procedure, the semi-structure interview was used with the intention of the realization of study of case, in which data on the subjects, from their childhood up to the present situation, were raised. By the analysis of the interviews, it is possible to perceive that, concerning the feelings after the divorce and/or separation, these men have undergone several emotions. However, the most important ones were the feeling of abandonment and the being lost. This influenced the (re)organization of their social life. In order to carry out this new familial situation, the subjects based on the traditional model of mother and housewife of their original families; nevertheless, they modified it accordingly to the own experiences, stating that everything, which women do at home, from infantile cares to the domestic tasks, can be learned by men. After all, as the subjects themselves

asserted, “everything can be learned”.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
2. Revisando a Literatura.....	19
3. Referencial Teórico.....	26
3.1. Família e Constituição do Sujeito.....	26
3.2. Gênero.....	33
3.3. Masculinidades.....	36
3.4. Paternidades.....	51
4. Método.....	58
4.1. Encontrando os homens/pais.....	60
4.2. Entrevistando os sujeitos.....	63
4.3. Apresentando os sujeitos.....	68
4.4. Conhecendo os sujeitos.....	72
5. Análise e Discussão dos Resultados.....	76
5.1. Famílias de Origem.....	76
5.2. Casamento e Divórcio.....	87
5.3. Relação atual do sujeito com a ex-esposa e dos filhos com suas mães.....	123
5.4. Novos Relacionamentos.....	128
5.5. Significados da Paternidade.....	132
6. Considerações Finais.....	137
7. Referências Bibliográficas.....	143
8. Anexo.....	149

1. INTRODUÇÃO

A história desta pesquisa, que, no meu caso, teve como consequência direta a presente dissertação de mestrado, iniciou em 1999, em uma situação de intervenção que me fez entrar em contato com uma temática que despertou a curiosidade necessária para instigar um pesquisador a buscar as respostas para suas perguntas.

Homens com guarda de filhos! Foi com esta nova configuração familiar, inicialmente desconhecida no meu círculo social, que me deparei há três anos atrás em dois grupos denominados Escola de Pais, nos quais mães e pais de alunos de duas escolas, uma da rede pública, e uma da privada, se reuniam quinzenalmente para discutir temas relacionados à educação dos filhos. Minha função nestes grupos consistia em coordenar a discussão e levar conhecimentos referentes à Psicologia.

Alguns questionamentos surgiram ao coordenar esses grupos, principalmente aquele voltado para a diferença quantitativa entre homens e mulheres presentes nas reuniões. Sempre havia um maior número de mães do que de pais. Tentava então entender o porquê da ausência dos homens/pais¹ em um grupo que tinha o objetivo de esclarecer dúvidas sobre a educação de seus filhos.

Ao perguntar sobre essa diferença de presença entre pais e mães nos grupos, a maioria das mulheres disse que comparecer a reuniões na escola dos filhos é “coisa de mulher”. Também justificaram a situação pelo fato de os maridos estarem trabalhando, além de que não seriam bem vistos pelos chefes e/ou colegas caso se ausentassem do trabalho para participarem daquele grupo. Pensavam que, para as mulheres, essa situação era mais tranquila em função de algumas não trabalharem fora do espaço doméstico e, para aquelas que exerciam atividades profissionais, ausentar-se do ambiente de trabalho por esse motivo parecia ser mais aceito pelos colegas e pela chefia. Atualmente, entendo que estes argumentos são indicadores da concepção que delega ao pai um papel secundário na educação dos filhos e, portanto, correspondem ao modelo tradicional de família.

¹ Ao longo deste trabalho será utilizada a expressão homens/pais para que fique claro que se trata dos pais e não das mães. Visto que usualmente o termo pais na língua portuguesa serve como plural para pai e mãe, englobando estes dois indivíduos. Outro motivo para a utilização deste termo é o fato do termo pai ser visto como uma função, função paterna, podendo ser encontrada em mulheres, avós, avôs, enfim em qualquer sujeito.

Nestes encontros, porém, existiam dois homens/pais que cuidavam sozinhos de seus filhos. O grupo, visivelmente, tinha um movimento ambíguo de exclusão/inclusão desses participantes. Quando outros homens/pais “acompanhavam” suas esposas, e com esta palavra justificavam sua presença ali, era claro o incômodo destes às falas daqueles homens que realizam tarefas consideradas femininas, como cuidar² dos filhos. Posso dizer que esse incômodo se dava, entre outros motivos, pelo fato de as mulheres começarem a questionar seus maridos/acompanhantes sobre a desigualdade quanto à divisão de tarefas domésticas. Esta situação propiciou importantes discussões sobre as questões de gênero, no âmbito dos encontros.

Os mesmos questionamentos das mães, admito, também ocorriam-me muitas vezes. Deparei-me com minha concepção naturalizadora da mulher como principal responsável pelos cuidados das crianças. Entrei em contato com a divisão que fazia entre o feminino – ligado à esfera privada, ou seja, à família – e o masculino – associado à esfera pública. Estes dois homens/pais fizeram algumas de minhas concepções entrarem em conflito, instigando-me a buscar respostas para as seguintes perguntas:

- Quais os arranjos e rearranjos que homens/pais com a custódia dos filhos precisam fazer em suas vidas, tanto em relação aos sentimentos quanto às necessidades de organização do cotidiano da família?
- Existem diferenças entre estes arranjos e rearranjos, se efetuados por homens oriundos de camadas sociais diferentes?

No contato com este modelo de homens/pais, fiquei curiosa em saber com profundidade como esses sujeitos reorganizaram suas vidas após a obtenção da guarda dos filhos, como mencionado acima. Reconheço que, ao refletir sobre essa questão, havia nas entrelinhas um preconceito de que “não é natural homens cuidarem de crianças”. No desenvolvimento do trabalho neste grupo de mães e pais, também houve a possibilidade de aproximação com estes dois sujeitos “especiais”, o que me permitiu perguntar como eles haviam se sentido na época do divórcio e da obtenção da custódia, pois percebi que neste espaço de discussão, os seus sentimentos e opiniões voltados para questões relacionadas à afetividade não eram escutados ou incomodavam determinados homens/pais ali presentes.

² O cuidar é utilizado aqui referindo-se ao campo do afetivo, da educação, da alimentação, das vestimentas, entre outros, porém não prioriza os aspectos financeiros destas esferas.

Coordenar este grupo tornou possível concretizar a vontade e a necessidade de investigar esses homens/pais que rompem com o modelo tradicional de masculinidade e de família. Essa ruptura parecia constituir uma temática interessante para uma pesquisa de mestrado, isto é, refletir sobre homens/pais divorciados que ficaram com a custódia de seus filhos e pesquisar as prováveis diferenças de arranjos entre as camadas sociais diferenciadas. Entretanto, fazer esta comparação³ entre os estratos sociais não foi possível, devido ao fato de não ter conseguido contato com sujeitos oriundos da camada popular com a guarda oficial dos filhos.

A busca por estas respostas ganhou um incentivo primordial, com o convite para participar de uma pesquisa que tinha como objetivo investigar como programas públicos de saúde voltados para a gravidez na adolescência, lidavam com a paternidade nesta faixa etária. Foi a partir dessa pesquisa que estabeleci os primeiros contatos com o conceito de gênero, com a literatura atualizada sobre as masculinidades e com outros(as) pesquisadores(as) que trabalham neste campo.

Na pesquisa mencionada no parágrafo anterior, tive a oportunidade de observar um grupo intitulado “Casais Grávidos”, funcionando em um dos hospitais investigados naquele trabalho⁴, sendo que chamava a atenção o lugar secundário delegado ao homem, que ironicamente denominei “auxiliar de grávida”. Ao perceber que esse lugar era, nesse grupo, aparentemente aceito pelos homens, senti-me fortemente estimulada a entender aqueles homens que haviam escolhido assumir sozinhos os filhos e constituir uma família diferente do “modelo tradicional burguês”, ou seja, há uma maior equidade no exercício das funções de seus membros nestas famílias, pois o que assistia e conhecia era aquele no qual os homens são personagens coadjuvantes nos cuidados infantis.

Quando se menciona a palavra *família*, provavelmente, ainda nos dias contemporâneos, um grande número de pessoas pensará na organização familiar tradicional hegemônica, construída historicamente a partir dos valores e princípios da classe dominante. Esta forma de organização de origem burguesa baseia-se na divisão sexual do trabalho, na qual os homens/pais têm o dever de ser os provedores do grupo familiar, e as mulheres/mães, as cuidadoras. Neste sentido, o masculino aparece relacionado com a esfera pública e a produção, e o feminino, com a reprodução e a esfera privada. A educação e o cuidado com os

³ Este fato será melhor explicitado na parte metodológica.

⁴ Essa pesquisa intitula-se Paternidade Adolescente: seu lugar nos programas públicos na área da saúde reprodutiva na região da Grande Florianópolis.

filhos são consideradas tarefas femininas, sendo o pai, durante o período de gestação, um “auxiliar de grávida”, que depois, assume a responsabilidade de garantir o sustento da família. Eis aqui a divisão sexual do trabalho que corresponde ao modelo nuclear, monogâmico e conjugal de família.

Entretanto, como a família não é uma entidade abstrata externa a um momento histórico e a um grupo social ou independente destes, esta depara-se com a necessidade de fazer novos arranjos e novas negociações entre os sujeitos que a constituem, de acordo com sua época e cultura. Como bem sinaliza o termo utilizado no parágrafo anterior, o modelo tradicional tornou-se hegemônico, funcionando como metáfora reguladora das relações sociais, embora não corresponda diretamente às organizações familiares concretas que sempre foram, e são, muito diversificadas. Como qualquer modelo, no entanto, funciona como constituinte e ordenador de desejos e práticas neste campo.

Na contemporaneidade, principalmente no século XX, acontecimentos como a invenção de novas tecnologias contraceptivas, a saída das mulheres da esfera privada para a pública, a inserção destas no mercado de trabalho assalariado, a elevação de seu nível de escolaridade e de sua qualificação profissional, o acirramento do processo de empobrecimento da população em geral, as transformações no mundo do trabalho, os movimentos sociais organizados (entre eles o feminista), afetaram dramaticamente a família, explicitando e dando início a um processo de descrystalização dos lugares dos homens e das mulheres neste âmbito.

A partir disso, permitiu-se que as negociações fossem mais possíveis e que os homens assumissem tarefas que antes não eram compatíveis com o lugar que lhes era atribuído no imaginário social. Hoje pode-se ver, cada vez com maior frequência, pais levando sozinhos seus filhos ao cinema, à escola, às academias, entre outros lugares. O que se quer dizer com isto é que, embora sempre tenha havido homens e mulheres, pais e mães, que não correspondessem ao modelo hegemônico de um determinado grupo cultural, estas relações diferenciadas não esboçavam um efeito de conjunto no sentido de sua visibilidade social. Por outro lado, as mudanças atualmente em curso não permitem afirmar que esteja havendo uma redistribuição de todas as tarefas da casa, pois o cuidar ainda é considerado como atribuição essencialmente feminina. Segundo Ridenti (1998, p.174), “é possível falar em uma relativa disponibilidade para as necessidades dos filhos, mas não há indícios de alteração na divisão das tarefas familiares e domésticas”.

O trabalho, tanto o exercido na esfera pública quanto o circunscrito ao âmbito privado, é setorializado segundo critérios de gênero. Constata-se, neste sentido, que atividades profissionais relacionadas ao “cuidar de” constituem verdadeiros “guetos profissionais” femininos, como é o caso do magistério das séries iniciais, da enfermagem e da própria Psicologia, em especial no contexto brasileiro. Por outro lado, os homens excluem-se e são excluídos das tarefas domésticas. Tanto é assim que, no nível do senso comum, as mulheres bem-sucedidas são aquelas que articulam/conciliam a esfera familiar e a profissional com eficiência, sendo que os homens conceituados são aqueles respeitados profissionalmente.

Estas transformações nas constituições e relações intrafamiliares são atualmente foco de diversas pesquisas científicas (Siqueira, 1997; Romanelli, 1995; Ridenti, 1998). Em maio de 2000, foi realizado, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o Seminário Internacional Fazendo Gênero IV: Cultura, Política e Sexualidade no Século XXI, que incluiu em sua programação, entre outras atividades, uma mesa-redonda cujo tema era “Novos Laços Familiares”. Felizmente esta não é uma iniciativa isolada. Vários campos disciplinares, entre eles a Psicologia, incluindo as abordagens psicoterapêuticas, vêm focalizando as famílias e suas transformações no contexto contemporâneo em seus trabalhos de pesquisa e de intervenção. Pode-se mencionar, também, os estudos oriundos da Antropologia, da Sociologia, da História, do Direito, entre outros, evidenciando assim a relevância e atualidade dessa discussão.

As transformações dos padrões familiares, no entanto, não são temática apenas dos estudos acadêmicos, mas se fazem presentes também na mídia televisiva e na escrita. Um sinal explícito de que as mudanças nas organizações familiares e nas pautas que sustentam a tradicional divisão sexual do trabalho vêm ocorrendo, é sua apreensão pela mídia, em especial a televisiva, que vem divulgando, em seus comerciais, imagens que denotam novos comportamentos associados ao lugar social de pai. Uma pesquisa que mostra bem como estas imagens são trabalhadas pela mídia é a de Medrado (1998), que analisa os comerciais de televisão que têm a figura paterna presente em suas cenas. Pais mais “sensíveis”, carinhosos e próximos de seus filhos aparecem cada vez mais freqüentemente nestes comerciais. Ressalta-se aqui que, implícito nesse novo discurso está o objetivo da área publicitária no sentido de aumentar a venda de produtos. Pode-se pensar, portanto, que a imagem de um novo pai ajuda a vender coisas e idéias. Não se pode desconsiderar, por outro lado, que a mídia, em especial a televisiva, tem seu lugar como veículo formador de

opiniões, o que pode colaborar para que a idéia da constituição de novas formas de paternidade tome vulto e seja disseminada pelos vários setores da sociedade.

Entretanto, na mídia escrita, ressaltando aqui as três revistas de maior circulação nacional (*Veja*, *Isto É* e *Época*) pode-se perceber que, no ano de 2001 e no início de 2002, tem sido aberto um espaço para “mostrar” e tentar discutir as novas formas de organizações familiares, enfatizando aquelas nas quais o pai tem a guarda de seus filhos e também as que optam pela guarda compartilhada.

Dentro desse quadro de transformações das constituições familiares, estão presentes, entre outras modalidades, os recasamentos e as famílias monoparentais⁵. Estas últimas são decorrentes, em geral, de situações como a de mulheres solteiras com filhos, de viuvez ou de divórcio. Dados do IBGE (1997) mostram que, no período de 1991 a 1997, a região Sul do Brasil foi a que mais apresentou desenlaces matrimoniais (separações e divórcios), sendo computado um aumento de 44, 8% em 1997, em relação ao percentual de 1991. Um dado a ser considerado é o fato de as mulheres serem as principais solicitadoras do divórcio. É comum, entretanto, quando em caso de divórcio, que esta organização familiar tenha como “chefe da casa” as mulheres/mães, podendo este fato ser observado nos dados do IBGE (1997) supracitados. Estes apontam que, apenas nos divórcios que envolviam filhos menores, as mães, num total de 103.697, obtiveram a responsabilidade principal sobre as crianças, contra 8. 506 homens/pais no país. Na região Sul, por sua vez, o resultado não foi diferente: 15.983 mulheres ficaram com a guarda dos filhos, e apenas 1311 homens obtiveram a guarda. Esses números parecem mostrar que ainda são poucos os homens que assumem a responsabilidade de ser o principal cuidador dos filhos menores, lembrando que nestes dados existem aqueles que solicitaram e ganharam a custódia e aqueles que ficaram com os filhos por não terem outras alternativas.

A própria Lei do Divórcio, garante às mulheres o direito de ficar com a custódia dos filhos, “salvo se o juiz verificar que tal solução possa advir prejuízo de ordem moral para eles, ou ainda se esta tiver abandonado o lar na época da separação, deixando os filhos com o pai.” (Castro, 1998, p.218).

Faz-se importante considerar que tal situação encontra sua ancoragem no imaginário social, na medida em que as mulheres são consideradas as “cuidadoras”, como mencionado anteriormente. Esta concepção foi cristalizada a partir da idéia de que as mulheres são “naturalmente” aptas para cuidar das crianças, trazendo consigo habilidades inatas ou

⁵ Famílias monoparentais são aquelas que possuem apenas um dos pais dentro de casa.

adquiridas desde o berço para tal tarefa. Aquelas que não cumprirem com eficiência seu “destino” são consideradas “desnaturadas”, ou seja, alijadas de sua natureza fundamental.

A situação em que o pai é o único responsável pela casa e pelos filhos ainda não é suficientemente abordada pelas pesquisas científicas⁶, embora sua ocorrência venha aumentando na realidade cotidiana de todos os segmentos sociais, sendo que na camada popular existem homens/pais que cuidam de suas crianças, porém é mais difícil possuírem a guarda oficial.

A masculinidade passou a ser discutida mais sistematicamente nas universidades a partir da década de 80. Segundo Lyra (1998), foram encontradas seis teses/dissertações entre 96 defendidas da metade dos anos 80 ao início dos 90, na PUC/SP e na USP, que enfocavam a paternidade/masculinidade. Temas considerados femininos, como os relacionados à saúde reprodutiva, agora são foco de pesquisas também na esfera masculina. Até mesmo os programas públicos relativos a essa área – saúde reprodutiva – antes centrados apenas nas mulheres, começaram a incluir os homens, pois “a compreensão e o conhecimento das práticas masculinas podem contribuir para melhorar os resultados de programas voltados para a saúde das crianças, para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e nas decisões sobre o planejamento familiar” (Ridenti, 1998, p.165).

Fala-se também, tanto nas universidades como no âmbito do senso comum, da “crise da masculinidade”. Argumenta-se que, em função das transformações contemporâneas, em especial aquelas relacionadas com o lugar social atribuído às mulheres, os homens viram seus comportamentos questionados, seu mundo – o público – invadido, seu poder um pouco diminuído, tornando-se angustiados, inseguros e confusos quanto ao seu lugar frente a toda essa movimentação. Aqui é necessário tomar cuidado para não vitimizá-los, efetuando uma mera troca de “patrão”, sob a égide de uma mesma lógica maniqueísta. É preciso entender que as masculinidades e feminilidades são históricas e principalmente relacionais. Ou seja, que “homens e mulheres se constroem, assim, na relação que os diferencia (diferença que não precisa significar necessariamente contradição, conflito, luta ou desigualdade)” (Lago, 1999, p 2).

Neste contexto de transformações das constituições familiares, das masculinidades e feminilidades, os homens/pais que ficam com a custódia de seus filhos começam a constituir um pequeno, mas significativo, grupo para o entendimento das “novas formas de

⁶ Ver Lyra, 1998.

paternidade”. Há estudos⁷ indicando, inclusive, que as modificações no âmbito das masculinidades são mais expressivas no que se refere à paternidade. Há uma busca inegável, por parte de muitos homens, pela constituição de relações diferenciadas com os filhos, implicando, entre outros aspectos, contatos corporais mais próximos e trocas afetivas mais intensas. Entretanto, através da análise da literatura específica sobre gênero e masculinidade, pode-se confirmar a escassez de trabalhos e pesquisas sobre homens que assumem a responsabilidade de cuidar sozinhos de seus filhos.

É importante resgatar a história da infância no contexto ocidental, para que se possa entender como a criança passou a ser foco das relações familiares, necessitando de cuidados especiais. Foi apenas a partir do século XIX, com a mudança no discurso que circunscrevia o modelo de bom casamento, que a infância passou a ser protegida, isto é, “no casamento concebido pela higiene, o casal olhava para o futuro e não para o passado (...) cuidado com a prole converteu-se, por esta via, no grande paradigma da união conjugal” (Costa, 1983, p.219). Neste sentido, os filhos passaram a ser alvo de preocupações tanto das mães como dos pais, ainda que com diferentes funções socialmente atribuídas e sem a igualdade entre os gêneros, tornando-se, assim, motivo de disputa nas situações de divórcio, sendo que a mãe é considerada a principal cuidadora perante a Justiça.

No Brasil, somente na Constituição de 1988, com a adoção do Princípio da Igualdade, foi destituída a chefia familiar, delegando a homens e mulheres os mesmos direitos e deveres diante do casamento e dos filhos (Constituição Federal, 1988, art.226, §5).

No âmbito internacional, recentemente, duas grandes conferências promovidas pela ONU, a Internacional de População e Desenvolvimento, realizada em 1994 no Cairo, e a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, em Beijing em 1995, declararam a equidade entre os gêneros em todas as esferas, incluindo a vida familiar e comunitária, isto é:

A igualdade de direitos, oportunidades e acesso aos recursos, a divisão eqüitativa das responsabilidades familiares entre homens e mulheres e uma parceria harmoniosa são fundamentais ao seu bem-estar e ao de suas famílias, bem como para a consolidação da democracia (Declaração de Beijing, 1996, p. 28).

Entretanto, Siqueira (2000), ao comentar sobre a dificuldade de estender as diretrizes dessa Declaração, coloca:

⁷ Ver Lyra 1998,

Parece mais difícil, no entanto, a extensão destas diretrizes ao cotidiano das práticas no campo da cidadania privada, nas negociações entre os parceiros, bem como nos setores aplicados nas áreas da saúde e da educação, uma vez que nem sempre os profissionais nelas envolvidos acompanham estas discussões, bem como no próprio movimento feminista parece não haver um consenso quanto à participação masculina no campo da reprodução. (p. 14).

Enquanto a autora aponta para a precariedade desta discussão nas áreas da educação e da saúde, pode-se dizer que no âmbito jurídico isto ocorre de forma mais acentuada. “Leis são leis”, e mudá-las exige um processo árduo e demorado que envolve a votação e a aprovação destas pela instância legisladora.

Para agravar este quadro, identifica-se que o Código Civil Brasileiro está em desacordo com a Constituição de 1988. Em relação à família, as leis ainda são aquelas de 1916. Estas falam em pátrio-poder e designam a mãe como a pessoa mais favorável a ficar com os filhos. Questionam, também, a responsabilidade pelo desenlace do casamento, sendo que os homens são, na maioria das vezes, julgados “culpados”.

Essa constatação revela que as leis não têm acompanhado as modificações sociais em termos familiares, complicando e gerando conflitos maiores neste processo difícil que é o divórcio. Um exemplo disso é que no País está se iniciando recentemente a discussão sobre a possível aprovação da custódia conjugada, comum ou co-compartilhada, como definem alguns autores norte-americanos (Hetherington e Stanley-Hagan, 1997), na qual a criança fica sob a responsabilidade de ambos os pais que dividem responsabilidades e também o sustento econômico dos filhos.

Na Lei do Divórcio (Lei no. 6515), aprovada em 1977 e que vigora até o ano 2003, a única modificação realizada reside na abertura de uma seção identificada como “Da Proteção da Pessoa dos Filhos”, na qual, em último caso, a criança pode ser ouvida quanto à sua preferência sobre com qual dos progenitores deseja ficar. Esta é uma situação rara, principalmente se o filho for menor de oito anos de idade. Confirmando a inadequação destas mudanças, Castro (1998, p.219) comenta que, com a inserção desta seção, “repetiu-se o quadro de outrora, aduzindo outras regras tão mecânicas quanto àquelas e também de tímidas utilidades”.

É interessante notar que esta lei foi aprovada no furor da revolução feminista brasileira e mundial, tendo como objetivo garantir aos filhos “ilegítimos” o direito à herança daquele que detém os bens, isto é, o pai. Desde esta data (1977), no Código Civil Brasileiro, estas questões não foram alteradas, e os homens continuam a ser considerados como quem chefia a família e não possuem o direito de ficar com a custódia de seus filhos. O que colabora com o padrão hierárquico tradicional de família, não indo, assim, ao encontro das reivindicações do movimento feminista de mais igualdade de direitos entre homens e mulheres. Alguns têm o privilégio, ou a sorte, de poder contar com o esclarecimento de alguns juizes, que se baseiam nos Princípios da Igualdade propugnado pela Constituição para dar seus veredictos sobre quem fica ou não com as crianças.

Entretanto, faz-se necessário divulgar que, nos anos de 2001/2002, foram discutidas e aprovadas modificações no Código Civil Brasileiro. Dentre estas, uma se refere à questão da guarda dos filhos, abrindo espaço para o modelo da custódia compartilhada. Porém, levanta-se a discussão da eficiência deste modelo e também de como a criança se adaptará à situação de possuir duas casas. Ainda em relação a estas mudanças, parece que a mais importante para ser discutida e analisada por psicólogos, juristas, advogados, entre outros profissionais, está na queda do monopólio materno quanto à guarda, isto é, esta será decidida através do levantamento da condição dos pais para ficar com seus filhos, obtendo a custódia quem tiver melhores condições, segundo critérios estabelecidos por estes profissionais, de criá-los. Contudo, questiona-se, então, como será realizada essa análise de condições e se a naturalização da mãe como principal cuidadora realmente já está superada, para poder dar espaço para este novo tipo de guarda.

O objetivo principal dessa dissertação foi investigar, a partir das falas masculinas, se ocorreram transformações nas concepções e práticas relacionadas à paternidade, no caso de homens que obtiveram a custódia dos filhos após o divórcio. Tinha-se como propósito, no âmbito da pesquisa:

- investigar: quais os elementos no percurso individual dos sujeitos contribuíram para que estes solicitassem a guarda dos filhos;
- quais foram os arranjos que estes homens efetuaram emocionalmente e em suas práticas cotidianas, face à guarda dos filhos;
- se estes arranjos indicam transformações com relação ao período anterior à obtenção da guarda;

Para tanto, utilizou-se o estudo de caso, no qual a entrevista semi-estruturada foi o instrumento principal, juntamente com um diário de campo em que eram anotadas algumas observações. Estas informações serão aprofundadas na parte referente aos procedimentos.

Esta dissertação está organizada, após essa Introdução, na seguinte sequência de capítulos: o primeiro refere-se à revisão da literatura, que trata do levantamento e análise do material encontrado no rastreamento realizado em bases de dados e bibliotecas virtuais com as palavras-chave paternidade, masculinidade e guarda dos filhos; o segundo tem a intenção de esclarecer os eixos conceituais que iluminam a análise do material obtido no campo; o terceiro esclarece o percurso da pesquisa (método), bem como apresenta os sujeitos entrevistados; o quarto é dedicado à análise do material obtido sob a ótica cultural e histórica; e, *last but not least*, as considerações finais que, mais do que conclusões, tentam, afinal, responder às questões de pesquisa ainda que, inevitavelmente, de forma provisória e incompleta.

2. REVISANDO A LITERATURA

Frente aos dados apontados pelo IBGE (1997) anteriormente citados, os quais mostram que a situação do pai como detentor da guarda já é uma temática que precisa de atenção, tanto dos legisladores como dos pesquisadores, uma primeira dúvida ocorreu-me: será que já existem estudos e pesquisas voltadas para essa questão? Mesmo depois de entrar em contato com a literatura na área dos Estudos de Gênero, ainda permanecia essa interrogação, porque não havia encontrado, inicialmente, nenhum trabalho que abordasse especificamente o meu interesse de pesquisa. Esse dado motivou-me ainda mais a verificar como e se estava sendo pesquisada e trabalhada a questão da paternidade relacionada à guarda dos filhos.

Com a curiosidade de garimpar trabalhos que pudessem respaldar e orientar a minha pesquisa, realizei levantamentos referentes ao tema paternidade em periódicos e dissertações/teses de Psicologia e Direito encontrados na Biblioteca da UFSC, em bases de dados, como Ovid, Index Psi, Ciências Humanas da USP, Sociological Abstracts, PsycINFO (American Psychology Association), IBICT, teses/dissertações nacionais e internacionais, e ainda em bibliotecas virtuais, como a da PUC/SP, a da FLACSO (Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais) e a BIREME. Para nortear a busca, restringi-me ao período de 1977 a 2001, sendo que a data inicial corresponde ao ano no qual foi instituída a Lei do Divórcio no Brasil.

Neste rastreamento foram encontrados 405 títulos. Ao comparar, no entanto, os resumos obtidos nas bases de dados, percebi que cerca de 140 trabalhos se repetiam, reduzindo a 264 o número total de trabalhos analisados.

Após esta seleção, foi possível compreender como se encontrava a temática paternidade e, assim, visualizar quais os assuntos mais pesquisados e discutidos nos últimos 24 anos. Para melhor demonstrar esta análise, classifiquei estes trabalhos de acordo com os subtemas, apresentados no quadro a seguir.

SUBTEMÁTICA	QUANTIDADE
Paternidade na adolescência	22
Período de gestação e o primeiro ano de vida do bebê	29
Saúde e direitos reprodutivos	11
Paternidade e violência	03
Sexualidade	05
Pais homossexuais e seus filhos	03
Paternidade e trabalho	06
Pais e a escola	03
O papel do pai na família e no desenv. dos filhos	49
Discussões sobre as “novas paternidades”	55
Feminismo e paternidade	04
Paternidade e divórcio	23
Pais sem a guarda dos filhos	29
Pais com guarda dos filhos	23
Total	264

Nesse quadro pode-se notar que as discussões sobre as novas formas de paternidade lideram o *ranking* dos trabalhos pesquisados. É possível identificar, a partir da leitura dos resumos, que há uma tendência à elaboração de um resgate histórico do papel do pai que sirva de suporte para a análise das práticas cotidianas atuais dos homens/pais.

A segunda temática em número de publicações é o papel do pai na família e no desenvolvimento dos filhos. Nestes trabalhos, evidencia-se a preocupação em discutir o papel do pai na família, a importância de sua presença e, através de uma abordagem psicopatológica, fala-se das consequências de sua ausência, tanto física como emocional. Em alguns artigos que discutem a ausência física do pai, entretanto, argumenta-se que esta,

se bem trabalhada, pode ajudar as crianças a lidarem com perdas e/ou conflitos. O restante aborda o papel do pai, a questão da autoridade e da violência.

Além disso, pode-se observar que temáticas recentes já estão sendo estudadas academicamente, como, por exemplo, homens/pais homossexuais e os seus filhos. Chama a atenção a quantidade de trabalhos escritos, majoritariamente a partir de 1990, sobre os homens e a transição para a paternidade, abordando seus medos, conflitos e fantasias em relação ao primeiro ano de vida do bebê.

A paternidade na adolescência aparece como outro tema bastante pesquisado. Nos estudos encontrados, no entanto, o foco está centrado predominantemente nas consequências negativas que a gravidez pode trazer para a vida do rapaz. Apenas um desses tematizava o adolescente como um sujeito de direitos reprodutivos. A ótica observada na maioria das pesquisas é a de que o adolescente é sujeitado a impulsos sexuais e a crises que têm, entre outras decorrências negativas, a gravidez indesejada.

O quadro também mostra que o tema divórcio se destaca em 72 trabalhos publicados, sendo que atualmente os países que mais se ocupam dessa questão são os Estados Unidos da América, a França e a Inglaterra.

Para uma visualização mais clara de como foi abordada a questão da guarda nesses resumos, realizei a seguinte divisão: paternidade e divórcio e paternidade e guarda, na qual existe uma separação entre homens/pais sem guarda e com guarda. O primeiro grupo – paternidade e divórcio – inclui textos que discutem os direitos dos homens/pais e, principalmente, o sustento financeiro pós-divórcio para os filhos e como se mantêm os relacionamentos com estes. Podem ser citados aqui os seguintes trabalhos: *“Pais divorciados humilhados, desmoralizados e privados dos direitos: uma revisão da literatura.”* (Nielsen, 2000), *“O movimento de direitos dos pais: contradições na retórica e na prática.”* (Bertola; Drakich, 2000), *“Trocando de família: paternidade e suporte econômico para as crianças”* (Manning; Smock, 2000).

Quanto ao segundo grupo – paternidade e guarda – nos textos pesquisados chama a atenção que o pai está, na maioria deles, ligado à não-custódia, como se fosse natural este não querer/poder ficar com os filhos.

Dos estudos relacionados à não-guarda, muitos enfocam como os pais se sentiram após a separação dos filhos, alguns chegando a mencionar uma possível depressão dos homens/pais depois desse episódio. Como exemplos, há trabalhos como: *“Perdas da paternidade: respostas de stress traumático em pais divorciados separados de suas*

crianças: implicações clínicas, profissionais e éticas.” (Honeycutt, 1995), “*O que os pais dizem sobre o envolvimento com os filhos após a separação.*” (Seltzer; Brandreth, 1995)

Apesar de haver uma pequena diferença quantitativa entre os estudos sobre pais com a guarda e sem a guarda dos filhos, existe um aspecto importante a ressaltar: os trabalhos em relação a homens/pais com a guarda referem-se, em sua maioria, a um debate sobre como os filhos percebem essa situação, como o pai influencia no desenvolvimento das crianças, ou sobre as transformações nas organizações familiares. Por exemplo: “*Pais com custódia e o desenvolvimento social em garotos e garota.*” (Santrock; Warshak, 1979), “*A família do pai sozinho: características demográficas, econômicas e o uso do vale-transporte*” (Brown, 2000).

Interessante apontar que são poucos os trabalhos que abordam os sentimentos, preconceitos e dificuldades pelos quais passam os homens/pais no momento da separação ou durante a “luta” pela guarda, tanto no âmbito nacional, como internacionalmente.

Dentre estes, destacam-se os trabalhos de Ridenti (1998 e 2000), sendo que o primeiro é um artigo, e o segundo, sua dissertação de mestrado, nos quais o enfoque está em debater a desigualdade de gênero nas relações parentais, ressaltando a questão da guarda dos filhos. Entretanto, estes não abordaram diretamente os homens/pais nesta situação. A pesquisadora entrevistou homens casados, investigando o que eles pensavam sobre ficar com a guarda dos filhos. A dissertação desenvolve uma excelente discussão sobre as questões de gênero e paternidade.

Todavia, ainda nacionalmente, é referência para esta dissertação de mestrado, a tese de doutorado de Rosane Mantilla de Souza, intitulada “*Paternidade em transformação: o pai singular e sua família*”, defendida em 1994 na PUC/SP. Nesta pesquisa, a autora entrevista 12 pais/homens de camadas médias de São Paulo que, naquela época, possuíam a guarda dos filhos e, através de entrevistas semi-estruturadas, aprofunda a temática, investigando toda a história de vida dos sujeitos. Quanto ao referencial teórico, utiliza conceitos da área clínica da Psicologia, acrescentando discussões de gênero.

Esse trabalho se diferencia da presente dissertação em alguns aspectos importantes. O primeiro deles é a cidade em que os sujeitos foram entrevistados, ou seja, Florianópolis, cidade turística com várias praias e que, apesar de estarem aumentando o índice de violência e a pauperização da população, ainda é considerada, até mesmo por revistas de circulação nacional, como a *Veja*, como a capital brasileira com a melhor qualidade de vida. Em contrapartida, São Paulo é reconhecidamente uma cidade com o índice de violência elevado,

sendo porém o maior centro cultural do País, o que, não acontece com Florianópolis. Essa diferença de local é de suma importância, pois isto influencia no modo de vida dos sujeitos e nas estruturas familiares destes, isto é, a forma e intensidade das hierarquias entre os seus membros e na igualdade entre eles. Outro aspecto importante a ressaltar é que na tese de Souza (1994) a ênfase está em fazer uma reconstituição da vida dos sujeitos para poder entender o que “possibilita a uns, desenvolver vínculos tão fortes e outros tão frágeis” (Souza, 1994, p.13) e no que a paternidade singular contribui para isto. A presente dissertação, por outro lado, o enfoque está em como os homens se organizaram/reorganizaram suas vidas pós-divórcio e também em como se sentiram na época deste e da aquisição da guarda. Entretanto, faz-se como Souza(1994), um levantamento da vida do sujeitos desde as relações com as famílias de origem, com o intuito de perceber se existiram relações e situações que constituíram sujeitos possibilitando esta tomada de decisão.

Ainda é possível apontar para o que considero a principal diferença entre esses dois trabalhos, ou seja, o olhar teórico. Na presente dissertação, este está pautado principalmente nas discussões de gênero, incluindo os estudos sobre masculinidades/paternidades. Entretanto, a concepção de homem e mundo aqui está baseada na abordagem histórico-cultural e, a tese de Souza (1994), no pensamento sistêmico construtivista.

Um trabalho que chama a atenção e aborda enfaticamente os sentimentos dos homens é “*Sentimentos dos homens antes e após o divórcio*”, escrito por Cirilo Magagnin, Fabiane N. Backes e Simone Magagnin em 1996 na *Aletheia Revista* do curso de Psicologia. Este artigo demonstra a falta de pesquisas sobre esta temática e como se negligenciam as emoções masculinas nesta situação conflituosa.

No âmbito internacional, é importante mencionar o artigo de Hetherington e Stanley-Hagan (1997) intitulado “*Os efeitos do divórcio sobre os pais e suas crianças*”, no qual os autores fazem uma ampla discussão sobre as chances de os pais obterem a custódia dos filhos e apontam também que, em 1994, nos Estados Unidos da América, uma entre seis crianças com progenitores divorciados residiam com o pai. Consideram ainda que nos Estados Unidos da América aquele modelo constituído por pai, mãe e filhos, ou seja, a tradicional família nuclear, está sendo superado, pois a proporção de famílias reconstituídas é de 16 para uma, sendo que até os 16 anos, provavelmente, as crianças presenciarão dois novos casamentos de seu pai e/ou sua mãe. Neste artigo também é enfatizado que o desenvolvimento, pela criança, de algum tipo de psicopatologia após o divórcio pode não ter

sido gerado apenas em consequência da separação dos pais, mas também por dificuldades que já ocorriam antes deste fato nas relações intrafamiliares.

Michel Lamb, entretanto, no levantamento bibliográfico realizado, é o autor que mais possui trabalhos na temática homens-guarda-divórcio, possuindo artigos que vão desde a análise histórica da paternidade, passando pela discussão sobre as políticas públicas até aqueles sobre como as crianças se vinculam aos homens/pais que ficaram com a guarda. Pode-se citar aqui os seguintes trabalhos do autor para uma melhor visualização da sua complexidade: *“Paternidade e políticas sociais na perspectiva internacional: uma introdução”*(1983); *“Comportamento paterno e desenvolvimento da criança em famílias não tradicionais: uma introdução”*(1982); *“O papel do pai: perspectivas”*(1986); *“Paternidade então e agora”*(1998) entre outros. Para quem vai pesquisar paternidade sua leitura é fundamental, pois pode-se perceber que este autor dedica-se a esta temática a uma década..

Juntamente com este autor, Pleck também se destaca por realizar trabalhos na linha comportamental em laboratório, os quais investigam a formação do vínculo pai-crianças corroborando as idéias de Lamb (1997).

A análise da literatura que intercruza paternidade com guarda dos filhos demonstra que estas discussões foram intensificadas a partir de 1995, apesar de o primeiro trabalho encontrado datar de 1978. Este é uma dissertação realizada na Inglaterra por Roberta S. Greene, a qual tem um título muito significativo: *“Paternidade atípica: pais sozinhos com custódia”*. Nele encontra-se, com grande ênfase, a preocupação com o desenvolvimento saudável dos filhos criados por um homem, isto é, nesta época esse comportamento era considerado anormal. Entretanto, atualmente, alguns artigos já colocam em dúvida a “aptidão feminina” para criar filhos, desmitificando a idéia de que os homens não podem e não sabem cuidar de crianças pequenas. Um exemplo é o trabalho *“Mudando as conceitualizações sobre pais solitários na Inglaterra: pais solitários ou única mãe”*(Song, 1996), no qual é assinala-se que os homens aprendem a realizar as mesmas tarefas que as mulheres.

Apesar de haver uma pequena mudança na abordagem da questão dos homens/pais com a guarda, estudos como os de Arilha (1998) e Villa (1999) indicam que a educação dos filhos ainda é considerada um aspecto de responsabilidade das mulheres e que os homens devem estar voltados para o sustento financeiro da família. Corroborando esta afirmação, Lyra (1998) afirma que isso está relacionado ao fato de que a concepção e a criação dos

filhos ainda estão culturalmente relacionadas a atributos femininos, incluindo o pai muito discretamente, sendo que a família ainda é um dos principais grupos mediadores desta dicotomia.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Família e Constituição do Sujeito

A instituição familiar vem sendo alvo de estudos em várias áreas e, na Psicologia, não se dá diferentemente. Entretanto, esses trabalhos (Sarti, 1996; Romanelli, 1995; Siqueira, 1997) vêm apontando a necessidade de contextualização das famílias que são pesquisadas, isto é, a concepção de família como uma organização histórica e cultural. O precursor desse olhar foi Lévi-Strauss, pois, como afirma Sarti (1995), a partir dele:

a família entra definitivamente no terreno da cultura. Para ele, o fundamento da família não está na natureza biológica do homem, mas na sua natureza social; as famílias se constituem como aliança entre grupos. (p.41)

A partir dessa inovação, pode-se entender que as mudanças sociais também atingem as famílias e modificam as interações familiares. Cabe neste caso ressaltar o conceito de família formulado por Bruschini & Ridenti: “são unidades dinâmicas de relações sociais no interior das quais ocorre a reprodução biológica, a produção doméstica, o consumo, a socialização de valores” (p.34).

No entanto, as famílias são também marcadas pelo tempo e pelo espaço social no qual se encontram e se constituem, sendo que atualmente não se pode falar apenas em uma constituição familiar, mas de várias e dinâmicas organizações familiares, a despeito do modelo considerado “normal”: o modelo tradicional nuclear composto por pai e mãe e sua prole, no qual há uma hierarquia entre seus membros, sendo o pai o chefe da casa, e filhos e mulher subordinados a este. Este tipo de modelo é considerado por autores como Figueira (1985) como a organização familiar que menos prevalece nos tempos atuais. Estudos como o de Figueira (1985), Corrêa (1981) e de Samara (1986) têm se preocupado em desnaturalizar essa noção de família do tipo “normal”.

Entretanto, cabe ressaltar que mesmo que muitas famílias não correspondam às características deste tipo de organização, e nem poderiam fazê-lo em função do modelo ideal ser algo inalcançável, ele ainda é uma referência no imaginário social.

Figueira (1985) chama a atenção para o caráter histórico das organizações familiares. Neste sentido, este autor analisa as famílias contemporâneas como atravessadas

por padrões oriundos da modernidade, no sentido do modelo burguês conjugal e nuclear, ressaltando, no entanto, as mudanças pelas quais vêm passando. Pode-se dizer, então, que as famílias atuais guardam características antigas convivendo com novas. Enfatiza o autor a importância de se entender que, no nível de produtos de consumo e tecnologias, o ritmo de modernização é acelerado. Entretanto, a subjetividade não acompanha esta velocidade, co-existindo valores antigos, como aqueles do patriarcado, e novos, como aqueles propalados pelos discursos mais recentes sobre a sexualidade. Explica ainda que o processo de mudança das relações familiares não é uma sobreposição de valores apenas, mas um movimento conflituoso entre valores que não se dá linearmente, pois modificações de comportamentos e mentalidades se dão através de rupturas e brechas contraditórias as quais possibilitam saltos em direção à transformação. Por isso, hoje, é possível se observar famílias que possuem comportamentos de divisão de tarefas, mas que ainda possuem uma hierarquização das posições, sendo o pai aquele considerado chefe da casa.

Para Sarti (1995) a família atual enfrenta uma questão a ser repensada, já apontada também por Giddens (1993): o compartilhamento entre a individualidade e os projetos familiares. Hoje as pessoas querem aprender a conviver em grupos e também aprender a serem sós. A autora aponta para esta característica pois entende que esse tipo de necessidade engendra uma outra concepção de família no qual os sujeitos precisam negociar constantemente. Faz sentido a preocupação da autora porque a negociação poderá se dar a partir de *status* diferenciados na hierarquia familiar, dificultando um caráter mais igualitário destes processos.

Retornando ao aspecto histórico das famílias, Corrêa (1981), por sua vez, aponta a importância de se entender que a história contada nos livros é a história de um tipo apenas de família, exatamente aquele que se baseia no modelo patriarcal. No entanto, sempre existiram outras constituições familiares que o questionavam. Essa afirmação é corroborada por Samara (1986) que criticando Freire em seu livro “Casa Grande e Senzala”, considera um equívoco generalizar a família baseada no modelo patriarcal e extensa como o predominante no Brasil na época colonial, pois vários outros modelos coexistiam com este.

Apesar de vários autores (Siqueira, 1997; Almeida, 1987; Samara, 1986; Corrêa, 1981) e alguns estudos feministas apontarem para a inadequação da utilização do conceito de patriarcado como categoria de análise, faz-se necessário ressaltar que este representa uma forma de dominação que predominou por séculos, configurando, como sustenta Almeida (1987, p.55), uma “espécie de matriz que permeia todas as esferas do social”.

As organizações familiares do Brasil-colônia sofreram modificações no século XIX com a chegada das famílias portuguesas sob a influência das diretrizes da Revolução Francesa. Os portugueses, no entanto, encontraram aqui:

uma realidade em que não havia uma classe burguesa citadina, industrial ou comercial, em ascensão, mas ao contrário, a mesma sociedade colonial, formalmente independente, baseada no latifúndio exportador cuja mola essencial era ainda o trabalho escravo. (Almeida, 1987, p.57)

A família burguesa, constituída pela composição que hoje se conhece como família nuclear – casal e filhos – sentiu resistências à adaptação por parte do povo que aqui estava. Tratava-se, então, de uma nova organização familiar voltada para atividades comerciais e industriais. Para conseguir modificar os padrões vigentes na época, os médicos higienistas contribuíram com o discurso do cuidado com a saúde corporal, segundo Costa (1983), concedendo às mulheres o direito ao prazer, sendo estas agora vistas como responsáveis pela satisfação sexual do marido em função das doenças sexualmente transmissíveis existentes na época, como a sífilis.

Paralelamente a este discurso higienista, o cristianismo reforça a diretriz a qual elege o casal como ponto principal do casamento, que, por sua vez, tem a função de gerar e criar os filhos. Neste entendimento as mulheres foram recolocadas no papel de mãe bondosa, responsável pelo bem-estar dos filhos e rainha do lar. Sexo nesta abordagem era somente aceito entre o casal e para a procriação da espécie. Isso não quer dizer que a dupla moral sexual em relação aos homens tenha se transformado; ela continuava ocorrendo, ainda que de forma mais discreta.

A partir desse breve resgate histórico da família brasileira, afirmam Almeida (1987) e Costa (1983) que a família conjugal atual nasceu do entrelaçamento da família patriarcal, dos discursos médico-higienistas, da forte influência do catolicismo e do aburguesamento dos costumes da elite.

Um ponto importante a enfatizar na história da família, como aponta Ariès (1981), foi um deslocamento discursivo, ocorrido por volta do final do século XVIII, no sentido da família, transitando do foco na situação econômica (família feudal), para o da intimidade da família (família conjugal moderna), que engendrou uma modificação no olhar sobre a criança, antes considerada um adulto em miniatura e, muitas vezes, educada fora da família,

para se reconhecer a infância como uma fase importante do desenvolvimento do sujeito. Essa modificação na concepção sobre a infância teve contribuições das Ciências Humanas e Sociais e da Psicologia, sendo esta última a que mais desenvolveu estudos sobre o desenvolvimento infantil e as relações entre pais e filhos. Por outro lado, a contribuição da Psicologia também “normatizou” a família nuclear e a posição da mulher como a principal responsável pelo desenvolvimento emocional saudável das crianças, atribuindo um caráter de desestruturação aquelas famílias que não se enquadrassem neste modelo e culpabilizando os pais, mas principalmente as mães pelos comportamentos inadequados às normas sociais apresentados por seus filhos.

Faz-se importante explicitar o que aqui se compreende sobre a constituição de homens e mulheres, bem como em que sentido a família contribui para isto.

Inicialmente é importante esclarecer que homens e mulheres constituem-se enquanto tal no âmbito das relações sociais sendo, simultaneamente, produtores e produzidos do/pelo contexto histórico. Esta concepção baseia-se na abordagem histórico-cultural, que teve como precursor Vigotski(1998a). Ao entender que o sujeito é inalienavelmente social, compreende-se que a criança, ao ser gerada, já é significada pelo outro.

A família, ou o grupo encarregado da sobrevivência da criança, é a principal mediadora entre a criança e a cultura. Como já foi argumentado aqui, as famílias são constituídas em um tempo histórico e em um contexto sócio-cultural, o que permite dizer que:

A mediação que a família exerce depende, portanto, de sua localização na estrutura social e da maneira pela qual seu funcionamento interno reflete o da esfera mais ampla. Em termos práticos, isto significa que, ao estudar grupos familiares e sujeitos singulares, torna-se fundamental especificar suas condições sócio-econômicas e culturais, ou seja, seu lugar na estrutura social que, em última instância, determina as formas de convívio, de comunicação e de uso de signos. (Vigotski, 1998, p.36)

Ademais, de acordo com Siqueira (1997):

as famílias são palco de complexos processos de individuação de seus membros. Em seu cotidiano mantêm várias funções: 1) sua função produtora através da soma de

rendimentos e de consumo; 2) sua função socializadora dos membros que nela nascem e são criados; e , 3) sua função de reprodutora de ideologias, uma vez que repassam hábitos, costumes, valores e padrões de comportamento. (p.44)

Todo esse processo levantado pela autora se dá semioticamente, ou seja, através de um conjunto de signos, os quais são categorias de mediação envolvidas na transformação de funções elementares em funções psicológicas superiores⁸. Segundo Smolka (1995), “são meios de atividade interna, dirigidos para o controle do indivíduo, modificando as próprias operações psicológicas e não o objeto sobre o qual incidem” (p.11)

O conjunto de signos mais utilizado pelo homem é a linguagem. Para Vigotski (1998a), o aparecimento da linguagem permite ao homem, além de se comunicar com os outros, apropriar-se da produção acumulada historicamente pela humanidade e, neste processo, humanizar-se.

Deve-se ressaltar que esse processo de apropriação não é a internalização passiva dos conhecimentos, habilidades, comportamentos e significados produzidos cultural e historicamente pela humanidade, mas sim um processo relacional dinâmico e complexo, de dupla constituição simultânea. O sujeito é constituído pela cultura na medida em que ele a produz.

Entretanto, é importante resgatar que esse processo é permeado de afetos advindos das relações entabuladas com inúmeros outros significativos com os quais os sujeitos convivem. Ademais, neste processo de apropriação o sujeito internaliza não a ação em si, mas sua significação, sendo até mesmo as funções mais simples, ligadas à própria sobrevivência, como o alimentar, o dormir, etc., mediadas semioticamente pela sociedade na qual os sujeitos estão inseridos. Segundo Pino (1993), é consenso que a criança só passa da atividade prática infantil às formas adultas de atividade mental quando tem acesso ao universo dos signos.

No que se refere à significação, pode-se dizer que é o conjunto composto por signo, significado e sentido. Vigotski (1998 a), refere-se ao significado como algo mais estável e ligado à cultura de um povo, sendo que “uma palavra sem significado é um som

⁸ Para Vigotski (1998) são funções psicológicas superiores aquelas atividades exclusivamente humanas: a consciência, o pensamento, a fala, a memória e a vontade. Para este autor, todas essas funções se constituem nas e pelas relações sociais, originando-se, portanto, das relações entre indivíduos.

vazio”.(p.150) Já o sentido está relacionado com a experiência pessoal do sujeito. Segundo Pino (1993):

há uma diferenciação importante da existência de um duplo referencial semântico nos processos de significação: um, formado pelos sistemas de significação construídos ao longo da história social e cultural dos povos; o outro, formado pela experiência pessoal e social de cada indivíduo, evocado em cada ato discursivo. O primeiro, institucional, é relativamente fixo, não obstante sua natureza dinâmica; o segundo, ao contrário, extremamente dinâmico que se faz e refaz nos processos discursivos. (Pino, 1993, p.21).

Reiterando o ponto de vista acima, é nas relações familiares, ou no grupo responsável pela sobrevivência da criança pequena, que ela apreende as primeiras significações sobre as coisas, eventos, ações e pessoas, incluindo ela própria. Estes significados partilhados socialmente incluem as atribuições de gênero. Neste sentido, pode-se dizer que, uma criança, ao nascer, possui uma genitália de macho/fêmea/hermafrodita, constituindo-se como sujeito generificado a partir dos significados que os outros de seu grupo atribuem a esta genitália (Scott, 1990). Os grupos nos quais as crianças se inserem são encarregados de fazer a mediação entre elas e a sociedade mais ampla. Esta mediação é fundamentalmente semiótica, o que quer dizer que não se trata da mera sobrevivência biológica, mas da constituição do sujeito em seu grupo cultural, como sujeito simbólico.

Em função de a família ser organizada por aspectos de ordem cultural, entre eles as posições relativas de classe e de gênero, pode-se dizer, conforme Siqueira (1997), que a família:

é um dos *locus* das relações de gênero, quicá o mais marcante, por ser o primeiro e pela importância das relações afetivas que engendra. Como tal, carrega toda sua desigualdade caracterísitca. A divisão sexual do trabalho demonstra claramente como a demarcação de gênero se faz presente neste território. (p.37)

Faz-se necessário, então, expor o conceito principal deste trabalho – o de gênero.

3.2. Gênero

Como foi explicitado, a família ou grupo de origem introduz o sujeito na sociedade e, dependendo do sexo da criança, essa inserção será encaminhada, provavelmente, de maneira diferente de acordo com os padrões culturais acordados pelo seu grupo social para o que é masculino e o que é feminino.

Em relação a essa diferenciação sexual, pode-se afirmar, portanto, que ela não é biológica. É produzida por um discurso social, sendo que esta produção cultural se estende até mesmo sobre o sexo anatômico. Visto que o próprio sexo e a anatomia dos sujeitos são carregados de significados sócio-culturais. Homens e mulheres, então, não são diferentes apenas porque possuem um sexo biológico que não é anatomicamente igual, mas porque são construídos através do discurso de cada época e cultura. Saffioti (1994) aponta que sentimos o sexo como algo individual e privado, ou seja, um “fato natural do ser humano”, mas ele está recheado de significados atribuídos social e historicamente através do discurso. Nesse sentido, está-se falando de um conceito mais amplo que o de sexo, ou seja, o de gênero. Segundo Scott (1998) gênero é:

a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos. (Scott, 1998, p.115).

O corpo anátomo-fisiológico, tanto de homens como mulheres, é primordial para sua definição no grupo em que vivem. Entretanto, este aspecto não é o suficiente para torná-los seres masculinos ou femininos, o que isto significa que o gênero é expressado e constituído através das relações sociais.

Unbehaum (2000) coloca que gênero não é apenas um conceito que descreve as relações entre os sexos, mas é uma categoria que “permite desvelar significados atribuídos às relações sociais e aos comportamentos individuais em nossa sociedade.”(p.19) Essa categoria descritiva-analítica é um princípio organizador da sociedade inter-relacionado com raça/etnia, classe, geração permitindo compreender as relações sociais que são também históricas.

Além de ser uma categoria descritiva-analítica, o gênero investiga as relações entre masculino-feminino através do entendimento de que estas são relacionais, contraditórias, dialéticas e históricas. O aspecto relacional se dá no contraste permanente com o outro, ressaltando a tensão entre masculino e feminino e avançando quando se entende que jogos de poder e assimetrias se encontram entre os homens, entre as mulheres, entre adultos e crianças e até dentro dos próprios grupos, entre outros. Nas palavras de Saffioti (1992):

Como gênero é relacional, quer enquanto categoria analítica, quer enquanto processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm lugar. (p.187)

Falar do caráter relacional do gênero não significa que todo estudo deva pesquisar simultaneamente homens e mulheres, mas:

devem considerar as percepções sobre masculino e feminino como dependentes, ao mesmo tempo que constitutivas, das relações sociais. É dizer também que o gênero possibilita estudar as categorizações cujos referentes falam da distinção sexual, mesmo onde os sujeitos não estão presentes. (Costa, 1998, p.187)

O gênero, como conceito, surgiu no bojo do movimento feminista anglo-saxão, na década de 70, quando as mulheres passaram a reivindicar seus direitos, tanto políticos como reprodutivos. Estas começaram, também, a se “infiltrar”, com mais sistematicidade, nas universidades e contribuíram para um redirecionamento dos estudos nas Ciências Humanas e Sociais, buscando a descriminalização das atribuições masculinas e femininas, bem como, denunciar a desvalorização, a inferiorização e a submissão femininas. Com isto, apareceram os “estudos de mulheres” que abriram caminho para uma calorosa discussão sobre as masculinidades e feminilidades, na qual a assimetria destas relações não era questionada. No Brasil, no entanto, segundo Lyra (1988) o movimento consolidou-se em 1975 com a declaração do Ano Internacional da Mulher, instituído pela ONU.

Alguns estudos, ainda hoje, têm relacionado os homens com o genérico ser humano, e gênero é visto como sinônimo de mulher, como aponta Medrado (2000). Esta

relação de gênero com as mulheres deve-se em parte ao fato da categoria gênero ter sido gestada no âmbito do movimento feminista.

Gênero, no entanto, não é sinônimo de feminismo. Ao se compreender gênero como uma categoria de análise relacional, segundo Siqueira (1997), é possível romper com as interpretações dicotômicas como a de dominador-dominado, tentando assim entender como historicamente foram constituídas as relações entre masculinidades e feminilidades, a fim de poder analisar os interjogos estabelecidos nestas relações.

Retirar o foco do feminino não significa deixar de entender que as mulheres tiveram e têm seu campo de opções reduzido, “sendo objeto de um processo de dominação-exploração histórico”, segundo Saffioti (1994, p.277). Entretanto, é importante ressaltar que essa relação dominação-exploração é constituída por contradição, entendendo que mesmo a parte que é explorada possui seus poderes integrados a essa relação. Existe, ainda, a possibilidade do movimento de resistência, sendo que este possibilita uma “modificação-ampliação na estrutura de poder”, (Saffioti, 1992, p.184), e, conseqüentemente, mudanças na relação masculino-feminino.

Masculino e feminino são entendidos aqui como descolados de homens e mulheres. Strathern (1988) afirma que gênero:

é entendido como as categorizações de pessoas, artefatos, eventos, seqüências e tudo o que desenha a imagem sexual, indicando os meios pelos quais as características de masculino e feminino tornam concretas as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais. (Strathern apud Costa, 1998, p. 186)

Gênero, portanto, engloba mais do que sujeitos sexuais, abrangendo também as relações que são estabelecidas e atribuídas ao masculino e feminino. Sendo assim, a masculinidade em determinadas situações, pode estar se referindo às mulheres e vice-versa. Nas palavras de Almeida (1996): “Masculinidade e feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres: são metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres.” (p.162)

Dito isto, faz-se necessário esclarecer que o corpo é uma metáfora que permite, segundo Almeida (1996), “nas nossas circunstâncias históricas e culturais, um processo resistente de legitimação da ordem social – o essencialismo.” (p.165)

Bourdieu (1999), por sua vez, afirma que o discurso sobre as diferenças biológicas acaba por naturalizá-las e também por confirmá-las no percurso da vida dos sujeitos, pois este está incorporado tanto no pensamento como na ação dos sujeitos. Entretanto, o corpo é construído e revestido de significação social. Nas palavras do autor:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.(...) de modo que o simbolismo que lhes é atributo é, ao mesmo tempo, convencional e ‘motivado’, e assim percebido como quase natural. (...) uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas. (Bourdieu, 1999, p.20)

Como os corpos são revestidos de significados sociais, pode-se afirmar que o gênero é uma categoria fundante do sujeito, sendo necessária a articulação com outras categorias, como classe, raça/etnia e geração.

Figueira (1985) aponta que no contexto do processo de modernização, um dos aspectos que apresenta mais dificuldades para modificações são as relações de gênero. Pode-se notar isso, como afirma Cruz (1998) na diferença de mediação na educação de meninos e meninas tanto em casa como na própria creche ou escola.

Fazendo uma paródia a uma frase Simone de Beauvoir - “a anatomia não é um destino”- Parrini (2000) propõe: “a tal corpo ou marca corporal, tal destino, certa subjetividade, determinados desejos...”(p.3), ressaltando que a diferença sexual anatomicamente construída influenciará o processo de constituição do sujeito.

3.3. Masculinidade

Os primeiros trabalhos que discutiram o conceito de gênero como categoria de análise relacional desenvolveram o germen dos estudos de masculinidades, pois propuseram

a desnaturalização das categorias homem e mulher. Também buscaram explicações mais complexas e contextualizadas dos sujeitos para o entendimento do masculino-feminino. Pode-se citar aqui o trabalho de Joan Scott (1990), que já apontava a necessidade de estudar o aspecto relacional do gênero.

Estudar as masculinidades, de uma certa forma, significa aprofundar e ampliar a categoria gênero. Sabe-se que constituem as relações tramas, conflitos e práticas e, principalmente atores, que produzem e reproduzem aspectos históricos e sociais. Então, estudar o masculino é tentar reconhecer a necessidade política e teórica de especificar as “dinâmicas deste no sistema e assinalar o modo no qual se configura a masculinidade” (Parrini, 2000, p.2)

A partir dos anos setenta, os primeiros estudos sobre masculinidades foram desenvolvidos por anglo-saxônicos. As problemáticas relacionadas aos homens tornaram-se alvos de estudos científicos e não-científicos. Passou-se até a falar em “crise da masculinidade”, ou na angústia que o movimento das mulheres estava ocasionando nos homens, que ficavam cada vez mais sem saber como se comportar frente a essas mudanças, segundo Parrini (2000)

Os estudos sobre masculinidade têm buscado investigar as diversas formas pelas quais se configuram as pautas sobre o masculino, apresentando à discussão a tese de que não há uma masculinidade universal, isto é, “ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos”, segundo Kimmel (1998).

Depreende-se dessa discussão, portanto, a impossibilidade de se falar da/na masculinidade, mas sim em masculinidades, pois aspectos como raça/etnia, geração, momento histórico e classe, perpassam o sujeito, sendo este multiconstituído. Então, como as feminilidades, as masculinidades são, segundo Garcia (1998), construídas social e historicamente, são mutáveis e relacionais. Falar em masculinidade e em feminilidade é referir-se a abstrações e não a homens e mulheres concretos que vivem e se constituem enquanto sujeitos de forma singular.

Esta concepção, a qual norteia o entendimento das masculinidades nesta pesquisa tem como o autor pioneiro Connell. Para este, a masculinidade “só existe em contraste com a feminilidade” (Connell, 1997, p.32).

Na cultura européia e americana ser homem é possuir deveres específicos, como, por exemplo, na idade adulta, o de sustentar a família e, na adolescência⁹, o de provar em todos os momentos sua virilidade e, conseqüentemente, sua masculinidade. Badinter (1993) corrobora este aspecto dizendo que a masculinidade não é tão natural quanto parece, sendo sempre exigido dos homens que se comprove a todo momento que é viril. A virilidade, segundo Bourdieu (1999), é relacional, “construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”. (p.67)

Nas palavras de Badinter (1993):

Ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres. É mais raro ouvir ‘seja mulher’ como uma chamada à ordem, enquanto a exortação feita ao menino, ao adolescente e mesmo ao adulto masculino é lugar-comum na maioria das sociedades. (Badinter, 1993, p.4)

Essas exigências feitas aos homens pode-se dizer que pertencem ao que Connell (1997) denomina como masculinidade hegemônica, ou seja, um modelo, portanto ideal, que perpassa os comportamentos e as mentalidades dos sujeitos, controlando imageticamente as relações entre homens e mulheres.

Quando se refere à masculinidade hegemônica, Connell está readaptando de Gramsci, pensador marxista, um conceito que vem da teoria política – o de hegemonia – que “se refere à dinâmica cultural pela qual um grupo exige e sustenta uma posição de liderança na vida social.” (Connell, 1997, 39)

Importante ressaltar que Gramsci (1986) aponta para as características que influenciam este conceito, que são a historicidade o contexto. Isto é, dependendo do período histórico e do grupo social em que se está inserido, a ideologia da hegemonia pode se diferenciar. Connell (1997), afirma que:

⁹ Aqui o termo adolescência está sendo usado para designar período no qual começam a ocorrer transformações corporais, sociais e psicológicas no indivíduo. Transformações estas que são denominadas e constituídas no interior de uma dada cultura e época. Desta maneira, entende-se que esta é um advento da modernidade e da camada social mais favorecida.

La masculinidad hegemónica se puede definir como la configuración de práctica genérica que encarna la respuesta corrientemente aceptada al problema de la legitimidade del patriarcado, la que garantiza (o se toma para garantizar) la posición dominante de los hombres y la subordinación de las mujeres. (p.39)

Um homem, para se enquadrar no perfil esperado para este modelo, deve ser branco, monogâmico, heterossexual, profissional bem-sucedido, com filhos, cristão, bem-educado, entre outras características. Entretanto, como todo modelo, a masculinidade hegemônica é inalcançável – é ideal. Tentar adotá-lo impossibilita os homens de serem mais sensíveis e de assumirem comportamentos que seriam considerados femininos, como, por exemplo, o cuidar. Além disso, pode-se afirmar que, nesse modelo, o sexismo e a homofobia aparecem como características principais.

Em uma pesquisa citada por Garcia (1998), realizada nos Estados Unidos e que investigou as características básicas da masculinidade americana, confirma-se o modelo descrito por Connell:

1. No sissy stuff: os homens não podem fazer nada que remotamente sugira feminilidade. A masculinidade é vivenciada com um repúdio e uma desvalorização do feminino; 2. Be a big wheel: a masculinidade é medida pelo poder, pela riqueza e pelo sucesso adquiridos pelos homens; 3. Be a sturdy oak: a masculinidade depende do homem emocionalmente reservado. A dependência em momento de crise requer que os homens não revelem seus sentimentos; 4. Give ‘em hell: arrisque-se sempre, mesmo que para isso tenha que se utilizar de meios agressivos. (Garcia, 1998, p.42)

Mostra-se com isto que, para os sujeitos que tentam se aproximar deste ideal, a possibilidade de comportamentos acaba sendo limitada. Já que possuem restrições do que um “homem de verdade” pode fazer e um número determinado de comportamentos que podem ter.

Medrado (1998), comentando Almeida (1996), faz uma observação importante: deve-se ter o cuidado para não se criar um novo modelo hegemônico, no qual as exigências sobre os homens, como, por exemplo, o chavão de que este precisa ser sensível, se moldem a novos padrões de comportamentos rígidos, os quais continuam não permitindo ao sujeito a decisão e responsabilidade de sua própria escolha de conduta.

O conceito de masculinidade hegemônica, contudo, segundo Parrini (2000), instaurou uma preocupação com uma análise interpretativa da masculinidade, mais complexa e contextualizada. Redefiniu o foco dos estudos sobre o masculino, retirando estes da “engenhoca psicologizante”¹⁰, para reconhecer as “tramas identitárias que as conformam, as relações de poder que supõem e as tensões que atravessam quando sucedem processos de transformação na estrutura e vínculos familiares.” (Parrini, 2000, p.7)

Quando se fala em um modelo hegemônico se pensa logo em uma temática relevante: o poder. Quanto ao exercício deste, pode-se dizer que entre os gêneros e dentro do próprio gênero as relações são assimétricas, seja em função da classe, da escolha sexual, da raça/etnia, ou da geração.

Kimmel (1998) aponta que

Enquanto o ideal hegemônico estava sendo criado, ele foi criado num contexto de oposição a ‘outros’ cuja masculinidade era assim problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros. (p.105)

Nesse modelo de masculinidade hegemônica tudo que está fora dos padrões ditados por este ideal é subordinado, ou seja, mulheres e outros homens que apresentem outras formas de masculinidades.

Kimmel (1998, p.113) coloca que a principal forma de os homens demonstrarem “a sua aquisição bem-sucedida de masculinidade era através da desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno, na criação do outro.”

Também é importante ressaltar que esse modelo não é único e nem estático, isso dependerá do grupo social e do momento histórico que se está discutindo. Corroborando essa afirmação, Parrini (2000) aponta que “uma forma de masculinidade pode ser exaltada em vez de outra, mas este é o caso que uma certa hegemonia tenderá a estabelecer-se somente quando existe alguma correspondência entre determinado ideal cultural e um poder institucional” (p.4), sendo que todo aquele que não se aproximar desse modelo será marginalizado e estigmatizado.

¹⁰ Engenhoca psicologizante é um termo que refere-se a possibilidade da psicologia poder virar um psicologismo, ter sempre uma explicação que aparentemente pode ser científica.

O poder é visto por Kaufman (2001) como uma construção que é ao mesmo tempo prazerosa e também não prazerosa, pois coloca quem o detém em uma armadura pessoal, tornando-o insensível, não-empático, contribuindo com isto para a incapacidade de ver o sofrimento do outro. Mas, apesar dos deveres parecerem árduos, “o benefício está em poder exercer algum poder”. Esse privilégio – o exercício do poder – entretanto, afirma o autor citado acima, também é fonte de dor e alienação. Corneau (1995) e Nolasco (1995), corroboram as idéias de Kaufman (2001) quando investigam e analisam homens de camadas médias, apontando que o poder tem sido um fardo para os homens, os quais começam a rejeitá-lo e a discutirem a chamada “crise da masculinidade” em pequenos grupos.

Oliveira (1998) chama a atenção para esse tipo de afirmação, na qual o poder é colocado como um fardo para aqueles que o possuem, pois ela se enquadra em uma abordagem que estuda as masculinidades através de um enfoque que acaba sendo vitimário. Então, é importante entender que talvez o que proporcione o sofrimento seja querer alcançar e se manter próximo a um ideal de masculinidade, o qual não oferece flexibilidade para os comportamentos nem expressões de emoções que não estejam admitidas como pertencentes ao masculino.

Kimmel (1998) aborda a questão do poder masculino como algo constituinte das relações entre os gêneros e concorda com o benefício apontado por Kaufman (2001). No entanto, aponta para a característica da invisibilidade que o poder possui para aqueles que o detêm e, muitas vezes, também para os subalternos a este. Em suas palavras, “esta questão da invisibilidade é ela mesma uma questão política: os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são, deste modo, privilegiados.” (Kimmel, 1998, p.105)

Essa invisibilidade já foi considerada anteriormente por Pierre (1999), em seu livro “A dominação masculina”. Entretanto ele fala de violência simbólica, a qual é uma das características da dominação masculina. Então esta é:

insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (1999, p 8)

O reconhecimento da dominação exercida pelos homens, segundo Kimmel (1998), é extremamente difícil, pois dar visibilidade a esse poder seria perder privilégios. Portanto, conforme o mesmo autor, citando Georg Simmel (1911):

A posição de poder dos homens não apenas assegura sua relativa superioridade sobre a mulher, mas assegura um padrão e este padrão torna-se generalizado como padrão genericamente humano que deve governar igualmente o comportamento de homens e mulheres. Se alguém percebe grosseiramente as relações entre os sexos como relação a relação entre senhor e escravos, então se dará conta que é privilégio dos senhores não ter que pensar continuamente sobre o fato de que são senhores. Ao contrário, a posição do escravo é tal que nunca o deixa esquecer isto. Não há dúvida nenhuma de que a mulher muito mais raramente perde o sentido do que ser mulher significa do que o homem a respeito do que é ser homem. Muito freqüentemente parece que os homens pensam em termos de categorias puramente fatuais sem que o significado de masculinidade entre em jogo; em contraste, parece que a mulher nunca perde sentido disto, seja isto claramente sentido ou esteja apenas subjacente ao fato que elas são, de fato, mulheres (...) quando os subalternos falam é com clareza que somente a visibilidade tem. (Simmel apud Kimmel, 1998, p.116-117)

Segundo Olavarria (apud Oliveira, 2000, p. 93), alguns homens de camadas médias têm repensado e questionado o estereótipo masculino e, com isto, estão começando a relaxar mais os padrões do modelo hegemônico. Entretanto, nos das camadas populares “constata-se o orgulho pelo fato inclusive de se ter de sofrer para ser homem”. Estes encaram a masculinidade como tendo o dever de prover o sustento da família. Esse autor ainda faz uma relação entre essa atitude e a falta de possibilidades no restante da vida social. Comenta que, quanto mais acessos tiverem a outros aspectos da vida social, como emprego, amigos ou lazer, esses sujeitos possuirão maiores condições de afrouxar o modelo de masculinidade hegemônico.

É interessante a colocação desse autor, mas não se pode deixar de considerar que mesmo pertencendo a camadas populares, estes homens não estão excluídos da convivência com outras pessoas de camadas sociais diferentes e nem ao menos das informações que

circulam em todos os segmentos sociais. Sendo assim, segundo Sarti (1996)¹¹, essa inserção proporciona a aquisição de novos códigos sociais, permitindo o questionamento de determinados comportamentos. Importante considerar, também, que estes autores parecem pautar-se no estabelecimento de uma relação direta entre subjetividade/prática e origem de classe. Homens e mulheres, embora constituídos e constituintes por/de seus contextos, singularizam-se através da atribuição de sentidos diferenciados ao que fazem, sentem, percebem, produzem, etc. Atribuir aos homens oriundos das camadas populares sentimentos e práticas conservadoras não deixa de ser um preconceito, uma vez que padrões conservadores, incluindo aqui o sexismo, atravessam todas as camadas sociais.

O movimento realizado por alguns homens e por mulheres, chamado de “crise da masculinidade”, não é uma situação que tenha ocorrido apenas no século passado, outras tentativas de questionamento do poder masculino e também de mudança na concepção dos lugares femininos e masculinos na sociedade já ocorreram em outras épocas. Esta crise está diretamente ligada a história das mulheres, visto que com as reivindicações destas e as mudanças ocorridas ao longo dos anos, desestabilizações da posição do homem vêm paulatinamente acontecendo. Sem a intenção de fazer um resgate histórico, só a título de exemplificação e esclarecimento de que a “crise” a qual muitos autores se referem vem sendo construída ao longo dos séculos, apresenta-se o breve resumo que se segue.

Segundo Badinter (1993), a masculinidade enfrentou questionamentos e atitudes que criticaram seu monopólio. É importante comentar que essas crises possuem características em comum, sendo realizadas por mulheres de países de:

civilização refinada, onde as mulheres desfrutam de uma liberdade maior que em outros lugares; exprimem a necessidade de mudança dos valores dominantes e são consecutivas a perturbações ideológicas, econômicas ou sociais; têm repercussões na organização da família e do trabalho, ou em ambos. Mas o que distingue as duas crises precedentes daquela que hoje conhecemos é que elas tinham um caráter socialmente limitado. Nos séculos XVII e XVIII, a crise só concerne às classes dominantes, ou seja, à aristocracia e à burguesia urbana. Mais extensa e muito mais profunda no final do século XIX, a inquietação masculina encontrará exutórios sucessivos nas duas grandes guerras mundiais. (Badinter, 1993, p.11)

¹¹ A autora não fala diretamente dos homens, mas generaliza para os membros da família de camadas populares.

As crises do século XVII e XVIII ocorreram na França e Inglaterra e foram as primeiras expressões do feminismo nesses locais, atacando veemente o casamento por conveniência e as grosserias que os homens faziam com as mulheres. As inglesas, no entanto, exigem tudo que as francesas queriam mas também a igualdade sexual, ou seja, o direito ao orgasmo. Entretanto, essa revolução foi abafada em 1789: “quando as mulheres reivindicavam publicamente seus direitos de cidadãs, a Convenção, por unanimidade, os recusou.” (Badinter, 1993, p.14) As mulheres, fora do lar

são perigosas para a ordem pública. São exortadas a não se misturarem com homens e lhes é proibida a mais insignificante função extradoméstica ou extramaternal. Reforçado pelo Código Napoleônico e ratificação pela ideologia do século XIX, o dualismo oposicional perdurou por mais de cem anos, até o aparecimento de uma nova crise da masculinidade, mais extensa e mais profunda que a precedente. (Badinter, 1993,p.15)

As crises que se situam-se nos séculos XIX e XX ocorreram tanto na Europa, nos dois países mencionados, quanto nos Estados Unidos. As mulheres continuam reivindicando igualdade sexual e direitos, no entanto, não negam a maternidade e a família. Mas apesar disso, “o homem se sente ameaçado em seus poderes, sua identidade e sua vida cotidiana”.(Badinter, 1993,p. 16) Essa crise, iniciada no século XIX, tornou-se mais forte em função de o movimento feminista abranger mulheres de todas as camadas sociais, possibilitando a maior inserção destas nas universidades e na esfera pública, bem como outros grupos minoritários, como os homossexuais, participando desse questionamento ao padrão de masculinidade.

Outros fatores sociais também vieram a influenciar diretamente no questionamento do lugar dos homens, como o problema da falta de emprego. Segundo Keijzer (2000), a deterioração do poder aquisitivo do homem fez com que este tivesse que repensar alternativas de vida e também dividir a função de provedor com as mulheres. Poucas ainda são as casas que têm o pai como único provedor, principalmente entre as camadas populares. Com isso, a negociação, pelo menos em relação ao sustento da família começou a se modificar.

Outro aspecto que também influenciou a crise do masculino foi a rápida urbanização. Isto porque aqueles homens que migram do meio rural, ao chegarem na cidade, possuem uma maior dificuldade para conseguir emprego do que as mulheres, pois, entre este grande contingente de trabalhadores não qualificados, muitas destas arrumam colocação como empregadas domésticas ou diaristas. É importante ressaltar que esta facilidade das mulheres conseguirem estas ocupações, empregadas domésticas, já ocorria em outras épocas, ficando mais evidente, no entanto, com o processo de urbanização.

Por outro lado, apesar desse questionamento provocado nos homens, alguns autores (Keijzer, 2000; Ridenti, 1998) afirmam que, mesmo com o avanço das mulheres em outros campos que não o doméstico, as relações de casamento e na família pouco têm se modificado, por uma falta de movimento dos homens em direção ao doméstico. Nas palavras de Keijzer (2000):

grande parte da qualidade dessas relações estará dada pela capacidade, sobretudo dos homens, de adaptar-se às mudanças mencionadas e de nossa abertura a processos de negociação que levem a relações de maior equidade e também, de maior riqueza humana. (Keijzer, 2000, p.220)

Por outro lado, os homens historicamente foram retirados e se retiraram da esfera dos cuidados com as crianças envolvidos na paternidade, assim como das discussões sobre direitos reprodutivos, principalmente sobre sua posição quanto às novas tecnologias concepcionais, como o banco de espermatozoides ou mesmo a fertilização em vitro, que colocam os homens na posição de meros reprodutores. Faz-se necessário aqui explicitar o que se entende por direitos reprodutivos.

A saúde reprodutiva é um estado de completo bem-estar físico, mental e social em todas as matérias concernentes ao sistema reprodutivo, suas funções e processos, e não a simples ausência de doença ou enfermidade. A saúde reprodutiva implica, por conseguinte, que a pessoa possa ter uma vida sexual segura e satisfatória, tendo a capacidade de reproduzir e a liberdade de decidir sobre quando e quantas vezes deve fazê-lo. Está implícito nesta última condição o direito de homens e mulheres de serem informados e de terem acesso aos métodos eficientes, seguros, aceitáveis e financeiramente compatíveis de planejamento familiar, assim como a outros

métodos de regulação da fecundidade cuja escolha não contrarie a lei, bem como ao direito de acesso a serviços apropriados de saúde que propiciem às mulheres as condições de passar com segurança pela gestação e pelo parto, proporcionando aos casais uma chance melhor de ter um filho sadio. Em conformidade com a definição acima de saúde reprodutiva, a assistência à saúde reprodutiva é definida como a constelação de métodos, técnicas e serviços que contribuem para a saúde e bem-estar reprodutivos, prevenindo e resolvendo os problemas de saúde sexual, cuja finalidade é a melhoria da qualidade de vida e das relações pessoais, e não o mero aconselhamento e assistência relativos à reprodução e às doenças sexualmente transmissíveis. (CIPD, 1994, p.57).

Ao realizar um resgate de algumas conferências internacionais realizadas ao longo dos anos, como as de Belgrado (1965), Bucarest (1974), México (1984) e também as do Cairo e Beijing, pode-se notar que o intuito destas estava em debater duas temáticas mundiais, ou seja, população e desenvolvimento econômico, político e social. Neste âmbito, pode-se perceber que a preocupação com os direitos reprodutivos e a sexualidade dos homens só foram aparecer como temáticas principais nas duas últimas conferências citadas.

Em 1965, falou-se explicitamente do planejamento familiar e do status da mulher, retirando como diretriz que fossem realizados trabalhos localizados os quais levassem em conta “o tamanho da família e o bem-estar da mãe e da criança, e a proteção dos direitos humanos, em particular os direitos das mulheres”. (Berquó, 1998, p.24) Então, o homem ainda não era foco das discussões.

Em 1974, na Conferência de Bucarest, já aparece a expressão “paternidade responsável”, mas ainda com ênfase no planejamento familiar, na responsabilidade do casal em relação aos filhos. A Conferência do Cairo supera as visões anteriores, principalmente porque reafirma os direitos humanos universais. Esta Conferência foi o lugar de origem do conceito de direitos reprodutivos.

Em síntese, direitos humanos, crescimento sustentado, desenvolvimento sustentável, solidariedade entre gerações e superação das desigualdades de classe, raça e gênero marcaram as recomendações do Plano de Ação do Cairo. (Berquó, 1998, p.27)

No entanto, mesmo com esta indicação da Conferência do Cairo, pode-se perceber, até mesmo no senso comum, a ausência dos homens¹² nas discussões sobre métodos contraceptivos ou mesmo o pouco conhecimento sobre seus corpos. Após o aparecimento da AIDS, isso vem se modificando, mas ainda em ritmo lento. A OMS tem apontado para a necessidade de envolver os homens nos programas públicos de saúde reprodutiva, pois começou-se a entender que eles têm poder de influência na negociação da hora da relação sexual e também na maneira de evitar a gravidez. Garcia (1998, p.34) comenta sobre a negociação entre homens e mulheres, afirmando que “quem tem um poder de negociação e decisão maior sobre a forma e o ritmo das relações sexuais ainda são os homens.” Essa autora ressalta que são poucos os trabalhos no Brasil que se preocupam com os homens, afirmando que a concepção de que a reprodução é uma área feminina norteia a grande parte dos programas voltados para a questão dos direitos sexuais e reprodutivos.

Corroborando a essa afirmação, alguns estudos (Siqueira, 2000; Lyra 1998; Unbehau, 2000; Souza, 1994) têm apontado que os trabalhos voltados para os homens no campo da saúde e dos direitos reprodutivos teriam sido motivados por uma preocupação com a saúde das mulheres e, talvez em proporção menor, com a das crianças. Atribui-se mais ênfase às primeiras, principalmente pela idéia de que estas seriam as principais responsáveis pela taxa de natalidade, sendo necessário, assim, informá-las e orientá-las quanto à sua vida sexual, no caso de doenças sexualmente transmissíveis, e quanto a área reprodutiva. A partir desta concepção, os homens entram para as campanhas de saúde e direitos reprodutivos como objetos e não como sujeitos que apresentam problemas específicos, pois a sexualidade e a reprodução são historicamente construídas de forma diferente para os dois gêneros.

Percebe-se, então, segundo Costa (1998), que os homens passaram a ser alvo de pesquisas e programas de saúde e direitos reprodutivos, pois observou-se que apenas instrumentalizando as mulheres a taxa de natalidade continuava preocupante. Enfim, a influência masculina na reprodução e, principalmente, na contracepção foi considerada e admitiu-se a necessidade de investigações para se conhecer e reconhecer o comportamento sexual dos homens.

Ao se falar de comportamento sexual, precisa-se pensar que este não é construído fora do contexto histórico e das relações sociais que o sujeito integra, em processo de apropriação do discurso e do imaginário social de seu grupo. Com isto, segundo Garcia

¹² Sobre esse assunto ver ARILHA (1998).

(1998,p.36), as “relações entre gênero, poder, hierarquia e reciprocidade, permeiam os encontros sexuais e as relações entre homens e mulheres, dando forma e dinâmica às práticas sexuais e reprodutivas”. A representação simbólica da sexualidade masculina desempenha um papel importante para se entender como se formam as mentalidades e os comportamentos relacionados à reprodução e à sexualidade dos homens.

O comportamento masculino está fortemente ligado à esfera da sexualidade, mas nem tanto à da reprodução, pois esta seria território feminino. Sendo assim, esse lugar foi, com o passar dos tempos, sendo estruturado com pouca participação dos homens.

Como aponta Garcia (1998), os homens foram naturalizados como diretamente ligados ao ato sexual, assim como as mulheres para a reprodução. Isso é corroborado por Cruz (1998), que aponta, através de sua pesquisa, uma concepção dos homens como sujeitos que não controlam sua vontade sexual, portanto, são sempre “estupradores em potencial”.

Assim como as mentalidades e os comportamentos relacionados à sexualidade são historicamente construídos, para Pierre Bourdieu (1999), em sua pesquisa sobre a sociedade Canila, o ato sexual também é determinado por concepções antropológicas e até mesmo cosmológicas, sendo que este está baseado no “princípio do primado da masculinidade”, no qual as mulheres são inferiores ao homem. Por isso, estas deveriam ficar por baixo no ato sexual, sendo esta a posição mais representativa desta dominação e considerada a mais normal socialmente.

Mas, em cima ou embaixo, ativo ou passivo, essas alternativas paralelas descrevem o ato sexual como uma relação de dominação. De modo geral, possuir sexualmente, como em francês *baiser* ou em inglês *to fuck*, é dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar ou, como nós dizemos, ‘possuir’. (...) Uma sociologia política do ato sexual faria ver que, como sempre se dá em uma relação de dominação, as práticas e as representações dos dois sexos não são, de maneira alguma, simétricas. Não só porque as moças e os rapazes têm, até mesmo nas sociedades euro-americanas de hoje, pontos de vista muito diferentes sobre a relação amorosa, na maior parte das vezes pensada pelos homens com a lógica da conquista, mas também porque o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de ‘posse’. (...) O gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar. (Bourdieu, 1999, p.29 e 30)

Villa (1998) e Arilha (1998)¹³ afirmam que, dos homens solteiros, espera-se que tenham várias relações sexuais, sendo que o casamento os obrigaria a assumir maiores responsabilidades, abandonando a “farra” da vida anterior. No trabalho de Villa (id), no entanto, está presente a idéia de que as mulheres são as pedagogas dos homens e decidem sobre o método contraceptivo. Como argumenta Arilha (1998), os homens estão entre a zoeira (solteiros) e a responsabilidade (casados). Para estes últimos, o casamento forneceria uma função social, um lugar de respeito. Importante considerar que estes pesquisadores estão tratando de resultados de pesquisas que, como tais, não significam que todos os homens sejam iguais e que os casados necessariamente sejam monógamos, assim como os solteiros vivam na farra. No entanto, sabe-se que a responsabilidade recíproca no âmbito da sexualidade ainda está longe de ser alcançada.

Essa ressalva feita quanto à fidelidade masculina chama atenção para a dupla moral sexual que faz parte dos discursos e das práticas masculinas, sendo que as mulheres são incluídas nas disputas entre os homens. Segundo Almeida (1996), em sua pesquisa em uma sociedade no Sul de Portugal, denominada Pardais, os homens tinham prestígio quando sustentavam as famílias, mas também gastavam muito fora com outras mulheres. Almeida (1996) ainda comenta a concepção de mulheres para os seus entrevistados:

defendem [os entrevistados] que compete às mulheres legítimas controlá-los, sendo as outras insaciáveis. O duplo padrão ocidental entre a mãe e a prostituta paradigmáticas vigora, deixando a esposa no meio termo ambíguo de mãe (dos filhos) e parceira sexual do homem (se bem que legítima). O modelo da masculinidade é ainda internamente hierarquizante, incluindo por isso o espectro da feminilidade nas disputas pela masculinidade. (Almeida, 1996, p.177)

Um aspecto sobre as masculinidades que os estudos recentemente têm se preocupado em investigar é a afetividade masculina, tanto em relação às amizades quanto à vida amorosa. Almeida (1996), por exemplo, afirma que a amizade entre os homens está muito mais ligada ao lazer, passando principalmente pelo uso de álcool e também pelo jogo. Como as amizades acabam, muitas vezes, se restringindo a estes cenários de lazer, por exemplo, o

¹³ Pesquisa com homens jovens de camadas populares da Argentina e a Arilha com homens camadas populares de São Paulo.

futebol e o bar, a intimidade acaba por não se desenvolver. As conversas ficam no nível do socialmente permitido e a explicitação de sentimentos como angústia, ou medo, ou seja, demonstrar fragilidade, pode dar uma conotação de feminilização. A intimidade é considerada um aspecto muito mais relacionado às amizades femininas.

A fragilidade masculina e a emotividade são expressas através de outros meios, como, por exemplo, a poesia, no caso do estudo de Almeida (1996). Os sentimentos dos homens pesquisados por este autor são exteriorizados e legitimados através das poesias compostas por estes e somente podem ser expressos nelas. Temáticas que discorrem sobre fracasso, amor, saudades poderiam, no dia-a-dia, levar os homens a serem desrespeitados na comunidade, pois as emoções são vistas como elementos da esfera feminina. Em suas palavras: “Sendo a emotividade vista como algo de feminino e a racionalidade como algo de masculino, as emoções e os sentimentos enfraquecem as chances das pessoas, e dos homens em particular, no jogo social.” (id, 1995,p. 181)

Essa exigência de não-explicitação da afetividade se enquadra no modelo hegemônico anteriormente citado nesta dissertação, no qual os sentimentos considerados masculinos se restringem àqueles que têm sua expressão na agressividade. Kaufman (2001) aponta que a expressão dessas emoções consideradas da esfera feminina são incompatíveis com o modelo hegemônico de masculinidade.

Outro ponto que está incluído no modelo acima mencionado é a expressão amorosa antes do casamento. Após este ato, a vida erótica acaba se deteriorando, pois após o casamento são instaurados, como aponta Vicent Muller (1995), os jogos de poder, as competições devido à sensação de segurança e também à necessidade de “prender o outro”.

Almeida (1996) também coloca que a expressão dos sentimentos tem sua época determinada, isto é, antes do casamento. Depois estes se tornam platônicos para os homens, expressos na poesia, e, para as mulheres, através do consumo de telenovelas. No discurso sobre casamento, os homens colocam em tonalidade de sarcasmo e ironia expressões que denigrem o casamento, no entanto, nas poesias que apresentam explicitam composições líricas de amor. Quanto às acusações de culpa, nesse discurso sobre o casamento, as mulheres acusam os homens de não resistirem as outras mulheres (sendo estas últimas as culpadas pelo desvio dos homens) e “os homens culpam as mulheres por os quererem ‘prender’ (...) mas auto-culpabilizam também a sua natureza sexualmente impulsiva e predatória, bem como as mulheres que os seduzem”. (Almeida, 1996, p183)

Apesar de a manifestação da emotividade ser um aspecto ainda pouco discutido, isso tem se modificado em relação à paternidade, na qual os padrões de masculinidade têm se tornado menos rígidos, propiciando a busca de novas práticas e pautas relacionais com os filhos.

3.4. Paternidade

A paternidade é um dos aspectos das masculinidades que vem apresentando maiores transformações, permitindo que já se possa falar em “novas formas de paternidades”. Entretanto, a divisão sexual do trabalho ainda regula as práticas de muitas famílias, ficando a mãe como responsável pela educação da criança e o pai como principal provedor, sendo este aspecto da paternidade reconhecido e reafirmado socialmente.

Essa clássica divisão pode ser entendida a partir de um pequeno levantamento de algumas formas de paternidade em épocas distintas. Segundo Dupuis (1989), por exemplo, entre alguns povos primitivos nômades não havia o conhecimento da participação do homem na reprodução. Consideravam que as mulheres davam à luz e, por isso, eram diferentes e responsáveis pela cria. Mas no período Neolítico, por volta de 5.000 a.C., quando a caça foi sendo complementada com a criação de animais, percebeu-se, através da observação do ato sexual e das gestações destes, que tanto o macho como a fêmea tinham participação na reprodução, isto foi transposto para a relação homem-mulher. No entanto, não resultou em uma apropriação daquela criança nascida em alguém que precisava de cuidados paternos, apenas mostrou que a mulher não era a única responsável pela gestação.

Efetuando um salto temporal considerável, pode-se constatar que, no contexto da Roma Antiga, havia a figura do *pater famílias*, que, ao contrário do período pré-histórico, passou a ser responsável por tudo e todos. Estes – os homens/cidadãos – tinham poder de vida e de morte sobre aqueles que eram considerados parte de seu patrimônio, ou seja – filhos, mulheres, escravos, animais, terras, objetos. O infanticídio não era aprovado, mas, em casos de deformações físicas e mentais e, em outras situações, sob a autorização de um conselho composto por *pater famílias* antigos, poderia ser realizado. Este papel incluía o dever de prover e encaminhar seus dependentes para a vida, mas não o de cuidar das crianças afetiva e fisicamente.

Cabe aqui ressaltar que, quando se fala de *pater familias*, está se referindo a homens considerados cidadãos e não aos escravos que, provavelmente, desenvolviam outras maneiras de se relacionar com seus filhos, uma vez que não eram donos de coisa alguma, sendo eles mesmos propriedade de alguém.

Fazendo outro grande salto temporal, passa-se à família tradicional burguesa, já citada anteriormente neste trabalho, na qual o pai era o responsável por toda a família e seus agregados, sendo a autoridade a ser obedecida e de quem se esperava proteção.

Certamente outras formas de paternidade existiram historicamente, mas, como aponta Costa (1998), a história contada nos livros baseia-se na história das famílias de elite que seguiam o modelo tradicional, isto é, com as atribuições parentais divididas entre “coisas de mulheres” e “coisas de homens”. Apesar desta organização familiar corresponder àquela das camadas dominantes, também norteava e controlava as relações das famílias de outras camadas, funcionando como modelo normatizador e normalizador. Essa organização delimitava a casa como o espaço das mulheres e das crianças, a esfera da intimidade, para a qual os homens retornavam depois do trabalho exercido na esfera pública. É preciso considerar que o âmbito da casa constituiu-se como território feminino, campo de exercícios de poder/resistência, do qual as mulheres, por vezes, relutam em abrir mão.

Este pequeno resgate, mesmo que em saltos, é importante para mostrar que a paternidade também não se constitui fora de um contexto social e de um determinado período histórico. A cada geração existem continuidades, rupturas, fragmentações e saltos qualitativos nos aspectos relacionados aos significados e práticas no campo da paternidade. Deriva daí a dificuldade de se falar na paternidade no singular. A paternidade é uma abstração e, como qualquer conceito, produzida cultural e historicamente. No dizer de Keijzer (2000):

A paternidade é uma posição e função que vem mudando historicamente e tem notáveis variações de uma cultura a outra, assim como nas distintas classes sociais e etnias dentro de um mesmo país. Tem, assim mesmo, especificidades de acordo com a nossa história particular de vida e ao mesmo tempo, significados distintos ao longo do ciclo de vida de um mesmo homem. (Keijzer, 2000, p.216)

Essa concepção da exclusão do pai dos cuidados infantis, segundo Tronto (1997), está relacionada com o fato acima apontado, isto é, o “cuidar de” está naturalizado em muitas

culturas como algo feminino. O masculino relaciona-se com o “cuidar com” ou “preocupar-se com”, e o feminino, com o “cuidar de”, perpetuando a diferenciação tradicional de gênero. Neste sentido, em geral, os homens cuidam da parte pública (dinheiro, carreira profissional) e, as mulheres, da privada, isto é, cuidam de alguém ou alguma coisa dentro de suas casas.

Tronto (1997) comenta, ainda, que existe a necessidade de cuidados com os filhos, mas se pergunta por que o cuidado precisa ser responsabilidade das mulheres, apontando também que estas precisam entender a moral contemporânea para poder enxergar o que está por trás desse “cuidar de”. Condizente com esta linha de argumentação, ou seja, de que há uma norma social que rege as relações de gênero e seus atributos e que é preciso questioná-la, Lyra (1998) afirma que:

as próprias mulheres se esquecerem de que se trata apenas de uma norma social, passível de alteração (...) o pai não é o único enganado pelo sistema ocidental de representação dos papéis dos sexos na procriação: a mãe também se envolve na armadilha de uma experiência de gravidez descrita como ‘realizadora’ e até gloriosa, enfrentando um parto no qual se espera que ela tenha um bom desempenho como um exame escolar, e de um pós-parto no qual se espera que ela realize, momentaneamente, uma espécie de fusão simbiótica com o bebê, tendo por exemplo ‘um ouvido especialmente receptivo para o choro do filho e uma não olfação para as fezes etc. (Lyra, 1998, p.193).

Percebe-se, portanto, que apesar das modificações das feminilidades em relação ao modelo materno, este continua único e sem alterações. Está naturalizado que a criança pertence às mães, que têm o poder sobre os filhos, e o pai é um coadjuvante nesse processo.

Segundo Hurstel (1999), “há 20 anos a ‘questão do pai’ se afirma e se anuncia com uma crescente força na mídia.” (p.25) O pai e a família tornaram-se incertos. Na França, desde 1972, dois temas têm sido debatidos, “a morte do pai” e “os novos pais”. Nesses debates discutem-se o declínio da autoridade total do pai e, com a nova lei da autoridade parental, como ficará o novo pai, qual será sua função. Enfim, existe a perda de referências paternas e, segundo a autora, as concepções futurísticas dos pais recaem em dois modelos: “os pais se tornam idênticos às mães, ou os pais se tornam múltiplos e assim agem diante de uma mãe que permanece única e estável”. (Hurstel, 1999, p.30)

Essa autora ressalta que se pode dividir as publicações referentes aos pais em três períodos após o início do século XX. O primeiro deles é constituído basicamente pelas obras de Freud e de seus discípulos, nas quais se dá ênfase à relação mãe-filho. O segundo, que vai de 1918 a 1968, caracteriza-se por compartilhar e discutir a idéia de “carência paterna”, e o terceiro se caracteriza pela abertura de variados temas sobre a paternidade e pela preocupação em sistematizar esses novos conhecimentos.

Desses três períodos, faz-se importante ressaltar o termo “carência paterna”, que até hoje ainda é citado por alguns estudos, principalmente aqueles que abordam o tema divórcio e suas conseqüências para o desenvolvimento das crianças, sendo esse termo comentado também no senso comum. Estes estudos estavam voltados para os efeitos psicológicos e sociais da ausência do pai ou de algumas características de sua atuação como pai. Surpreendentemente, não foram os profissionais da Psicologia ou da Psiquiatria os primeiros a se preocupar com este aspecto, mas as Autoridades da Igreja. Estas tinham como objetivo manter a estruturação de um tipo determinado de família, na qual o pai é a maior autoridade, como foi “escrito e desejado por Deus”.

Para então poder remediar a ausência da pai, faz-se a introdução de especialistas, como os psicólogos e pedagogos, que estarão acima da família para orientá-las. Neste momento, um bom pai é aquele que “assuma a autoridade sobre mulher e filhos, culto, generoso até a abnegação, possuidor de senso moral e religioso” (Hurstel, 1999, p.38). Em outras palavras, poderia se dizer que seria aquele que se enquadrasse no modelo hegemônico de masculinidade. Então, nesse estereótipo, os homens de camadas populares não seriam bons pais por não se encaixarem neste modelo de masculinidade.

Interessante ressaltar que o termo “carência paterna” aparece no período entre 1942 e 1968, ou seja, após a Segunda Guerra Mundial, em que vários pais foram tomados como prisioneiros e voltaram aos seus lares doentes, machucados, envergonhados e enfim, com muita “dificuldade de se ‘readaptar’ à família e à sociedade”. (Hurstel, 1999, p.49)

Os estudos pós 1980 modificaram suas preocupações, podendo-se dizer que a maioria desejava responder o que é um pai. Em 1988, no entanto, as questões legais também são inseridas nesses estudos. Mas as vias principais para essas discussões podem ser resumidas em duas: “a que utiliza como ponto de partida o grupo ou a coletividade. A que utiliza como ponto de partida o indivíduo na qualidade de ‘ser psíquico’ (...) e a importância do pai no desenvolvimento psíquico da criança.” (Hurstel, 1999, p.55)

É ainda Hurstel (1999) que continua sua análise afirmando:

Com as transformações da paternidade – a historiadora Y. Knibiehler denomina esse tempo de ‘a virada da história em que vivemos’ – está acontecendo uma crise do pai como instituição. As identidades dos pais estão em mutação. As bases dessas identidades estão ligadas às subversões sociais e culturais que essas leis subentendem. É assim que a “novidade paterna”, reduzida pela mídia à porção conveniente da partilha das tarefas familiares, é, na verdade, uma transformação radical da instituição do pai em todas as suas características – jurídicas, sociais e culturais. Mais do que novidade, trata-se de um conjunto complexo de subversões ininterruptas após 1970. (Hurstel, 1999, p.61)

O pai, como função, está ligado ao campo do simbólico e, como instituição, ao campo social e histórico. Portanto, a figura deste encarna ao mesmo tempo a função e a instituição.

A maneira pela qual o homem irá desempenhar a paternidade está intimamente ligada com a apropriação das significações das relações travadas em sua família de origem, tanto com seu pai como com sua mãe. “Tornar-se pai” é fazer surgir seu próprio pai, as relações com a mãe de sua infância e a função paterna tal como seu próprio pai – ou substituto – a exercia.” (Hurstel, 1999, p. 83)

Entrar em conflito com este modelo pode significar reconhecer-se como pai. A partir disto, o sujeito acrescenta um novo papel, no qual terá que reconhecer que o seu lugar como filho se modificará, pois agora ele também é pai, podendo-se falar até mesmo em um processo de luto daquele lugar no qual ele era apenas filho.

Como o sujeito tem a possibilidade de significar e resignificar as suas relações e seus conceitos e preconceitos durante toda a sua história de vida, é possível ver hoje pais (homens) de todas as idades apresentando comportamentos antes considerados como inadequados a esse papel. A literatura especializada já começa a pesquisar o que se chama de “novas formas de paternidades”. Este conceito refere-se à “participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado com a criança” (Lyra, 1998, p. 194). A preocupação não está apenas em aumentar o número de tarefas dos homens/pais, mas na qualidade da afetividade entre estes e seus filhos.

A partir das discussões sobre “as novas paternidades”, já existem trabalhos que chamam a atenção para um perfil de pai cuidador. Resende e Alonso (1995) apontam que,

entre os pais que entrevistaram, a maioria, teve em sua infância a participação ativa dos seus homens/pais, possibilitando, assim, apropriar-se de relações de gênero diferenciadas e de um papel de pai inovador. Todos expressaram que tiveram contatos físicos e afetivos intensos com seus pais. Também explicitaram que têm prazer em cuidar dos filhos, pois sabem da importância da figura paterna.

Essa importância do pai nos cuidados com as crianças e como um sujeito de direitos, inclusive na escolha do momento de se tornar pai, parece ainda não ser considerada. Voltando à questão da falta de envolvimento dos homens nos programas públicos de saúde reprodutiva¹⁴, aos homens é delegado um lugar secundário em relação à escolha dos métodos a serem utilizados para a contracepção. Quando a concepção ocorre, o pai também é colocado em segundo plano, passando a ser “um auxiliar de grávida”, servindo para fazer massagens e dar apoio na hora do parto. Quando a criança nasce, ele deve “ajudar” a mãe a cuidar do bebê. Entretanto, não se fala dos seus sentimentos, dificuldades e possibilidades neste processo.

Lyra (1998) afirma que entre o pai e seu filho existe uma lacuna que precisa ser repensada, na medida em que “o pai, por sua vez, após o coito fecundante, enfrenta uma grande lacuna em sua atuação, recuperando algum espaço apenas quando a criança está na idade de ir para o pré-escolar.” (p.193)

Entretanto, esse lugar secundário atribuído aos pais/homens tem sido questionado e “os escassos estudos feitos demonstram que o envolvimento paterno desde a tenra idade favorece o desenvolvimento físico, psicológico e intelectual da criança, assim como das distintas habilidades e a auto-estima.” (Cimaq apud Keijzer, 2000, p. 227) Com isto, alguns estudos referenciais, como os de Lamb (1997), Pleck (1997) e Hetherington e Stanley-Hagan (1997) têm mostrado que, se os pais/homens responderem adequadamente às necessidades dos filhos, desenvolvem, assim, vínculos nos quais as crianças se sentem protegidas, e em situações estressantes também recorrem àqueles tanto quanto a suas mães.

Lamb (1997) e Pleck (1997) corroboram a concepção de que o dimorfismo sexual não influencia na construção dos vínculos. Para eles o aspecto mais importante para a criança formar vínculo é a interação regular entre ela e o adulto responsável, sendo que esta abarca brincadeiras, lazer e, principalmente, os cuidados infantis. Estes cuidados podem ser

¹⁴ Ver pesquisa realizada na UFSC por Siqueira (2000) sobre os programas públicos de saúde reprodutiva que constata a ausência de preocupação e estratégias para envolver os adolescentes/homens que serão pais.

considerados como aquilo que mais propicia uma interação entre mães/pais e filhos, por promover o desenvolvimento da intimidade. É importante esclarecer que “formar vínculo” significa aqui, além de outros aspectos, que a criança possa confiar e se sentir segura com o adulto.

4. MÉTODO

Ao pensar o método da pesquisa, minha principal preocupação estava em ser coerente com a concepção de sujeito, de mundo e de cientificidade que possuía. Entendo que o método não se baseia apenas nas técnicas utilizadas para apreender as informações desejadas, mas está presente em todo o percurso que o pesquisador constrói para chegar aos resultados, desde a “ação pensada” até a “ação concretizada”, utilizando expressões de Siqueira (1997). Este caminho sempre estará fundamentado em um referencial, mesmo que o sujeito não tenha clareza da sua existência.

Entendo o conhecimento como algo móvel e construído. Em função disso, entre os objetivos desta dissertação estão o de contribuir para o aumento de pesquisas em relação aos homens/pais com a guarda dos filhos e abrir caminho para discussões nesta área.

Para alcançar os objetivos que propus, escolhi realizar entrevistas semi-estruturas, utilizando o estudo de caso em função da possibilidade de aprofundar e mapear uma temática que ainda tem pouca expressividade, tanto nos estudos científicos, conforme foi citado anteriormente, como também socialmente, pois, segundo dados do IBGE em Florianópolis, no período entre 1991 e 1997 apenas 17 homens/pais foram registrados como detentores da guarda dos filhos menores de idade, em contraste com 340 lares chefiados apenas pelas mães, de um total de 373 lares pesquisados. Apesar de ser um grupo que, numericamente, não apresenta um valor absoluto considerável, ele é muito significativo para entendermos as mudanças que vêm ocorrendo nas masculinidades, principalmente em relação às paternidades.

Essa escolha possibilita contribuir para que outras pessoas, ao lerem meu trabalho, possam ter *insights* que as ajudem a fazer novas reflexões sobre o seu cotidiano ou mesmo sobre a teoria. Além disso, essas novas reflexões, dúvidas, associações podem até mesmo se transformar em pesquisas futuras em relação à temática ou em novas teorias, contribuindo assim para a construção do conhecimento científico.

Quanto à generalização, Stake (1978) considera que os estudos de caso podem fornecer experiência vicária e tornam-se, assim, uma fonte de generalização naturalística. O conhecimento em profundidade de um caso, segundo ele, pode ajudar-nos a entender outros casos. A generalização naturalística se dá no âmbito do leitor que, com base nas descrições feitas pelo autor do estudo e na sua própria

experiência, fará associações e relações com outros casos, generalizando seus conhecimentos. (Stake apud André, 1995, p.57)

Historicamente o “estudo de caso” advém de uma abordagem médico-psicológica calcada na patologia e, com a intenção de aprofundar o conhecimento nesta área, pode-se até dizer ironicamente que, quanto mais patológico, mais interessante será o estudo. Atualmente, no entanto, essa concepção está sendo modificada, e esse tipo de pesquisa é amplamente difundido nas Ciências Sociais, como uma forma de entender detalhadamente os modos de vida dos sujeitos.

Escolhi esse caminho porque compreendo que os homens/pais com a guarda dos filhos em Florianópolis constituem um grupo pequeno e compõem uma situação ainda nova. Como o estudo de caso possibilita um aprofundamento da temática, permitindo que se visualize o processo desses pais e a localização de possíveis amarrações com a literatura, conclui ser este o método mais adequado.

Segundo André (1995, p.52), “uma das vantagens do estudo de caso geralmente mencionadas é a possibilidade de fornecer uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa, composta de múltiplas variáveis”.

O estudo de caso deve ser um retrato vivo da situação pesquisada; sendo assim, é necessário mostrar como cada sujeito enfrentou e enfrenta a sua situação de pai sozinho, explicitando as contradições, conflitos, ambigüidades, bem como os seus pontos em comum, ou seja, as suas múltiplas dimensões e sua complexidade própria.

A questão da fidedignidade não é a mesma das pesquisas baseadas nos moldes positivistas que, em sua maioria, se preocupam em realizar as generalizações universalizantes. Parte-se, então, neste trabalho do entendimento no qual o que se pretende apresentar é:

uma das possíveis versões do caso, deixando-se aberta a possibilidade para outras leituras/versões acaso existentes. Não se parte do pressuposto de que a reconstrução do real feita pelo pesquisador seja a única ou a correta; aceita-se que os leitores possam desenvolver as suas representações do real e que essas possam ser tão significativas quanto a do pesquisador. (André, 1995, p.56)

É ingenuidade pretender que a apreensão absoluta da realidade seja possível, pois esta é uma construção percebida diferentemente por cada sujeito. Entretanto, o pesquisador precisa estar atento para os seus pré-conceitos, para não tender a olhar a realidade de um único ângulo.

4.1. Encontrando os homens/pais

Na época em que estava escrevendo o projeto para a qualificação no programa de mestrado, concomitantemente, refletia sobre como encontrar os sujeitos para as entrevistas. Levantei alguns lugares, como Vara da Família, Fórum, escolas e escritórios modelo de advocacia, como os da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade do Sul do Estado de Santa Catarina (UNISUL).

Ao entrar em contato com todas essas instituições, percebi que não seria fácil o acesso aos sujeitos de minha pesquisa. Encontrei uma dificuldade nos órgãos jurídicos, devido ao “sigilo da família”, isto é, uma questão ética importante que visa manter a privacidade das pessoas envolvidas no divórcio. Houve apenas a permissão para olhar os processos e realizar um levantamento a fim de constatar se havia aumentado, de 1990 em diante, o número de guardas obtidas por homens. No entanto, só em uma vara da família o juiz permitiu o acesso aos processos; mesmo assim fui aconselhada a procurar o IBGE, no qual talvez encontrasse os dados mais organizados. Houve ainda a exigência que os endereços e nomes dos sujeitos ali encontrados não fossem utilizados na pesquisa, o que significa que não poderia entrevistar os homens daqueles processos. Em função desse critério, resolvi fazer o levantamento no IBGE e também procurar os sujeitos por outros caminhos.

Nas escolas, tanto públicas como privadas, obter a informação de que precisava foi ainda mais difícil, pois parecia que tinham receio de que os homens, possíveis informantes, ficassem “chateados” com a instituição. Diziam: “ah, não sei, pode ser que ele não queira participar”. Nestas instituições expliquei que não queria o telefone dos pais naquele momento, mas que gostaria de saber se seria possível pedirem a permissão a estes homens para me fornecer os seus telefones. Os informantes prometiam entrar em contato caso lembrassem de alguém, ou quando algum pai permitisse. No entanto, nunca recebi nenhuma resposta. Ao todo visitei duas escolas públicas e duas particulares, escolhidas em função de

alguns conhecidos que trabalhavam nesses locais, o que supostamente facilitaria o acesso às informações necessárias.

Frente a estas dificuldades em encontrar sujeitos pelo caminho institucional, resgatei parte da minha rede social através do correio eletrônico, expondo a temática da pesquisa e o problema acima mencionado. Esclareci que era uma pesquisa científica, na qual o sujeito não seria identificado e que, se fosse possível, quem conhecesse alguém cujo perfil se adequasse ao exigido deveria primeiro entrar em contato com o sujeito e perguntar se este permitiria o acesso ao seu telefone. Assim, via Internet, obtive apenas um sujeito. Fiquei novamente preocupada. Pensei até em mudar meu problema de pesquisa, frente à dificuldade em encontrar esses homens/pais com a custódia dos filhos.

Com essa preocupação, perguntava para vários conhecidos se sabiam de algum homem que havia ficado com a guarda dos filhos. Essa pergunta estava o tempo todo comigo. Fui a dois centros sociais de bairros, a três igrejas e a um centro espírita. Nesses locais obtive uma grande ajuda dos líderes da comunidade e, mesmo assim, não foi possível localizar nenhum homem da camada popular ou média com a guarda oficial dos filhos. Estes locais foram escolhidos por serem tradicionais ou por abrangerem uma clientela que congrega pessoas de vários lugares de Florianópolis. Os locais foram: o centro comunitário do Saco dos Limões, porque o posto de saúde fica acoplado a este local e é considerado um dos mais desenvolvidos de Florianópolis; o centro comunitário do Saco Grande II, que tem uma força política diferenciada; a igreja do Pantanal, Trindade e Saco Grande, porque eu possuía contatos nestes locais; o centro espírita da avenida Mauro Ramos, localizada perto do principal shopping da cidade e que serve de conexão entre os bairros e o centro da cidade, sendo de fácil acesso a pessoas de várias regiões de Florianópolis.

Nesse ínterim, através de uma amiga, estabeleci contato com três sujeitos que se dispuseram a participar da pesquisa. Conheci outros dois em conversas nas aulas de natação do meu filho. Um deles era pai de um menino que freqüentava a academia no mesmo horário do meu filho, e o outro era pai da estagiária que ajudava na mesma aula. Entretanto, até este momento, todos os homens encontrados pertenciam às camadas médias. Como já havia alcançado o número proposto no projeto de qualificação, perguntei a minha orientadora sobre a possibilidade de realizar o estudo apenas com esses homens. Aqui gostaria de explicitar que minha proposta inicial era entrevistar sujeitos de camadas médias e populares; no entanto, devido à dificuldade de encontrá-los e também pelo tempo que teria para a pesquisa de campo, repensei a questão de entrevistar homens/pais de camadas populares e

decidi, já que não possuía escolha, realizar o estudo apenas com homens/pais de camadas médias.

Ao todo, seis sujeitos foram encontrados. Por essa dificuldade em localizar os homens/pais com a guarda dos filhos, não utilizei critérios de faixa etária ou tempo de divórcio, pois, ao fazer isto, limitaria as possibilidades de encontrar os sujeitos, colocando em risco a concretização da pesquisa.

É importante ressaltar as percepções que tive, nos contatos pessoais, durante a busca pelos sujeitos. Ao questionar as pessoas sobre o conhecimento de um homem que teria ficado com os filhos após a separação e/ou divórcio, a maioria expressava surpresa. Ouvi frases como: “vai ser difícil, sempre é a mãe quem fica”, “Ah! Nem imagino, isso não é comum”, “se tu quisesse a mãe, eu conhecia”. A impressão é de que as pessoas levavam um susto e consideravam a temática estranha. Percebi nessas frases a naturalização da mulher como cuidadora principal e responsável pelos filhos.

Uma outra questão apareceu com o comentário tecido por uma professora antes de me apresentar um sujeito. Primeiro, ela fez questão de que eu a acompanhasse e conhecesse o filho do sujeito, dizendo assim: “não é lindo? Até parece cuidado pela mãe. Ele [o homem] dá conta de tudo tão bem.” A professora também contou que o filho desse sujeito não teria mais direito a estar na creche, mas como seu pai era sozinho, a direção da escola o deixou ficar. Nessa mesma conversa, a professora também comentou a respeito de outro sujeito que criava o filho sozinho, pois a esposa havia falecido. Este estava pleiteando uma vaga na mesma creche e existiam 24 mulheres na sua frente, mas a direção da instituição pensava em dar prioridade a ele. Nesse momento, perguntei o porquê dessa possibilidade, e a professora me respondeu: “é mesmo! Por quê?” Ficou claro nesse contato o quanto ainda é incomum a figura do pai como cuidador principal e como essa situação mobiliza várias questões sobre o lugar social de homens e mulheres.

Gostaria de esclarecer que o último sujeito citado pela professora acima, em função de suas viagens e do escasso tempo em que dispunha para a realização da pesquisa de campo, não foi entrevistado.

4.2. Entrevistando os sujeitos

As entrevistas realizadas foram semi-estruturadas, tendo sido construído um roteiro flexível, passível de mudanças conforme a ida ao campo, com a possibilidade de acrescentar perguntas que antecipadamente não haviam sido previstas. Entretanto, é necessário que o pesquisador tenha ciência do que está procurando. Poderia dizer, como afirma Parga Nina, citada por Minayo (1999, p.122) que esse tipo de entrevista é “ ‘uma conversa’ com finalidade onde o roteiro serve de orientação, de baliza para o pesquisador e não de cerceamento da fala dos entrevistados”. Muitas pesquisas entram no campo sem ter isso claro e “acabam se perdendo numa acumulação infinita de dados e/ou em uma análise superficial e inconsistente”. (André, 1995, p.54)

Com todos os sujeitos, utilizei a gravação em fitas-cassete, posteriormente transcritas, obtendo 12 horas de material gravado e 126 páginas digitadas. Este recurso possibilitou que minha atenção se concentrasse apenas nos sujeitos, podendo assim, no momento da transcrição, resgatar as diferentes sensações e emoções. O roteiro que elaborei, afora as informações de identificação, estava dividido em quatro partes:

1. relações atuais do sujeito, isto é, suas relações com amigos, filhos, parentes, ex-esposas, possíveis namoradas e trabalho, incluindo o relacionamento com os chefes e colegas;
2. relações com a família de origem, ou seja, como era o relacionamento com o pai e a mãe, o que estes faziam, situação socioeconômica, número de irmãos;
3. situação na época da separação, enfocando como estes homens se sentiram a respeito de suas relações com os filhos, esposas e amigos;
4. perguntas provocativas.¹⁵

Este instrumento foi confeccionado desta forma, com a intenção de localizar aspectos das vidas dos sujeitos capazes de auxiliar no entendimento do processo que os levou a ficarem com os filhos. Interessante ainda ressaltar que este roteiro flexível permitiu às entrevistas seguirem o fluxo da interação sujeito-entrevistador, isto é, dependendo de como se dava o contato inicial, com alguns era possível começar falando da situação à época

¹⁵ Esse termo “perguntas provocativas” foi retirado da dissertação de Mestrado de Sandra G. Unbehaum defendida em 2000 na USP. Refere-se a perguntas finais que têm “o objetivo de captar eventuais contradições, ambigüidades em relação à narrativa desenvolvida durante a entrevista.”

do divórcio, com outros, de como estava a relação com os filhos, existindo ainda a possibilidade de perguntar duas vezes sobre determinado aspecto.

A entrevista foi escolhida, pois, como afirma Siqueira (1997), oferece, então, a possibilidade do resgate de temas e, mais que isso, o resgate da complexidade com que a realidade e o mito, o ‘objetivo’ e o ‘subjetivo’ se mesclam inexoravelmente em todas as percepções que o ser humano tem do mundo e da vida, individual e coletivamente. (Siqueira, 1997, p.16)

Entende-se aqui que a entrevista, como afirma Romanelli (1998), é uma relação diádica que produz uma forma de sociabilidade entre estranhos e apresenta um limite temporal. Essa relação comporta uma alteridade que, segundo o mesmo autor, “deve ser superada para que a matéria-prima do conhecimento possa ser produzida durante esse encontro que transforma estranhos em parceiros de uma troca.” (p.126) Isso não significa que, para realizar uma boa entrevista, tenha que se deixar de ser pesquisador ou que exista a necessidade de empatizar com todos os entrevistados, mas sim que esse encontro precisa propiciar um ambiente possibilitador de troca, no qual o sujeito possa confiar suas histórias ao entrevistador.

Além disso, busquei essa técnica porque me sentia à vontade em realizá-la devido a minha experiência clínica, que também implica em entrevistar pessoas, além do fato de ter realizado outros trabalhos nos quais precisava lançar mão desse mesmo recurso.

Essa experiência mostrou-se útil, por muitas vezes durante as entrevistas com os sujeitos, para criar novas perguntas, aproveitar “ganchos” das anteriores e também contornar situações, como, por exemplo, quando o entrevistado chora compulsivamente. O pesquisador não pode temer as emoções que o entrevistado possa sentir durante a entrevista e nem entrar em conflito com as opiniões deste. Isso não quer dizer que o pesquisador precisa ser “neutro”, mas é necessário entender que se está ali para compreender o processo de construção de sua temática de pesquisa e não para fazer juízos de valor em relação ao comportamento dos entrevistados.

É relevante sinalizar esse aspecto pois o pesquisador deve tomar cuidado para não conduzir a entrevista em função dos seus próprios preconceitos e dificuldades pessoais com determinados assuntos, ou ainda para evitar a idealização dos sujeitos entrevistados. Ou seja, é necessário “ter clareza como elas [dificuldades] dirigem/modelam aquilo que ouvimos, como elas afetam nossa forma de reproduzir a realidade dos informantes e como elas transformam a verdade em coisa falsa.”(André, 1995 p.62)

Outro cuidado necessário foi em relação à linguagem utilizada nos encontros. Percebi que é imprescindível adequar-se ao jeito de falar de cada um dos participantes, principalmente com aqueles que possuem um estilo mais popular ou mais formal.

O acesso aos sujeitos iniciava com a indicação de um “informante”, que pedia permissão para fornecer o número do telefone. Depois eu entrava em contato com o sujeito, expondo o assunto da pesquisa e a importância de sua participação. Nenhum dos sujeitos se recusou a participar das entrevistas inicialmente. Apenas um deles comentou, no decorrer do depoimento, que não queria ser questionado sobre a situação do divórcio, mas ao saber que poderíamos parar a entrevista, ele optou por continuar, sendo que no final comentou que havia achado muito interessante a conversa e que gostaria, se possível, ver os relatos dos outros homens.

O local em que a entrevista deveria ser realizada era combinado previamente com o sujeito, deixando claro que esta poderia ocorrer em sua casa, no trabalho, se houvesse um lugar em que se pudesse conversar à vontade, ou na UFSC, na Clínica de Psicologia – SAPSI.

Após fazer as duas primeiras entrevistas, percebi que o conteúdo das perguntas deveria ser explicitado, esclarecendo que o período do divórcio, a relação com a ex-esposa, com os filhos e também com a família de origem, estariam presentes nas questões. Não havia necessidade de uma resposta imediata sobre a sua participação na pesquisa, pois uma nova data seria marcada por um outro contato telefônico.

Aqui gostaria de interromper a descrição e relatar o motivo pelo qual comecei a fazer dois contatos telefônicos. Ao entrevistar os dois primeiros sujeitos, percebi que esta técnica, por apresentar uma menor rigidez e possibilitar a apreensão do significado, propiciando uma maior compreensão do que se estuda, também oferece condições para o sujeito refletir sobre sua vida. Nessas duas entrevistas iniciais os sujeitos sofreram muito ao resgatar sua história e, principalmente, os sentimentos que, para eles, há muito estavam trancafiados, ou pelo menos pareciam estar. Corroborando essa minha sensação, Romanelli (1998, p.126) comenta que “o fato de organizar experiências para um interlocutor interessado em ouvi-las e que vai se tornando íntimo, apesar da alteridade sempre presente, induz o falante a recuperar aspectos de sua biografia pouca vezes comentados.”

Penso que, ao explicitar claramente o que iria perguntar e dar um espaço de tempo para o sujeito refletir se gostaria ou não de responder às questões, houve um cuidado ético necessário para não expor o entrevistado a uma situação inesperada e/ou constrangedora.

Não posso deixar de lado meu olhar de psicóloga clínica, através do qual sei o quanto é doloroso rever fases da vida, nas quais passamos por fortes sensações e, principalmente, por conflitos intensos, muito comuns nos casos de separação/divórcio. Para resgatar isso, deve-se ter a permissão do sujeito, pois ele precisa saber que irá falar desses momentos que, se não foram conflituosos, pelo menos não foram tranquilos.

É importante ressaltar que entendo que esses sujeitos já significaram e resignificaram em outros locais, com outras pessoas, esses conflitos, pois estes não são estáticos e imutáveis. Além disso, não entendo que o homem faça um processo de reconhecimento de si apenas em um consultório psicológico. Mas dar uma entrevista é um processo consciente de volta ao passado, e cada um tem o direito de querer, ou não, fazer isso.

Não tenho, no entanto, a crença ingênua de que o sujeito seja passivo e exponha tudo aquilo que o entrevistador deseja; ele também analisa seu interlocutor e coloca aquilo que lhe parece prudente e de acordo com o que gostaria de comentar. Ainda citando Romanelli (1998), “apesar de expor experiências, o entrevistado mantém a privacidade, escudado na própria relação de distanciamento e de alteridade que existe entre ele e o pesquisador” (p.126)

Essa sensação de invasão da vida privada e do resgate de tais lembranças era amenizada ao final das entrevistas, pois ouvi frases como: “que legal! Ninguém tinha parado para me escutar”, ou então, “Não sabia que ainda estava assim, você acha que preciso de terapia?”. Os sujeitos mostraram o quanto a conversa travada ao longo das entrevistas havia possibilitado resignificar e/ou significar sentimentos e fatos de sua história pessoal. Romanelli (1998) comenta que os sujeitos, ao final das suas longas inquirições, afirmavam que ele “havia levado a pensar sobre problemas do cotidiano de um modo diferente, conduzindo-os, por vezes, a rever suas posições acerca de questões que lhes pareciam triviais e simples.” (p.127)

Então, pode-se pensar que o pesquisador é um mediador que opera no sentido de que o sujeito apreenda a sua situação de um outro ângulo, pois a elaboração de uma resposta para o pesquisador exige que o entrevistado reorganize seu discurso e, talvez, olhe para si mesmo diferentemente. Por outro lado, o sujeito também é um mediador entre o desconhecido e aquilo que o pesquisador busca compreender, pois ele possui os dados que possibilitam a formação de conclusões sobre a temática de interesse. Dessa forma, nessa pesquisa, tanto os homens entrevistados puderam refletir sobre suas vidas, quanto eu pude estabelecer outras

conexões com a teoria que estudo e, principalmente, conhecer uma realidade que questiona e problematiza aquela que eu vivencio – a de mãe como cuidadora principal.

Dos sujeitos encontrados, três escolheram ser entrevistados em sua casa, um na Clínica de Psicologia, e os outros dois, no trabalho. Com esses últimos, tive a impressão, no contato inicial, de que seria uma entrevista rápida devido ao local de trabalho ter sido escolhido, mas isto não se confirmou. Eles dispunham de espaços adequados para a entrevista, possibilitando que conversássemos por duas horas seguidas. Aqueles que escolheram a residência também dispuseram da mesma quantidade de horas, e suas entrevistas ocorreram, inicialmente, sem a presença de ninguém. Mas ao final do encontro seus filhos chegaram, porém não interromperam a entrevista, dirigindo-se para os seus quartos ou para outros cômodos da casa.

Um desses três sujeitos me surpreendeu, pois ao chegar em sua casa, todos os filhos e netos me esperavam para ajudar na entrevista. Ele alegou que essa história não era somente dele e que pela primeira vez alguém havia se interessado em ouvi-la, então estavam todos ali para não omitir nenhum detalhe. O procedimento adotado com essa família foi de explicitar que numa parte da entrevista todos poderiam participar, mas existiam perguntas mais íntimas em relação ao pai, e que talvez fosse interessante ele mesmo respondê-las. Isso não significava que eles teriam que sair dali, pois essa decisão ficaria a critério do pai. Este pediu, então, que seus familiares fossem assistir à televisão em outra sala, dizendo que, se precisasse de ajuda, os chamaria.

O único homem que escolheu comparecer à Clínica de Psicologia foi aquele que teve a entrevista mais demorada, talvez por estar em um local onde ninguém poderia, a qualquer momento, interromper, como no caso do local de trabalho e da casa.

Esse último homem foi responsável pela entrevista mais difícil, exigindo da minha parte um forte auto-controle para respeitar sua história, suas opiniões. Depois, ao transcrever sua entrevista e discuti-la com a orientadora, foi possível perceber a idealização feita por mim sobre esses homens antes de entrar no campo. Por terem ficado sozinhos com os filhos, eu tinha idealizado homens sensíveis, honestos, que haviam partilhado, quando casados, todas as tarefas domésticas com as esposas, tendo sido pais afetivos com os filhos, enfim, perfeitos dentro de um determinado discurso de igualdade e fraternidade entre homens e mulheres. Esqueci, entretanto, que o homem (ser genérico) não é linear, nem se transforma inteiramente. Ele modifica apenas alguns aspectos da vida enquanto mantém outros, é

contraditório, convivendo com conceitos arcaicos e novos ao mesmo tempo; este ainda se hominiza nas suas relações, mas também se aliena nestas.

4.3. Apresentando os sujeitos

Todos os entrevistados residem em Florianópolis, porém com uma peculiaridade importante: moram em bairros localizados ao redor da Universidade Federal de Santa Catarina. Essa localização possibilita o contato com estudantes que vêm de várias cidades brasileiras, bem como do interior de Santa Catarina, e que se instalam na região, constituindo uma grande parte dos moradores da área. Além disso, por serem localidades mais próximas à UFSC, são preferidas pelos acadêmicos como área de estágio e pesquisa. Nestes bairros há, então, uma troca maior de serviços e também de conhecimento científico entre comunidade e universidade. Por exemplo, há um posto de saúde no mesmo bairro onde reside um dos entrevistados que é reconhecido como o local responsável pelo desenvolvimento de um trabalho de atendimento psicológico de qualidade à comunidade. Este posto também possui estagiários de Enfermagem, Medicina, entre outros, não se restringindo apenas a serviços de intervenção, mas oferecendo também oportunidades para pesquisa. Existe a procura por esses serviços até mesmo por pessoas de regiões distantes pela qualidade que oferecem.

Após a descrição do local onde os sujeitos residem, partir-se-á então para uma visualização, a partir dos quadros abaixo, de alguns aspectos considerados relevantes para o conhecimento dos sujeitos. Gostaria de esclarecer que os nomes que aparecem no restante da dissertação são fictícios, a fim de salvaguardar a identidade dos entrevistados.

Quadro 1. Situação Atual dos Sujeitos

NOME	ENTREVISTADOS											
	Danilo		Sérgio		Caetano		Jairo		Roger		Volnei	
Idade	44		48		45		46		54		49	
Escolaridade	2º grau		1º grau		doutorado		2º grau		3º grau		Especialização	
Ocupação	Fiscal Ambiental		Chefe de Expediente		Prof. Universitário		Téc. Eletricista		Eng. Elétrico		Eng. Civil	
Residência Própria	Casa		Casa		Casa		Casa		Apto		Casa	
Empregada	Não		Não		Não		Não		Sim		Sim	
Nº de Filhos	2		3		3		2		3		2	
Sexo dos filhos	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
	0	2	1	2	2	1	1	1	1	2	1	1
Idade dos Filhos		11/14	24	28/20	21/20	19	19	15	21	19/25	19	15
Ativ. Extra classe dos filhos	Sim		Sim		Sim		Sim		Sim		Sim	
Recasamento	Não		Sim		Não		Não		Não		Não	

Como se pode notar no quadro 1, os entrevistados possuem entre 44 e 54 anos, sendo que, em relação ao nível de instrução, existem três que concluíram o nível superior, dois com 2º grau técnico e um com o 1º grau. Todos são funcionários públicos, um aspecto importante a ser analisado mais adiante, pois são empregos que oferecem estabilidade. Quanto à situação socioeconômica, pode-se dizer que eles pertencem às camadas médias, tendo todos casa própria, carro, computador e até mesmo outros bens, como casa de sítio ou praia. Todos mantêm ainda os estudos daqueles filhos que freqüentam universidades e/ou o Ensino Médio. Apenas um dos filhos não está na escola. Os colégios de Ensino Médio são, na maioria, particulares; no caso das universidades, há uma preferência pelas estaduais e/ou

federais, que são gratuitas. Apenas um pai mantém uma filha morando fora da cidade em uma faculdade particular, mas afirma fazer isso por não haver o curso que sua filha deseja nas universidades de Florianópolis.

Em relação aos 14 filhos dos sujeitos, seis são mulheres e oito homens, sendo que apenas um sujeito não tem filha. Observa-se também que não são crianças, mas oito filhos podem ser considerados adolescentes¹⁶, e os outros seis já podem ser chamados de adultos-jovens. As atividades extraclasses dos filhos são representadas em sua maioria por aulas de inglês, computação, música e esportes, como natação e judô.

Quanto à novos casamentos, dos seis sujeitos, apenas um tem uma nova esposa. Os outros alegaram que não têm interesse em casar-se novamente.

No quadro a seguir, apresenta-se quanto tempo os sujeitos estiveram casados, há quanto estão separados e também o tempo de guarda dos filhos. O mais interessante é observar que apenas dois sujeitos não obtiveram a guarda dos filhos logo após a separação.

Quadro 2. Situação em Relação ao Tempo de Casamento, Separação e Guarda dos Filhos

TEMPO (ANOS)	ENTREVISTADOS					
	Danilo	Sérgio	Caetano	Jairo	Roger	Volnei
Casamento	8	8	13	12	23	12
Separação	8	21	10	7	2	9
Guarda dos filhos	8	18	10	7	2	2

Deste quadro, pode-se inferir que a maioria dos filhos ficaram com os pais ainda na primeira infância.

¹⁶ Utilizou-se como referencial a classificação da OMS considera adolescente a faixa etária entre 11 anos e 19 anos e 11 meses

O quadro 3 situa os entrevistados em relação a sua família de origem, utilizando como principais aspectos a ocupação dos pais, o número de irmãos, a idade do casamento e também a de saída de casa.

Quadro 3. Caracterização da Família de Origem

NOME	ENTREVISTADOS					
	Danilo	Sérgio	Caetano	Jairo	Roger	Volnei
Naturalidade	Fpolis/SC	Fpolis/SC	Ribeirão Preto/SP	Rio de Janeiro/RJ	Içara/SC	Interior/SC
Ocup. do pai	militar	Militar	contador	comerciante	comerciante	prof. primário
Ocup. da mãe	do lar	do lar	contadora	do lar	comerciante	agricultora
Nº de irmãos	0	1	1	1	4	10
Idade em que casou	28	18	22	27	30	26
Idade em que saiu de casa	28	18	17	20	19	11

Quanto à naturalidade, quatro são de Santa Catarina, e os outros vieram de São Paulo e Rio de Janeiro. Sobre a ocupação das mães dos sujeitos, prevalece a função de cuidar do lar e dos filhos. A saída de casa antes do casamento prevalece em relação à permanência em casa até o casamento. Aqui pode-se dizer que, na época em que esses sujeitos eram jovens, era comum os homens saírem de casa antes de casar para estudar ou mesmo trabalhar para ajudar na renda familiar.

4.4. Conhecendo um pouco mais esses homens

Caetano é professor universitário com doutorado. Nasceu e passou sua adolescência no interior de São Paulo. Fez sua graduação e doutorado no mesmo Estado. É filho primogênito de mãe e pai que trabalhavam fora, sendo os dois da mesma profissão - contadores. Saiu de casa para cursar a universidade por volta dos 18, 19 anos. Refere-se a este período de vida como o momento em que aprendeu a “se virar”. Casou apenas uma vez. Todos os três filhos, duas moças e um rapaz, os quais hoje são adolescentes, ainda residem com ele. Diz que na época de casado utilizava a camisinha como método contraceptivo, mas que esta não impediu o nascimento do seu último filho. Também apontou o interesse em fazer vasectomia, mas comenta que, por falta de informação adequada e por se achar muito jovem na época, não realizou a cirurgia. O casamento se desfez em função dos maus-tratos da mãe com os filhos, sendo que este comportamento para ele se tornou insuportável.

Pode-se afirmar que, atualmente, seu nível sócioeconômico se enquadra no de camadas médias, em função do comentário sobre o valor salarial e também dos bens que possui. Já exerceu cargos de chefia no seu departamento dentro da universidade, sendo que atualmente diz estar envolvido em um projeto como coordenador. Quanto à vida doméstica, diz não querer empregada atualmente, mas que à época do casamento, contava com o auxílio de uma. Em relação à vida amorosa, comenta que namorar é muito bom, mas não deseja um relacionamento no qual more com uma mulher, ou seja, não cogita a possibilidade de recasamento. Esse homem mostrou-se bastante disponível para a entrevista e muito eloquente. Apontou com entusiasmo que também gostaria de escrever alguma coisa sobre a situação dos homens que ficaram com a guarda dos filhos, insistindo na devolução dos resultados para ele. O lugar que escolheu para entrevista foi o local de trabalho, em sua sala.

Volnei, homem com traços alemães bem-definidos, é descendente de uma família germânica, cujos avós vieram para o Brasil. Esta família constituída por um pai professor primário e uma mãe agricultora e residia no interior de Santa Catarina. O entrevistado passou sua infância neste local com a família, mas a sua adolescência foi vivida em um seminário, longe dos parentes. Fala desse local e desse período que durou até a universidade como a época em que aprendeu a sobreviver, pois os padres e professores ensinavam apenas o básico da vida. Diz ter casado tardiamente com 26 anos. Quanto aos seus filhos, Volnei afirma que o casal nunca utilizou nenhum método contraceptivo. Tem dois filhos, um casal, que

residem com ele atualmente. Para ele o motivo da ruptura da relação, está na insatisfação da mulher que diz fazer parte de personalidade dela. Não queria a separação. É o único que explicita possuir uma religião.

Atualmente possui um emprego na prefeitura de Florianópolis e também realiza projetos de maneira autônoma em sua casa. É engenheiro civil com especialização em habitação. Seu nível sócioeconômico é médio, pois tem casa na cidade, sítio, carros, entre outros pertences e ainda filha estudando fora do Brasil. Quanto a casar-se novamente, fala não ter intenção nenhuma de fazê-lo, quer apenas namorar. Este sujeito foi muito simpático, delicado e disponível para as perguntas feitas. Chama a atenção nesse homem o aprendizado que diz ter adquirido com a vida – “tudo tem o seu tempo e o seu lugar e às vezes precisamos saber esperar a vida dar voltas”. O local escolhido por ele para ser entrevistado foi a sua casa.

Sérgio, homem que nasceu na região continental de Florianópolis numa época em que o trabalho principal restringia-se aos abatedouros, as quais se refere como os locais onde brincava com seus outros colegas. É de origem açoriana, sendo seu pai militar e sua mãe do lar. Refere-se a infância e adolescência como períodos de muita pobreza, sendo que muitas vezes faltava comida em casa. Começou a trabalhar logo cedo, por volta dos 14 anos de idade, para se sustentar, tendo que deixar os estudos no término do primeiro grau. Saiu de casa apenas quando casou. Enfrentou um casamento com várias complicações, entre elas, o relacionamento conflituoso entre a esposa e sua mãe. Quanto aos filhos, aprendeu que pobre não planeja filho, mas quando isso acontece aceita. Mora atualmente com outra companheira e seus dois filhos do primeiro casamento. Diz que o primeiro relacionamento acabou em função de a esposa trabalhar demais, deixando a desejar como dona de casa e mulher.

Atualmente, é chefe dos funcionários de um departamento na universidade. Esse homem se enquadra no padrão de camadas médias, em função de ter um carro, duas casas e conseguir ainda ajudar os filhos, sendo que sua atual companheira não tem nenhuma remuneração. Esse homem foi quem abriu mais intensamente sua história de vida na entrevista, sendo que explicitou ter se sentido valorizado por alguém querer ouvir suas histórias. Apesar de dizer não possuir muita cultura, aqui confundida com o nível de escolaridade, ele as conta sempre contextualizando com a história do local e, ao narrá-las, envolve o ouvinte de uma tal maneira que este consegue visualizar a situação. Emocionalmente, esse sujeito foi aquele que mais tinha consciência de seus sentimentos e que não apresentou problemas em expressá-los. Chama atenção que, mesmo com tantas

dificuldades, ele ainda mencione que o que mais gosta é de viver, e poder ainda se emocionar com o amor que sente por sua atual companheira, afirmando que “vida sem amor e romance, não é vida”. O local escolhido por ele para ser entrevistado foi a Clínica de Psicologia – SAPSI.

Jairo nasceu no Rio de Janeiro. Fez parte de uma família humilde, na qual a mãe era do lar, e o pai, comerciante. Quanto a sua infância e adolescência, comentou pouco, pois afirma ter saído de casa ainda jovem para trabalhar. Fala sobre esses períodos e da relação com os pais como “trivial, comum para o padrão da época”. Casou-se, teve dois filhos, um casal. Diz que o casamento já tinha problemas e que não queria se separar, mesmo depois que soube da traição da esposa. Quanto aos filhos, comenta amá-los muito desde o nascimento, mas que as gravidezes nunca foram planejadas, e a esposa utilizava a gravidez como uma maneira de prendê-lo no relacionamento.

Atualmente, mora com um filho, pois a filha cursa universidade no Rio de Janeiro e ele ainda a sustenta. Desempenha a função de técnico-eletricista no seu trabalho. Tem vários amigos de grupos sociais diferenciados. Pelo valor do salário, ele se enquadra no padrão das camadas médias. Esse homem portou-se inicialmente da seguinte forma – objetivo, direto, reservado e seco. Entretanto, com o desenrolar da entrevista, essa percepção foi se dissolvendo. Mostrou ser um sujeito preocupado, afetuoso, cuidadoso com as palavras. Este foi o único sujeito que explicitou inicialmente não querer conceder a entrevista, pois não gostaria de remexer no passado. No entanto, ao final do encontro já estava contando aspectos íntimos de sua vida e argumentando como estava sendo importante para ele ter alguém que se importasse com toda a história. Emocionou-se várias vezes, mas trancou todas as emoções, afinal, para ele, “homem não chora.” Essa foi uma das frases finais de nosso encontro dita quando o gravador já estava desligado. O local que este sujeito escolheu para ser entrevistado foi o trabalho, em sua sala particular.

Roger é, dos entrevistados, o homem mais velho e com menos tempo de separação. Vem de uma família de comerciários. Mãe e pai trabalhavam no comércio da família, mas seu pai desenvolveu a chamada “neurose de guerra”, que diz ter influenciado em alguns aspectos de sua vida. Diz nunca haver faltado nada em sua casa, mas que a situação financeira sempre foi bem controlada. Saiu de casa para casar. Quanto às gravidezes, diz que era a esposa quem cuidava disso. Tem três filhos, dois homens e uma moça, os quais,

atualmente, moram com ele. Sobre o motivo da separação, comenta que a ex-esposa queria uma vida mais livre e que ainda está digerindo tudo o que aconteceu por fazer apenas dois anos.

Trabalha na área de Engenharia Elétrica e viaja muito, o que atualmente aponta como o motivo para ter uma empregada. O seu nível social é de camadas médias de acordo com o salário revelado por ele. Diz não querer casar novamente, mas que está namorando e que pretende permanecer assim. Esse homem, durante a entrevista, foi atencioso, emotivo e também sentiu-se valorizado pelo interesse em sua história.

Danilo morou sempre em Florianópolis, diz-se “manezinho da ilha com orgulho”. É de família tipicamente açoriana, principalmente no sotaque, sendo esta constituída pelo pai, que era marinheiro, pela mãe - do lar - e ele. Não teve irmãos, era filho adotivo e sabia disso desde os nove anos de idade. Saiu de casa apenas para casar e continuou morando no mesmo bairro onde reside até hoje. Diz que era namorador e que casou para provar aos pais da namorada que podia fazê-lo.

Atualmente mora com os dois filhos homens adolescentes e parece ter um padrão social de camadas médias em função de já possuir uma casa e estar construindo outra na praia. Além disso, os meninos frequentam cursos de inglês, guitarra, entre outros, todos particulares e também pode-se perceber isto em relação ao salário que comentou. Chama a atenção que sua casa fica ao lado da residência da mãe, alegando que isso ocorre porque seu pai já faleceu e ele precisa cuidar dela. Trabalha na prefeitura com projetos relacionados ao meio ambiente e já fez viagens para o exterior, as quais apontam como um aspecto que ajudou a modificar sua mentalidade sobre as mulheres, principalmente a que ele fez para a França.

Esse homem foi muito cavalheiro, simpático, atencioso, e é interessante ressaltar que apresentava uma leveza, uma alegria e, principalmente, satisfação com a vida que leva, parecendo alguém em paz consigo.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

É importante esclarecer que para analisar as entrevistas foi utilizada a Análise de Conteúdo Temática. Sabe-se que esta é uma técnica recente. Apareceu nos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial, segundo Minayo (1999). Nesta época, pode-se dizer que crescia o fascínio pela possibilidade de expressar comportamentos em números. Por isto, ainda hoje, a Análise de Conteúdo está muito contaminada por uma concepção de contagem de frequência das categorias, e pensa-se também que as mesmas devam ser anteriormente previstas – entretanto ela não se resume a isto.

Nas Ciências Sociais, tem-se trabalhado com esta técnica de modo a “atingir os significados manifestos e latentes no material qualitativo” (Minayo, 1999, p.204), isto é, tentando compreender o movimento dinâmico, histórico e cultural das significações¹⁷.

Entende-se aqui que fazer análise temática é uma maneira de encontrar categorias que consigam traduzir como se deu o processo de significação da paternidade após adquirir a custódia. Então pode-se dizer que, segundo Bardin, “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia de leitura” (apud Minayo, 1999, p.208), ou ainda como Unrug, “uma unidade de significação complexa de comprimento variável, a sua validade não é de ordem lingüística, mas antes de ordem psicológica. Pode constituir um tema tanto uma afirmação como uma alusão”. (apud Minayo, 1999, p.209)

Os temas analisados não foram antecipadamente estipulados, mas emergiram dos conteúdos das entrevista.

5.1. Famílias de Origem

Antes de iniciar a análise dos depoimentos, gostaria de mencionar que foi necessário resgatar a história da relação dos participantes com a família de origem. Entretanto, sabe-se que, ao se pedir para o sujeito lembrar dos fatos de sua infância, está se acionando a memória e, com isto, os sujeitos efetuam uma reorganização dos fatos e dos sentidos a eles atribuídos

¹⁷ Esse grifo foi utilizado para chamar a atenção. Na Análise de Conteúdo temática, aqui nesta pesquisa, se estará sempre relacionando os temas que vierem a constituir os resultados com a concepção de que estes possuem uma história, estão incluídos em uma determinada cultura e são perpassados principalmente, para pesquisa em questão, pelo gênero e pela camada social.

no momento presente. Ao ser lembrado, o passado é reorganizado a partir de toda a experiência de vida dos sujeitos, que agora são pais e percebem diferentemente essa relação.

Os sujeitos entrevistados vivenciaram sua infância e adolescência no período entre 1950 e 1970, abrangendo três décadas que, nacional e internacionalmente, foram marcadas por movimentos sociais e políticos importantes, como o movimento feminista, o “hippie”, bem como modificações no sistema de governo do Brasil de grande importância, como a ditadura militar. Ressalto aqui, no entanto, apenas fatos históricos relatados pelos sujeitos como relevantes na constituição de suas famílias.

Suas famílias de origem são compostas, em geral, por um número pequeno de pessoas, considerando-se os genitores e seus filhos. Entre os seis entrevistados, cinco vêm de famílias com, no máximo, sete pessoas, sendo que apenas a família do **Volnei** possui doze componentes. Isto pode ser atribuído ao fato de as famílias de origem viverem em uma época na qual a pílula anticoncepcional foi inventada e também em que o desenvolvimento da população passou a ser alvo das grandes conferências internacionais que discutiam a melhoria da saúde da mulher, inclusive na área dos direitos reprodutivos. Dados do IBGE (1997) apontam que houve um decréscimo na média de filhos por famílias de 1960 em diante, sendo esta hoje em torno de dois filhos por moradia. As diferenças regionais, no entanto, devem ser consideradas aqui e apontam que, no Norte e Nordeste, as famílias ainda são mais numerosas.

O fato de no Sul do país as famílias serem menos numerosas já aparece em uma pesquisa histórica sobre o período colonial, realizada por Samara (1986), na qual esta critica o livro de Gilberto Freire, “Casa-Grande e Senzala”. A autora coloca que este fez uma generalização equivocada do modelo de família extensa para todo o território brasileiro, pois, ao lado deste modelo de família extensa, a qual predominava no Nordeste brasileiro na época colonial, coexistiam outros tipos de família, principalmente no Sul. Outro fato que deve ser levado em conta e relativizado é o lugar que estas famílias residem, ou seja, na zona rural ou urbana, pois há diferenças no modelo de família entre estas, mesmo quando pertencem a uma mesma região brasileira.

Quanto ao nível socioeconômico das famílias de origem dos sujeitos, é difícil afirmar a qual estrato social pertencem, em função de os entrevistados, mesmo quando perguntados, não deixarem claro este aspecto. Entretanto, pode-se perceber por parte de **Sérgio, Volnei, Roger e Danilo** que seus pais enfrentaram dificuldades financeiras, como a

falta de comida, falta de vestuário, bem como pela necessidade de alguns deles de sair cedo de casa para trabalhar. Essa situação é relatada por eles da seguinte forma:

“Tive que começar a trabalhar com 18 anos para me sustentar, porque meus pais não davam conta.” (Danilo)

“Saí muito novo e fui estudar para padre. Saí do interior e fui para o seminário, era a possibilidade que tinha.” (Volnei)

“Meus pais tiveram dez filhos e eu sou segundo dos dez. O segundo mais velho. (...) Somos do interior, meu pai era professor e também plantava junto com minha mãe, e nós, trabalhávamos na terra também, era muito difícil conseguir dinheiro.” (Volnei)

“Eu sou filho de pais separados. Eu sei na pele o que é. Então eu tenho muito a passar para os meus filhos. Eu passei fome, eu não tinha o que vestir, isso aumenta a experiência da gente.” (Sérgio)

“Eu sou tripeiro – tripeiro é quem nasce no Estreito, porque aqui tinha um matadouro e na época a pobreza se usufruía do bucho ou fato, inclusive minha família, e no fato tem tripa de boi.” (Sérgio)

“Porque além de não ter pai presente, a miséria... Tu vias os outros... eu digo inveja, porque criança tem muito disso, né? Então eu sofri muito por isso, pela pobreza.” (Sérgio)

“Eles [os pais] são de origem humilde e a vida deles sempre foi um trabalho e para o trabalho. Ele trabalhando no bar e ela encrespando o cabelo, fazendo doces... Era difícil.” (Roger)

Duas famílias residiam no interior de Santa Catarina (**Volnei** e **Roger**), duas em Florianópolis (**Sérgio** e **Danilo**), uma em São Paulo (**Caetano**), e outra no Rio de Janeiro (**Jairo**). Destes locais, os dois últimos eram cidade de grande porte na época da infância e adolescência dos participantes. Florianópolis, mesmo sendo a capital do Estado, ainda não

havia passado pelo processo mais intenso de urbanização que se deu a partir do final da década de 60.

Nos relatos dos sujeitos fica explícito o modelo tradicional de divisão sexual do trabalho na família, que pode ser considerado o padrão desta época em famílias tipicamente burguesas. Ainda que a metade das mães mantivesse uma função remunerada, a dinâmica continuava baseada nesta divisão, na qual a mãe é a principal responsável pela educação e cuidados com as crianças, ficando o pai com o lugar de provedor e de autoridade máxima da casa. Os dois trabalhos que são referências principais para esta pesquisa, ou seja, o de Unbehaum (2000) e o de Souza (1994) também apontam para o mesmo perfil dos entrevistados. O pai era quem mantinha o *status* da família tanto no aspecto financeiro como no moral; entretanto, afetivamente era distante, como para os sujeitos desta pesquisa.

É interessante também perceber que a metade dessas mulheres trabalhavam fora, mas exerciam a mesma profissão de seus maridos. Sabe-se, segundo Bruschini (1989), que a inserção das mulheres casadas no mercado de trabalho começou a ser significativa e reconhecida como profissão apenas em 1970; anteriormente a isto, as prioridades das mulheres eram a maternidade e a conjugalidade. Então, as mães dos entrevistados podem apresentar um comportamento diferenciado, pois, apesar de sua ocupação poder não ser reconhecida como trabalho, elas exerciam atividades profissionais.

Portanto, as atividades desempenhadas pelas mães dos entrevistados que se casaram até a década de 50 eram consideradas “ajuda financeira” para a família, e não como algo que a mulher pudesse fazer para se realizar profissionalmente. Isto não significa que para elas não pudesse ser uma realização profissional. Ao resgatar o modelo de família tradicional baseada no patriarcado, pode-se perceber que a mulher ocupava uma posição secundária e seria uma desonra para o marido, e também para a família, que esta mantivesse/sustentasse a casa. Isto apenas era permitido em caso de viuvez ou abandono. A mulher sempre precisava de um homem para sustentá-la. E aqui se fala de famílias que viveram entre o período em que esse modelo era hegemônico e aquele no qual o lugar do feminino começou a ser questionado.

“Meu pai era aquele que sentava e queria o café. Morre de fome mas, ele não vai pra cozinha, ele não mexe no fogão. Minha mãe é daquelas mãezonas, daquele modelo sacana, que tinha que cuidar de tudo. Tinha que ser perfeita limpinha (...) Mas tinha na cabeça que era a mulher que tinha que fazer tudo.” (Caetano)

“O pai era meio autoritário, sem muita conversa. Na escola ele cuidava das crianças da comunidade toda, mas em casa a mãe que cuidava das crianças.” (Volnei)

Em relação ao papel dessas mães como cuidadoras principais, precisa-se ressaltar que na época em que tiveram seus filhos, após a Segunda Guerra Mundial, havia um forte apelo para recolocá-las nos lares de forma que pudessem dar lugar no mercado de trabalho para os homens. É importante destacar, que esta situação foi mais forte em outros países do que no Brasil, pois este enviou poucos homens a guerra. No entanto, esta discussão chegou ao Brasil por meio de estudos desenvolvidos em outros países, sendo que esse movimento baseava-se, principalmente, em uma interpretação do discurso psicológico segundo a qual a mãe seria essencial para o “desenvolvimento normal” da criança.

Juntamente com o apelo às mães, Hurstel (1999) aponta que, entre 1942 e 1968, o termo “carência paterna” começa a aparecer em estudos que investigavam os efeitos psicológicos e sociais da falta do pai. Pode-se perceber nestes estudos uma preocupação subjacente de revalorizar o poder paterno.

À primeira vista, pode-se concluir equivocadamente que, devido à incipiente participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, os efeitos do conflito tenham influenciado exclusivamente a realidade internacional. Entretanto, no Sul do País, lugar de forte concentração européia, e principalmente para **Volnei** e **Roger**, a Guerra e o período seguinte a esta marcaram profundamente suas famílias por serem de origem alemã. O pai de **Roger**, por exemplo, adquiriu a chamada “neurose de guerra”, apontada como um dos aspectos que impediu uma maior aproximação entre estes na infância e adolescência. O outro – **Volnei** – comenta a respeito da forte repressão desencadeada a partir da implementação da lei segundo a qual era obrigatório falar apenas o português no território nacional, levando seu pai a exigir rigidamente dos filhos a utilização do idioma vernáculo como uma forma de inclusão e reconhecimento perante a comunidade na qual se inseria a família.

Em todas as falas dos sujeitos, fica explícita essa diferenciação quanto às atribuições de mãe e pai, reafirmando o modelo tradicional, como já mencionado. A primeira era considerada como a protetora, cuidadora, aquela que dava afeto, que se ocupava com as tarefas domésticas e também com o bem-estar dos filhos e do marido. Dois dos sujeitos,

Volnei e **Roger**, também se referem à mãe como a principal responsável por ter lhes ensinado o sentimento “forte” de família. Pode-se observar isso pelas frases seguintes:

“E eu acho que minha mãe deu muita força em termos de cuidados, educação, minha mãe era assim muito correta.”(Sérgio)

“Bom, na infância enquanto eu estava com eles a gente tinha uma relação muito boa. Eu acho. Principalmente com a mãe que era muito querida, muito carinhosa, nos amava muito, muito cuidadosa.” (Volnei)

“A minha mãe é que foi mãe e pai. Era pra tudo, na hora do colégio, na hora da doença.” (Volnei)

“Meu pai não cuidava de mim, quem cuidava era minha mãe.” (Jairo)

“Eu nunca fui obrigado a cozinhar dentro de casa, minha mãe, se eu chegasse perto da cozinha, era comprar uma briga com ela. Meu pai nunca cuidou de nada, eu nunca vi isso.”(Caetano)

“Acho que essa vontade de ficar com meus filhos vem do sentimento forte de família que minha mãe me ensinou. Ensinou a importância dos filhos para a família.” (Roger)

Por outro lado, em relação ao pai, **Caetano**, **Jairo** e **Volnei**, referem-se a este como alguém que trabalhava muito e mantinha a rotina casa-trabalho/trabalho-casa. Nas palavras de Jairo, “era um pai que era do trabalho pra casa e da casa para o trabalho”. (Jairo)

Importante perceber que nenhum dos sujeitos faz menção a qualquer tipo de cuidados corporais na infância e/ou na adolescência por parte de seus pais. Além disso, referem-se a falta de envolvimento emocional/afetivo, mesmo na esfera considerada masculina, ou seja, ensinar a “fazer coisas de homem”, como caçar, jogar bola, pescar, entre outras, pois apenas **Caetano** e **Sérgio** relataram a existência desse tipo de relação. Cabe ressaltar aqui que **Jairo** também comenta sobre essa falta de envolvimento emocional/afetivo e também sobre a inexistência de algum tipo de ensinamento de “coisas

de homem”, mas aponta para um comportamento clássico do período histórico em que viveu sua adolescência: a iniciação sexual em um bordel, levado pelo pai. Em suas palavras, “conheci uma mulher aos 18 anos de idade e na zona levado pelo meu pai.” (Jairo)

Os outros referem-se à figura do pai como alguém que apenas sustentava a casa e representava a autoridade, ou mais literalmente, como “quem decidia sobre os castigos e as surras”. (Volnei)

Neste modelo de masculinidade, a principal característica pode ser considerada o trabalho, ou seja: “a identidade masculina, na família e fora dela, associa-se diretamente ao valor do trabalho, não apenas para os pobres. O trabalho é muito mais do que o instrumento da sobrevivência material, mas constitui o substrato da identidade masculina, forjando um jeito de ser homem.” (Sarti, 1996, p.66)

Almeida (1996), em seu estudo sobre a comunidade dos Pardais do Sul de Portugal, ressalta que o trabalho, para seus sujeitos, é uma forma de ser homem, mas este tem como característica principal o sofrimento, o “dar duro” para sustentar a família. Para seus entrevistados, cargos de liderança, como o de chefe da extração do mármore, por exemplo, deveriam ser ocupados por alguém que já tivesse sentido o peso do trabalho.

Os outros três – **Sérgio, Danilo, Jairo** – confirmam também a “dedicação” de seus pais ao trabalho, acrescentando, entretanto, que, depois do trabalho, ou nos finais de semana, estes raramente permaneciam em casa em função de manterem relacionamentos extraconjugais, o que causava constantes brigas entre os casais.

“Ele [o pai] era um bom militar, então bebia e aí estava sempre de rolo, muitas mulheres, sabe?” (Danilo)

“O ruim de meu pai era que, além de ser da Marinha, ele era mulherengo. Meu pai era mulherengo e marinheiro, tu imagina, então?” (Sérgio)

Estes três sujeitos apontam uma característica que Almeida (1996), Villa (1999) e Arilha (1998) também discutem em seus trabalhos – a dupla moral sexual, isto é, os homens, na pesquisa do primeiro autor, eram mais respeitados se mantivessem a família e uma outra mulher fora de casa. Também é ressaltado nos resultados das outras duas pesquisas que a mulher precisa controlar os homens, pois eles são naturalmente impulsivos sexualmente.

Existe uma “queixa” implícita nas entrevistas de todos os sujeitos quanto à demonstração de afeto por parte do pai, o que é percebido pela ausência de presentes, bem

como através da inexistência de contato físico carinhoso entre eles. Mas é importante destacar que este ressentimento refere-se ao comportamento dos pais no período que envolve a infância e a adolescência. Entretanto, ao falarem dessa falta de manifestações de afeto que sentiam, **Caetano, Volnei, Jairo** choraram e explicitaram sua indignação.

“Era o trivialzinho. Meu pai nunca se preocupava se eu ia jogar futebol, se ia à escola ou não. (...) A minha mãe é que foi mãe e pai. Era pra tudo, na hora do colégio, na hora da doença. Meu pai não foi um pai legal. (...) Conversava pouco, abraço, beijos nem pensar (choro)”. (Jairo)

“Eu não me lembro, nunca, nenhum de nós ter ido no colo do pai com ele beijando e abraçando, nunca. Ele dava colo quando era para atravessar um córrego, para passar pelo mato, e mesmo assim, rápido porque tinham outros para atravessar. E aí, um desses dias aí, eu cobreí isso em uma conversa com o pai, aí a mãe disse que eu tava enganado, que quando eu era pequeno o pai cantava. Ele tinha algumas coisas assim que a gente gostava muito. Daí ela assim – ‘não, o pai pegava vocês no colo, dava carinho, essas coisas todas’ – daí eu perguntei: ‘mas beijava?’ , ‘é, não sei, acho que sim’. Tá, ela pode dizer isso, mas eu não me lembro, nem sinto isso. Se fez, só quando a gente era bebê. E isso ele fez com os dez. E a mãe não. A gente sabe que fazia.” (Volnei)

“Meu pai era um cara seco. Não cuidava de mim. Não tinha essa coisa de demonstrar afetividade, de colocar o filho no colo. (...) Meu pai nunca chegou em casa com algo que comprou no camelô e chegou para me dar. Nunca.” (Caetano)

Juntamente com essa queixa, há uma justificção nos relatos para esse comportamento do pai. Com exceção de **Roger**, os outros entrevistados atribuem à educação recebida dos avós e também aos padrões da época a construção deste tipo de comportamento. Entretanto, durante essas falas ainda havia muita emoção, persistindo a impressão de que eles estavam reclamando.

Esse perfil de pai afetivamente distante e de mãe carinhosa aparece em alguns estudos, como, por exemplo, o de Gersick (1975) citado por Souza (1994), que aponta este

modelo como um dos principais aspectos que pode levar um homem a querer ficar com a guarda dos filhos.

“Meu pai era do jeito dele. Não expressava sentimentos pra ninguém. (...) Meu pai era último de uma família enorme. Quem o criou foi uma tia. Ele foi espalhado. Espalharam a sobra [os últimos filhos]. Com 13 anos saiu de casa, foi para São Paulo. Foi muito sozinho. (...) Não sei se isso explica alguma coisa.” (Caetano)

“Mas essas coisas são coisas da época.” (Volnei, falando da autoridade e da falta de expressão de afeto do pai)

“Naquela época era difícil um pai se dar com os filhos. Era dele mesmo. Era da educação dele. Ele era legal em termos de dinheiro, mas preocupação conosco, era difícil.” (Jairo)

Roger e Volnei, que ainda estão com os pais vivos, aludem a uma transformação na relação com estes. Falam de uma aproximação depois que seus pais se tornaram “livres do trabalho” e/ou idosos. Após acompanharem os pais na passagem pelos vários ciclos da vida, relatam ser possível hoje manter uma relação com demonstrações de afeto, através de abraços, carinhos, brincadeiras e beijos. Segundo Keijzer (2000):

a paternidade é uma posição e função que vem mudando historicamente e tem notáveis variações de uma cultura a outra, assim como nas distintas classes sociais e etnias dentro de um mesmo país. Tem, assim mesmo, especificidades de acordo com a nossa história particular de vida e, ao mesmo tempo, significados distintos ao longo do ciclo de vida de um mesmo homem. (p.216)

Unbehaum (2000) chama a atenção para o ciclo da vida do homem em que está incluída a aposentadoria, em que “há por parte do homem disponibilidade para uma maior participação na esfera doméstica” (p.121). A rigidez das obrigações de provedor atenua-se neste momento, e este pode-se permitir viver mais livremente da pressão deste posição, como o fantasma de uma demissão, que pode influenciar diretamente o sustento familiar. Juntamente com a aposentadoria, na maior parte dos casos, vem a velhice, momento no qual

os sujeitos se tornam mais frágeis, mais dependentes. A possibilidade desse dois entrevistados acompanharem esse processo talvez tenha estimulado uma modificação no relacionamento com seus pais, levando em consideração que a inversão de papéis permite olhar o pai de outro ângulo.

Keijzer (2000), ao comentar o texto de Yablonsky (s/a), que analisa os ciclos de vida do pai e a relação com os filhos, chega à conclusão de que:

todavia, lhe falta uma etapa sumamente interessante: quando, chega a terceira idade do pai, se invertem os papéis e os filhos e filhas precisam cuidar de seus próprios genitores. Esta inversão de papéis se dá com ambos, pai e mãe, mas será sumamente conflitiva, sobretudo em relação ao primeiro. A qualidade desta etapa refletirá muito a qualidade de relação que este teve entre pai e filhos e filhas nas etapas anteriores. (Keijzer, 2000 p.229)

Vale destacar também que, em todos os relatos, o modelo de pai “não afetivo” é apontado como um dos aspectos que levou os sujeitos a procurarem ser mais próximos, mais amigos e, principalmente, mais afetuosos em relação aos filhos. Pode-se concluir, então, que este é um modelo contrastivo para os sujeitos entrevistados. Para Keijzer (2000):

O mesmo processo de criança pode converter-se em uma possibilidade de ressocializarmos como pais e pessoas. Sempre existe a opção de repetir a história ou de tentar modificá-la buscando formas alternativas de educar e relacionar-se. (Keijzer, 2000, p. 230)

Ramires (1997), em uma pesquisa que investigou as concepções de paternidade entre homens de camadas médias, casados e em famílias monoparentais, aponta também que os entrevistados, em contraste com o modelo paterno, elegem assim um modelo menos rígido e hierárquico de relacionamento, descartando a relação autoritária pai-filho/filha do passado, e que muitos deles tiveram com seus próprios pais” (Ramires, 1997, p.90).

Nesta colocação existe um ponto passível de discussão, pois entre os sujeitos entrevistados nesta pesquisa, não se observa um “descarte” total do modelo do pai, mas uma modificação em alguns aspectos, como, por exemplo, um maior contato afetivo/físico, maior abertura para o diálogo, entre outros. Tornar-se pai então, segundo Hurstel (1999) “é fazer

surgir seu próprio pai, as relações com a mãe de sua infância e a função paterna tal como seu próprio pai – ou substituto – a exercia.” (p.83) Muitas vezes, isso implica também entrar em conflito com o modelo apresentado por seus próprios pais, como no caso dos entrevistados de Ramires (1997) e nos dessa pesquisa. Desta maneira, o contraste com o pai é uma forma de afirmação de um modelo mais igualitário, mesmo que seja contraditório.

Isso não significa que não tenha havido um movimento de identificação em outros aspectos de suas masculinidades. Por exemplo, é interessante observar que os sujeitos cujos pais tiveram outras mulheres além da esposa repetiram esse mesmo comportamento em seus casamentos, muitas vezes utilizando como justificativa o argumento de que manter relações extraconjugais é uma característica própria do homem, recaindo na questão da dupla moral sexual anteriormente comentada.

Deve-se ressaltar que **Sergio, Jairo e Danilo** têm os pais já falecidos, sendo que os dois últimos passaram por esse acontecimento ainda quando solteiros, e outro, depois de separado, aos 30 anos. Destaco esse momento pois nos relatos fica explícito o processo de resignificação da relação com estes pais, causando algumas descobertas importantes para a constituição da paternidade desses sujeitos. Como exemplo, pode-se citar a descoberta de **Danilo** de ser filho adotivo, o surgimento, para **Jairo**, de outra família de seu pai na qual havia outros irmãos, ou ainda a frustração de **Sérgio** em não poder mais continuar um processo de aproximação que estava estabelecendo entre ele e seu pai. Para estes três sujeitos, esses aspectos contribuíram para um forte desejo de “ser pai”.

5.2. Casamento e divórcio

Quanto à **constituição dos casais**, pode-se perceber através dos relatos os elementos que ajudaram a elaborar o sentido da experiência do casamento para esses sujeitos. **Sérgio** afirma que se casou após ter mantido relações sexuais com sua namorada e os pais dela terem descoberto. **Danilo** conta que constituiu essa união para provar à família da namorada que podia fazê-lo. **Caetano** disse que o tipo de namoro que levava, apesar de ter durado nove anos, não permitiu conhecer profundamente a garota e que, se isso tivesse acontecido, talvez não houvesse casado. Mas por gostar muito dela, mesmo sabendo que haveria complicações nesta relação, casou-se.

Chama atenção a afirmação desses três sujeitos de que, se não fosse por um desses motivos, não teriam casado com essas namoradas, mas que, mesmo assim, constituíram casamentos nos quais já sabiam que enfrentariam complicações. Entretanto, precisa-se considerar que estas já são falas reflexivas, de quem já viveu esse tipo de relação.

Os outros três sujeitos, não mencionaram situações que pudessem ter contribuído para o seu casamento. Também não houve nenhuma menção a terem casado devido a uma gravidez. Parece que, pela idade dos filhos cruzada com o tempo de matrimônio, nenhum dos casais estavam grávidos antes do matrimônio.

Quanto ao **relacionamento conjugal** quatro entrevistados – **Sérgio**, **Caetano**, **Danilo** e **Jairo** – o avaliam como “tumultuado”, e **Volnei** e **Roger** como “normal”, incluindo algumas divergências de opiniões. Destes que consideraram o relacionamento conjugal tumultuado, **Jairo**, **Sérgio** e **Danilo** referem-se a traições, tanto por parte do homem quanto da mulher, como um dos aspectos que contribuí para o aumento dos conflitos entre os casais. Percebe-se, no entanto, uma diferenciação nas falas sobre a traição feminina e a masculina. A última é colocada como “natural do homem”, pois faz parte da natureza deste trair, desde que tome cuidado para não misturar “a rua com a casa”. Outro aspecto apontado como motivo para traição masculina está na insatisfação com o desempenho sexual da esposa.

“O homem naturalmente ele é meio safado, cresce o olho, como diz o ditado. Minha esposa tinha um problema, como vou dizer sexual (...) E de repente alguém te oferece aquilo que tu não tem em casa, aí tu sai.” (Sérgio)

“Ela achava que eu sacaneava ela, mas ela nunca viu nada, nunca pegou nada. Eu até fazia, mas era bem escondido. Afinal, eu sou homem, é normal isto.”(Jairo)

“A gente não foi fiel um ao outro. Saíram erros de ambas as partes. Mas o homem é assim mesmo. Já a parte dela, ela deixou a desejar quando expôs os filhos a isso [a traição].” (Danilo)

Em contraste, a traição realizada pelas mulheres é concebida como um ato único que pode levar ao fim do casamento para **Jairo e Danilo**, ou seja, esse comportamento por parte das mulheres ofenderia a “honra” dos sujeitos e também a respeitabilidade feminina. As frases seguintes explicitam esta idéia:

“Quando eu estava na França, o cara ligava todo dia pra nossa casa, as crianças atendiam e ele dizia ‘chama a tua mãe, aqui é o namorado dela’. Quando eu cheguei, eles vieram me contar que o namorado da mãe ligou todos os dias. Daí abri o jogo para eles e disse que iria me separar. Mas é a revolta, porque ela deixou a desejar, fez, fez e expôs os filhos às besteiras dela. Misturou o casamento com a rua.”(Danilo)

“Aí um dia ela me sacaneou com outra pessoa e eu descobri. Todos sabiam que ela era legal, mas que gostava de rua. Ela não nasceu para casar, nasceu para se divertir. Agora que ela voltou a estudar e tudo. Antes era só se divertir. E isso eu não ia mais aceitar.”(Jairo)

Quanto à **vida social e profissional dessas mulheres**, as esposas de **Sérgio, Jairo Volnei** trabalhavam fora. Todas mantinham círculos de amizade em que os maridos não estavam incluídos, sendo que as companheiras de **Volnei, Caetano, Roger, Danilo e Jairo** saíam sozinhas para comemorações noturnas, como festas, bailes e barzinhos. Entretanto, para os três primeiros esse aspecto era considerado normal. Apenas **Volnei** comentou sobre a negociação de agendamento de compromissos com a esposa para que os dois pudessem sair com os amigos e as amigas.

Por outro lado, **Danilo e Jairo** também concordam que as mulheres precisavam sair sozinhas à noite, mas havia uma tonalidade de insegurança por parte deles e que isso só

poderia ocorrer com os seus consentimentos. Percebe-se em algumas pequenas frases este comportamento de consentir. Por exemplo, “eu dava total liberdade a ela para sair à noite com as amigas” (Jairo), em que o “dava” é muito significativo, pois lembra concessão. Outro exemplo: “Daí fui para a França e conheci mulheres casadas que saíam e os caras nem chegavam perto. Cheguei e disse que ela tava liberada para sair, mas apostei que em duas semanas ela arranjaría um homem.”(Danilo) Nesta frase pode-se observar novamente a liberação por parte do marido para a mulher sair, precisando este ter conhecido outros comportamentos em outras culturas, para modificar o seu, mas ainda assim com insegurança.

Em todos os relatos, em variadas entonações, aparece a idéia de que as mulheres não se dedicavam a casa e aos “deveres conjugais”. O sujeito que deixou clara sua insatisfação foi **Sérgio**. Em suas palavras:

“Ela trabalhava muito em casa, ela sempre foi e ainda é uma ótima costureira. Então ela ficava trabalhando até tarde, e a casa deixava muito a desejar, então vem acumulando um monte de coisas. Em termos de limpeza, de fazer uma comida, de agradar o marido (...) Ela não era bem uma dona-de-casa. E sexualmente, pior. (...) Eu, já faz 30 anos que não tomo café da manhã, e é uma coisa que eu mais gostaria, porque ela sempre acordou tarde, e eu tinha que trabalhar e eu nunca tinha café.”
(Sérgio)

Percebe-se ainda que perpassa todos os discursos dos sujeitos uma insatisfação com o desempenho das esposas como mães. Colocam que estas pareciam emocionalmente distantes dos filhos e também dos cuidados com os mesmos. Para **Danilo, Caetano, Volnei e Jairo**, este tipo de comportamento levou-os a assumir estas responsabilidades com os filhos. Cuidavam do uniforme, da mamadeira, das fraldas, das brincadeiras, dos horários, deixavam os seus lazes e também, em alguns casos, negociavam seus horários de trabalho para estar com os filhos. As frases abaixo relatam o distanciamento por eles apontados e também esses cuidados para com seus filhos.

“A Carmen tem uma certa dificuldade afetiva em relação aos filhos, ela tem muita dificuldade em expressar sentimentos. (...) Não custava fazer um carinho, mas a Carmen sempre teve essa dificuldade. Quando havia um filho doente, a gente notava

que ela tinha dificuldade de fazer aquele carinho de mãe, um chazinho, alguma coisa. Não, ela queria ser forte. Então eu assumi isso tudo.”(Roger)

“Desde que o primeiro nasceu, eu tomei conta de tudo. Eu trocava fralda, dava mamadeira, eu que dava banho, chegava em casa e ia brincar. Ela foi uma excelente mãe, mas ela aqui e o filhos ali, não era muito de dar carinho, não era muito de pegar no colo. ” (Danilo)

“Ela não tinha o trabalho de levantar, ela tava em casa, mas dormia, levantava tarde, quem dava o café da manhã era eu. (...) Eu já conciliava meu trabalho com os afazeres domésticos.” (Caetano)

Nota-se com isso, que os entrevistados anteriormente citados – **Caetano, Roger, Volnei e Danilo** – contrataram empregadas domésticas, para “auxiliar as esposas” durante o período de trabalho. **Sérgio**, no entanto, alegou não ter habilidades/competência para esses pequenos cuidados infantis e com os afazeres domésticos, apenas para ensinar brincadeiras e coisas da vida.

Interessante observar que, com exceção de **Sérgio, Caetano, Volnei, Jairo e Danilo** já estão se apropriando de comportamentos diferenciados daquele esperado no modelo tradicional de pai, ou seja, de somente provedor, apresentando, assim, modificações que vão ao encontro do que a literatura (Unbehaum, 2000; Souza, 1994; Hurstel, 1999; Nolasco, 1995; Lyra, 1998) denomina “novas paternidades”. Este conceito fala de pais mais próximos afetivamente e também envolvidos nos cuidados com as crianças, isto é, um homem/pai que “compartilhe” com sua companheira e também se “responsabilize” pelo desenvolvimento social, emocional e físico de seus filhos, independentemente de estar residindo junto a estes ou não.

Pleck (1997) levanta uma discussão importante sobre “as novas formas de paternidades”. Enfatiza que a literatura tem comentado sobre um pai mais afetivo, deixando a função de provedor como se fosse secundária. Entretanto, aponta que essa função é básica para o desenvolvimento das crianças e que deve ser ressaltada, pois coloca que prover também é se preocupar e que, em alguns casos, pais e mães abdicam de seu tempo livre com seus filhos para trabalharem devido à necessidade de dar maior conforto e segurança financeira para suas crianças. Entretanto, destaca que esta função sempre foi colocada como

de responsabilidade exclusiva do pai e que esta realidade hoje é diferente em função das mulheres estarem inseridas na esfera pública, mas que o prover não pode deixar de ser considerado fundamental.

Retornando à questão das novas paternidades, quando para **Roger, Volnei, Caetano, Jairo e Danilo**, não era possível haver uma flexibilidade no trabalho, ou ainda quando precisavam viajar a serviço, diziam que se preocupavam com as crianças e, nos momentos nos quais estavam presentes em casa, continuavam a assumir todas as funções relacionadas aos filhos.

“Até a minha filha jogava na cara dela: ‘não sei por que tu fosse engravidar. O papai nunca quis outro filho’. E a filha dizia: ‘agora quem toma conta do Jonas é o papai, a senhora nem pára em casa’.”(Jairo)

“Antes da separação, eu cantava no coral à noite. Eu deixei de cantar para ficar em casa cuidando das crianças para ela trabalhar. E desde de pequenos, desde as fraldas, uma noite era minha e outra era dela. Fazia mamadeira, revisava tudo, e eu fazia tão bem quanto ela.”(Volnei)

“Desde que o primeiro nasceu, eu tomei conta de tudo. Eu que trocava fralda dava mamadeira, eu que dava banho, chegava em casa e ia brincar.”(Danilo)

Interessante observar que nos relatos desses homens/pais, ao comentarem a participação nos cuidados dos filhos, não são citados afazeres domésticos relacionados com a higiene da casa e a manutenção da rotina familiar, como passar, cozinhar ou limpar, restringindo-se ao campo dos cuidados com as crianças, como dar banho, cuidar da higiene do bebê, estar presente em casa, brincar, trocar a roupa, levar ao colégio, ao cinema, ao parque e para passear com os amiguinhos. Além disso, os entrevistados alegam terem entrado na área dos cuidados infantis em função de uma “falta da mãe” quanto à estas tarefas. Então, isto corrobora o trabalho de Unbehaum (2000), entre outros que aponta que a entrada na esfera doméstica e nos cuidados infantis foi impulsionada pelas modificações no lugar do feminino na sociedade ocidental, mas que ainda existe uma assimetria na divisão de tarefas domésticas.

Apenas **Caetano** diferencia-se neste aspecto, comentando que ficava em casa dois períodos e cuidava de tudo que os filhos precisavam, inclusive dos lanches, cozinhando por prazer e ajeitando as roupas para o colégio. Entretanto, este pesquisado é uma exceção, devido à história de agressões físicas da ex-esposa em relação aos filhos, sendo que ele, além de pai, precisava exercer a proteção das crianças.

Volnei apresenta características semelhantes a **Caetano**, as quais destoam dos outros entrevistados. Os dois percebem as mulheres como sujeitos de direitos e deveres, mas, **Volnei** consegue realmente pôr em prática a igualdade, negociando horários e entendendo a necessidade de auto-realização de sua esposa. Para **Caetano**, isso foi possível durante a fase inicial do casamento, em que ainda não existiam os filhos.

Interessante observar que esses dois homens saíram de casa muito cedo e foram morar longe das famílias de origem. Nestes locais onde residiram, tiveram que realizar todos os tipos de tarefas e lidar com suas dificuldades, como, por exemplo, com a rotina diária de uma casa, como também com dificuldades financeiras. Considero que isto tenha possibilitado modificações em seus comportamentos, tornando-os mais disponíveis a negociações.

Todos os sujeitos apontam para um aspecto interessante sobre o fortalecimento do **vínculo pais-crianças**. Argumentam que essa rotina do dia-a-dia envolvendo a eles e seus filhos, fez com que o vínculo afetivo se tornasse mais próximo. Esta discussão tem sido levantada por autores como Lamb (1997), Pleck (1997) Hetherington e Stanley-Hagan (1997). Estes têm procurado comprovar que o vínculo não tem gênero, isto é, não necessariamente a figura da mãe tem mais probabilidade de criar vínculos de confiança, mas o que importa é o envolvimento, ou melhor, como os autores acima denominam, é a responsividade às necessidades infantis e a afetividade, que possibilitarão o desenvolvimento da intimidade.

Todos os entrevistados consideram que os momentos difíceis nos quais tiveram que se doar e estar disponíveis para as crianças, possibilitaram a estas uma maior abertura para colocarem suas opiniões e desejos sem medo e uma maior confiança no suporte que estes homens poderiam lhes dar, mesmo e principalmente quando precisassem de limites. Apontam essa aproximação afetiva como o aspecto determinante na escolha dos filhos em ficar morando com eles. Em relação a isto, Pleck (1997) coloca ainda que os limites, juntamente com a responsividade, fazem com que a criança sinta que, em situações de perigo, elas poderão contar com aquele adulto.

A citação de **Caetano** explicita com clareza e sintetiza as falas dos outros sujeitos quanto a este aspecto.

“Na verdade eu que acordava as crianças cedo, eu que tirava da cama, eu que botava o uniforme, porque eles eram pequeninhos, levava no colégio, eu ia buscar, à tarde sempre ela saía e aí eu tinha que fazer o lanche e ficava com eles boa parte com eles à noite. Então, esses afazeres educativos criam uma afetividade diferente, cria uma relação diferente mais próxima. Agora em relação à afetividade, não sei a oportunidade de eles se ligarem com esses vínculos comigo era maior do que com ela. Porque se eu que tiro da cama, eu que dou o café da manhã. E acho que esse laço para as crianças é muito forte. À noite quem fica em casa? Eu acabava ficando, dava banho, janta, tudo eu acabava fazendo. Então já tinha uma rotina dentro de casa que acabou levando para essa direção, não foi aquela coisa que trancou nesse aspecto. Na hora de passear, eu que tinha disponibilidade de encher o carro de amigos, ela não tinha essa paciência, essa tolerância. Pegar o carro e botar oito crianças dentro e subir o morro pra brincar. Ela não tinha essa disposição. Eu fazia isso, então acabou polarizando. Tinha um pólo e outro pólo. Tinha uma referência e outra referência.”
(Caetano)

No que concerne às **gravidezes dos filhos**, é possível perceber a falta de um planejamento quanto à época para tê-los. Com exceção de dois sujeitos que relataram não fazer nada para impedir uma gravidez, todos os outros tiveram uma relação tumultuada com as mulheres acerca do método contraceptivo.

No caso dos dois sujeitos que diziam não utilizar nenhum método, chama a atenção na fala de um deles a articulação entre camada social e contracepção. Ele diz que:

“Eu acho que pobre é assim, ele não planeja, quando vem ele aceita”. (Sérgio)

Quanto ao outro, nota-se em sua entrevista uma forte influência religiosa que liga casamento a relações sexuais e conseqüentemente à reprodução:

“A gente casa para ter filhos, se programamos para tê-los. Não fazíamos nenhum esforço para não ter.” (Volnei)

Percebe-se que o planejamento familiar da época era dificultado por uma visível falta de negociação entre os sujeitos e esposas quanto ao método contraceptivo, que ficava majoritariamente nas mãos das mulheres. A pílula era o método mais utilizado, sendo que um sujeito disse ter que lembrar a mulher para ingeri-la todas as noites, salientando ainda que, por a pílula ser de responsabilidade da mulher, ficava nas mãos dela decidir a época das gravidezes. **Jairo** e **Danilo** apontaram este fato como um mecanismo que as esposas utilizavam para “prendê-los” no casamento. Este apontamento pode ser também uma maneira de eles se eximirem da responsabilidade pela concepção.

“Até porque ela decidia sozinha a época de parar os comprimidos e nem me perguntava se para mim estava bom. Isso era difícil.”(Danilo)

“Nós não tínhamos combinado nada. No segundo filho ela me sacaneou. No primeiro tínhamos brigado e, na volta, ela engravidou. O segundo filho eu sempre falava: ‘não vamos ter o segundo filho, porque a gente vai se separar’. Ela foi e engravidou de sacanagem, disse que tomava comprimido.”(Jairo)

Essas constatações são apresentadas em estudos como de Villa (1999), Arilha (1998), Garcia (1998), entre outros, nos quais essa diferenciação do lugar das mulheres e dos homens se faz presente. Pode-se observar que a complexidade da assimetria das relações de gênero também aparece nas relações sexuais. Os homens, na maioria das vezes, definem a quantidade e as mulheres se preocupam com as gravidezes. Entretanto, estas são responsáveis pela função de controlar os homens. Segundo Arilha (1998) e Garcia (1998), elas precisam ensinar os homens a viverem casados, são as professoras destes e, com isto, decidem quando querem ter filhos.

Caetano se diferencia quanto ao método contraceptivo, afirmando ter usado a camisinha e que esta não funcionava. Este também comenta a aversão da esposa ao uso da pílula anticoncepcional e afirma que, como era muito novo, não admitia fazer uma vasectomia, sendo o único que se dispôs a dividir a responsabilidade de ter os filhos.

“Todas [as gravidezes] ela tentou fazer um aborto, desde a primeira até a terceira e mais quatro que ela teve, né? Era sempre a mesma dinâmica, engravidava e queria

abortar. Eu não aceitava eu fazer alguma coisa, vinte e poucos anos, 26, 27 e 28, não vou fazer uma vasectomia. Até porque já tinha uma coisa meio instintiva de que aquela situação um dia ia acabar. Até porque com todos os ingredientes que tinha eu já tinha essa segurança. Usar preservativo a gente usava. Meu terceiro filho nasceu exatamente nessa condição, eu tava usando, então era uma coisa que não funcionava muito. E aí, tinha que partir para uma outra solução – o aborto. Ela nunca aceitou tomar pílula. Acabei sendo cúmplice nisso, de alguma maneira ou de outra, eu fui cúmplice e acabamos tendo três filhos em 4 anos. Isso complicou muito a nossa vida. Como não havia outros contraceptivos, até a própria relação sexual ficava comprometida. E o medo de engravidar de novo? É todo ano! Todo ano tinha uma gravidez. E como não tinha uma solução, o jeito era até evitar ter relações mesmo. A tabelinha acabava reduzindo. Foi uma sucessão de coisas atrapalhadas e deu no que deu.”(Caetano)

Nos relatos de todos os sujeitos quanto às gravidezes e métodos contraceptivos, aparece no subtexto do discurso uma insatisfação por não terem controle sobre o momento de ser pai, pois isto ficava a critério da vontade da parceira em ser mãe. Entretanto, no caso de **Caetano** o descontrole sobre a gravidez era de ambos, contradizendo o poder da mulher em decidir por um filho. Dois deles apontam que as mulheres acabaram “fazendo sacanagem” e tiveram filhos para mantê-los no casamento. **Caetano** argumenta que essa falta de controle sobre o momento das gravidezes acabou afastando o casal, como se pode observar na citação acima, que passou a evitar as relações sexuais, sendo este um dos motivos para o rompimento do casamento.

Ainda sobre esse aspecto, quatro sujeitos – **Jairo, Danilo, Caetano e Sérgio** – comentam que não queriam o filho em função de perceberem a iminência do fim do casamento, mas que não conseguiram impedir as gravidezes.

Todos os homens apontam também para um descontentamento quanto ao ritmo sexual das esposas, isto é, a frequência das relações sexuais era imposta pelas mulheres, e os sujeitos não se satisfaziam com esta.

Um aspecto importante a mencionar é que todos os homens ressaltam que a chegada dos filhos fez emergir conflitos na relação, os quais até então estavam sob controle e/ou camuflados. Apontam que esta relação triangular aumenta as dificuldades e explicita os

“defeitos”, tanto do marido quanto da esposa. Para **Caetano**, a vinda seguida dos filhos exacerbou esta situação. Nas palavras de **Caetano**,

“Por isso que eu te disse que quando eu casei eu tinha muitos problemas, só que eu encarava eles de forma diferente. Esses problemas já estavam lá. Só que eu não tinha nem tempo pra confrontar. Eu ia brigar? Não ia. (...)E tem um outro problema no casamento, que eu até estava conversando com um casal que não tem filho, estão só os dois. E aí, quando estão só os dois, tem algumas coisas que a gente faz diferente. Quando o outro tem um defeito e é só você e a pessoa, tem uma tolerância. Por quê? Porque a consequência é só em você. Então acaba relevando, faz um sacrifício, mas você agüenta. Agora se essa pessoa com aquele defeito expressa aquele problema no teu filho – a tua tolerância vai para o saco. Eu vejo assim, posso estar muito enganado. Porque eu agüento. Acho que tenho mecanismos, invento uma desculpa para mim mesmo e acabo comendo o sapo. Mas eu não quero que aquilo aconteça com o meu filho. Meu filho eu quero proteger. Eu não me protejo, a gente acaba não se protegendo. A confusão começa aí, quando os defeitos são expressos contra os filhos. Acho que boa parte das confusões que começam a sair nos casais, aparecem a partir dos filhos. Até porque você tá em dois, aparece um terceiro divide a atenção. A liberdade não é mais a mesma e precisa haver disponibilidade para negociar uma nova dinâmica.” (Caetano)

O nascimento das crianças, para **Caetano** e **Volnei**, significa disponibilidade de tempo e necessidade de reorganização dos projetos de vida e de toda a rotina familiar, precisando haver uma flexibilidade de negociação entre o casal para se adaptar da forma mais satisfatória à nova situação. Entretanto, essa negociação foi colocada como “aquilo que os casais deveriam fazer”, ou seja, o ideal, e, nos seus relatos, os dois sujeitos disseram não haver conseguido realizar totalmente tal objetivo, instigando o exacerbamento do conflito conjugal.

Percebe-se que, em **relação às crianças enquanto bebês**, todos os entrevistados colocam que, para as mulheres, o nascimento dos filhos foi um corte, mesmo que provisório, na carreira profissional. Relatam que aquelas dedicadas somente ao lar, mas que desejavam exercer uma profissão, não conseguiam administrar a “frustração na cabeça” e acabavam por

descontar esse sentimento nas crianças, tanto através de agressões físicas, como por um distanciamento afetivo.

Um outro aspecto emergente nos relatos é a **relação dos cônjuges com os sogros/avós**. Apenas **Roger** refere-se a este tipo de relacionamento como agradável. Todos os outros relataram haver muitas dificuldades na relação deles com a família de origem da esposa, sendo a interferência na relação do casal e na educação das crianças o problema mais citado.

Quanto ao **processo de separação**, dá para perceber que, para **Caetano, Sérgio, Danilo e Jorge**, os relacionamentos já apresentavam desde o início aspectos que levavam os sujeitos a pensar em separação e a não investir na relação por prever este acontecimento. É importante ressaltar que as relações constituem dinâmicas as quais podem ir se cristalizando e endurecendo os papéis dos sujeitos dentro desta, tornando assim difícil uma mudança satisfatória para os envolvidos. Algumas vezes, essa dinâmica torna os sujeitos prisioneiros e, para quebrá-la, alguns optam pela separação e não pela modificação dos padrões desta dinâmica.

Segundo o relato dos entrevistados, pode-se perceber que as esposas de **Roger, Volnei e Jairo** tomaram a iniciativa de romper com o casamento. Os motivos mencionados pelos sujeitos entrevistados para estas tomarem a decisão da separação foram: o desejo de adotar um outro estilo de vida e o envolvimento amoroso com outro homem. Chama a atenção o fato de que os respectivos maridos dessas mulheres ficaram surpresos com o término do relacionamento conjugal, alegando não perceber em que ponto o casamento não era satisfatório, como, por exemplo, nesta citação de **Roger**.

“É, não sei por que o casamento acabou, não tenho explicação. Para ela... ela pode ter muita. Eu não tenho muita, mas ela sim. A gente não sabe o que as pessoas estão pensando, quando a gente pensa que está tudo bem, a outra pessoa pode estar pensando de outra forma, querendo outra coisa. Éramos um casal normal. Nós tínhamos muitas discussões em relação à educação dos filhos. Esse meu primeiro é muito problemático, nos causou muita preocupação. Pra tu ver, ele não terminou o segundo grau e andava em má companhia. E eu pensava em agir de uma maneira, e ela de outra. Esse foi um dos maiores atritos que nós já tivemos, foi em relação a esse filho.” (Roger)

No estudo de Hetherington e Stanley-Hagan (1997), esta questão é confirmada. Estes autores comentam que, muitas vezes, existe o divórcio dele e o dela, ou seja, as percepções sobre como estava o casamento e o porquê da separação são diferentes. Também apontam que, dentre os casais que pesquisaram, havia um estilo de casal no qual o homem demorava mais tempo para aceitar a dissolução matrimonial, negando que houvesse qualquer conflito conjugal. Ainda quanto à questão das mulheres pedirem o divórcio com maior frequência, isto é confirmado pelos dados do IBGE (1997), como anteriormente citado neste trabalho.

Aqueles sujeitos – **Volnei** e **Roger** – cujas mulheres procuraram outro estilo de vida apontaram a diferença de idade como um aspecto que influenciou na tomada de decisão delas.

“Sim, chegou uma hora que ela achou que não precisava mais de mim, que não dava mais certo [começou a falar bem devagar, parecia emocionado], sei lá. Uma nova oportunidade para a vida dela, achou que devia fazer isso. E aí brigou para conseguir se livrar de mim (risos). Não foi bem simples assim como estou dizendo. Foi todo um processo doloroso. (...) Quando casamos, eu tinha dois anos de formado e ela estava terminando o segundo grau. Acho que essa diferença, hoje analisando, a gente nunca se preocupou com isso na época, mas hoje analisando acha que isso pegou no final do casamento. Tanto que um dos argumentos que ela utilizou foi que ela casou muito novinha, que ela casou sem experiência. Então, acho que o primeiro homem que apareceu na vida dela, ela casou. E talvez teria sido isso.”(Volnei)

“Tínhamos muita diferença de idade e também de crença, e a Carmen resolveu tentar outro estilo de vida, sabe? Com gente mais nova, mais ativa sexualmente.”(Roger)

Faz-se necessário ressaltar que a menção à diferença de idade é citada por estes dois sujeitos e também por **Caetano** e **Danilo** como um fator que complica o relacionamento. Comentaram que essa diferença, muitas vezes, impossibilitou que as parceiras entendessem os objetivos e necessidades deles. Sexualmente, os sujeitos afirmaram que esta diferença não influenciava, mas deixaram transparecer que as mulheres foram procurar “outro estilo de vida” que incluísse novas experiências sexuais. A frase a seguir foi proferida no momento em que o sujeito explicitava os motivos que levaram a esposa a pedir a separação.

“As pessoas confundem experiência com quantidade de parceiros. Existe uma brincadeira interessante que diz ‘se tiver ruim, não troque de parceiro, mas de posição’.” (Volnei)

Os três sujeitos – **Roger, Volnei e Jairo** – cujas esposas pediram a separação relataram que, por perceberem a relação conjugal como “normal com algumas dificuldades” e acreditarem ainda em uma possível continuação, dificultaram o processo de separação ao máximo, principalmente na divisão dos bens, com o intuito de que estas desistissem da idéia de deixá-los.

Jairo, em contradição com sua afirmação de que a traição feminina acaba com o casamento, disse também que a esposa se separou para iniciar um novo relacionamento e que explicitou a esta sua vontade de dar continuidade à relação mesmo sabendo da traição. Este aspecto – a traição – foi alegado também por outros dois sujeitos – **Danilo e Sérgio** – que, em função desta, pediram a separação.

Abre-se novamente aqui a discussão deste tema, por ser recorrente nos relatos dos sujeitos. Percebe-se que existe uma diferenciação de significado para o adultério cometido pelo homem e aquele realizado pela mulher. O primeiro é percebido como algo “passageiro”, “sem vínculo amoroso apenas sexual”, “atos sem continuidade”, alegado como sendo “natural do homem”, e aquele da mulher como algo que deve ser recriminado, sendo que esta passa a ser inferiorizada por isso, que e pode, na maioria das vezes, levar ao final do casamento. Caso a mulher seja perdoada, isso fará parte das posteriores negociações do casal.

Como um exemplo e para mostrar o quanto esta questão é abordada e tem se modificado lentamente, resgato a época colonial, na qual o antigo Direito Português, em que o código brasileiro está baseado, como aponta Samara (1986), era severo com aqueles que cometessem o adultério. No entanto, já aparecia essa mesma diferenciação, pois o adultério praticado pelo marido “não mereceu tão grave repulsa, pois as infidelidades descontínuas e transitórias não eram punidas. (...) Enquanto que para a mulher bastava um desvio, para o marido era necessário o concubinato” (Samara, 1986, p.73). Corroborando essa diferenciação no significado da traição percebido através dos relatos dos entrevistados, ainda citando Samara (1986), o adultério realizado pela mulher era mais rigorosamente julgado e sofria penas maiores, ficando a cargo do marido perdoá-la ou puni-la.

Usou-se acima a palavra *perdoada* com o intuito de demonstrar o tom que os sujeitos desta pesquisa utilizaram ao se referirem às mulheres os que traíram.

Pode-se pensar que essa diferenciação entre a traição feminina e a masculina, no período colonial, estava baseada em uma hierarquia social na qual o homem possuía mais “*status*” que a mulher, sendo esta estratificação tão respeitada que, se a esposa cometesse adultério com outro homem de “maior condição social”, o marido teria poucas possibilidades de ser absolvido perante a Justiça, caso cometesse algum ato de vingança e/ou ameaça à esposa e ao homem.

Interessante observar que na nesta época os casos de adultérios eram julgados tanto pelo Justiça como pelo Tribunal Eclesiástico, segundo o qual, por ser a mulher geradora de vida, os comportamentos deveriam ser puros, tendo como consequência deste ato a discriminação social. O homem, perante a Igreja, deveria ser honesto, respeitado e fiel. No entanto, contrariamente havia um discurso (e ainda pode-se perceber o mesmo nos discursos dos sujeitos desta pesquisa) segundo o qual a infidelidade é naturalizada e atrelada ao “instinto do macho” além de várias concepções de que o homem (macho) precisa de um maior número de relações sexuais do que as mulheres. Além disso, nota-se que ainda hoje as mulheres que cometem adultério são julgadas tanto moralmente como judicialmente, entendendo-se este ato como um motivo para a perda da guarda dos filhos.

Dos sujeitos que pediram a separação – **Danilo, Caetano e Sérgio** – dois alegam tê-lo feito por ter havido traições, tanto por parte deles como das esposas, e **Caetano**, que se diferencia muito de todos os entrevistados, pelos **maus-tratos** da mãe com os filhos. Este homem relatou que seu casamento já apresentava problemas desde o início, para ser mais exato, desde o namoro, mas ele achava que poderia contorná-los em função do “sentimento que havia por ela” [a esposa]. Entretanto, após três gravidezes seguidas, o casamento tornou-se insuportável, e a agressividade da mãe com o passar dos anos foi aumentando, levando-o a entrar na Justiça com o processo de separação e com o pedido de custódia.

Quanto ao **período do processo de separação**, todos os sujeitos comentaram que este momento foi muito tumultuado, com muitas brigas e, principalmente, confuso na hora de dividir os bens. Com exceção de **Volnei**, que requisitou a custódia dos filhos seis anos após a separação, os outros relatam que, por haverem pedido a custódia, o processo de separação tornou-se mais doloroso – “um sofrimento muito intenso”.

“Todo aquele processo de junta tudo, separa tudo, tudo isso aconteceu. Chegamos até a pôr a casa à venda, mas como eu utilizava de todos os recursos possíveis para dificultar a separação. Porque eu não quis a separação, não me conformava com a idéia da separação tá. Então, eu dificultei o máximo, o processo levou praticamente um ano. Eu tinha uma mulher dentro de casa que não estava mais casada comigo. E eu querendo insistir para que a separação não acontecesse.”(Volnei)

“Vou te contar um pouco para você ver o rolo da separação. Na época da separação a gente se separou, eu fui morar com outra mulher; ela, pouco tempo depois, já arrumou outro homem, foi morar junto, e nesse meio tempo existia aquela complicação de pensão alimentícia. Paga tanto... Eu pagava 50% do meu salário. É, metade do salário, não era fácil. E nesse meio tempo houve então esse negócio dos filhos, né, com quem fica? Eu consegui uma advogada e a gente começou a tentar, eu queria os filhos, e ela também queria. E na época era desquite, e hoje é separação judicial. E foi rolando, foi rolando, passou um ano, passou dois, e nesse meio tempo ela disse que nós tínhamos dois filhos, eu ficaria com um filho e ela ficaria com o outro. Eu disse que não, que os filhos têm que estar sempre juntos, onde vai um tem que ir os dois juntos. Aí rolou mais um tempo e, depois de um certo tempo, ela desistiu da guarda dos filhos e eu fiquei com a guarda deles, só que quando eu consegui isso eles eram, não digo adolescentes, mas tinham 8, 9, 10 anos, né? Até então uma filha ficou morando com a minha mãe, e o filho mais velho ficou morando comigo. Não, mas durante essa época da separação ela ficou grávida, e depois de nós estarmos separados, nasceu esse outro menino, o terceiro, e quando nasceu que nós já estávamos separados ficou morando com ela. E eu pago a pensão alimentícia até hoje só para esse que ficou com ela depois da separação.” (Sérgio)

Esses cinco entrevistados alegaram que o aspecto mais difícil em separar e, principalmente, em pedir a custódia foi o enfrentamento com a Justiça, pois para eles a mulher sempre sai beneficiada, tanto em relação à divisão de bens como em relação aos filhos. Explicitam que, para a Justiça, a “mãe é uma instituição”, como afirmou **Caetano**, muito difícil de questionar, sempre considerando esta como sendo a vítima do processo, enquanto o homem é o vilão.

“E como assumiu essas características de confronto na Justiça, a pessoa ensandecida, realmente ela ia nos vizinhos. Tinha na Justiça listas. Acho que, de 70% dos meus vizinhos, não só da minha rua, mas também do bairro, ela ia de casa em casa, contava histórias e pedia para as pessoas assinarem. As pessoas viam uma mãe afastada dos filhos, fora de casa com um crápula dentro de casa tomando conta dos filhos, todo mundo se condoía. Porque a imagem de uma mãe nessa condição, por definição, impressionava qualquer um. É difícil que alguém acredite que uma mãe não trate bem os filhos. A mãe é uma instituição. E a gente ir contra uma instituição é muito complicado. Então, foi muito desagradável pra mim nesse aspecto enfrentar uma instituição, essa coisa estabelecida que ‘Mãe é mãe, e pai é pai’. Homem então é um bólito, não tem sentimento, não teria a menor condição de cuidar de filho, porque filho precisa de sentimentos, de jeito e homem não tem isso. (sic) E a mulher, não. Quando se fala isso, num outro lado se quer matar, porque está distinguindo, discriminando, porque homem e mulher são iguais. Mas quando se trata de falar em filhos, dizem que a mulher é muito diferente e a melhor pessoa para cuidar deles, e isso se reflete também na Justiça. É uma contradição que a gente vive até hoje. A maternidade é sagrada. Hoje temos uma realidade muito diferente. Acho que nós homens andamos para frente e as mulheres para trás, nesse aspecto [paternidade]. Não estou querendo ser machista e dizer que a mulher tem que ficar dentro de casa. Estou querendo dizer que a gente se adaptou à nova realidade mais do que a mulher. A mulher acho que pegou um modelo masculino, e é aí o machismo mesmo, colocou como bom para ela e perseguiu esse modelo que é um modelo de dominação. Não é aquela coisa de ‘olha, vamos estabelecer uma nova dinâmica’, não. A mulher só quis inverter, ela quis ocupar o papel que o homem ocupava, porque ela se sentia, com toda razão, dominada. Então, continuou um modelo machista nesse aspecto da dominação, do que fazer, de ocupar cargos que levassem ao poder da mesma maneira que os homens. Ou vai-se para uma relação onde mudamos a dinâmica e aprendemos a conviver ou continuamos com o jeito antigo e criamos novos mecanismos de para nos defender. Por isso acho que a gente [homens] andou muito.”(Caetano)

Em média, os sujeitos levaram de três a oito anos para conseguir o registro da custódia dos filhos, mesmo com a desistência por parte da mãe. Alegaram que a Justiça

entende o sujeito como incapaz para os cuidados infantis. Apenas **Caetano** “ganhou” a disputa da custódia. Uso o verbo ganhou, porque este homem foi o único a quem a Justiça deu parecer favorável em função da caracterização de maus-tratos. É interessante relatar que, para este homem, a Justiça foi injusta, pois exigiu ainda que ele pagasse pensão à ex-esposa e também dividisse todos os bens, inclusive a casa, na qual ela ficaria morando com os filhos. Comentou ainda que a ex-esposa infringiu ordens judiciais e nunca levou nenhum processo porque ela era a mãe. Invadiu sua casa, levou coisas, quebrou o carro da vizinha que depôs contra ela e nunca sofreu sequer uma repreensão da polícia.

“E isso era para ser uma invasão de domicílio. Mas não foi caracterizado. Seria invasão se fosse o homem contra a mulher. (...) Não houve essa caracterização. Se fosse ao contrário, o juiz mandava uma busca e apreensão de imediato pra pegar tudo o que foi retirado” (...) Agora te pergunto: se um ex-marido vai pra porta da mulher e dá uma buzina no horário que não deveria, o que acontece? De imediato, tem polícia. A própria polícia larga o pau no marido, por que a mulher nesse aspecto é a coitadinha? (...) A única situação que ficou caracterizada foi quando ela estourou o carro da vizinha. A vizinha entrou na justiça e ganhou porque era mulher contra mulher. Foi a única situação que ela levou um processo e perdeu. (...) Se o homem sai de casa, ele é obrigado a dar pensão. Agora, se a mulher sai ela pode pedir a pensão e continuar usufruindo. E quando o homem sai de casa, ele fica sem a casa, já a mulher não.” (Caetano)

O sujeito acima citado protagoniza o drama de todos os seis sujeitos em relação à desigualdade de direitos entre homem/mulher na Justiça. **Jairo** e **Sérgio** descrevem com a mesma indignação sua relação com a Justiça, traduzindo uma queixa recorrente em todos os discursos, que está no pagamento da pensão para as mulheres mesmo eles ficando com os filhos, bem como na divisão dos bens, pois três sujeitos – **Sérgio**, **Roger** e **Jairo** – atualmente, pagam 20% de seus salários para as ex-esposas, e os outros ainda estão pagando a casa para elas, sentindo-se injustiçados por isso. Aqui pode-se notar que, após a separação, houve o empobrecimento dos sujeitos entrevistados, o que os fez passar por momentos difíceis, vindo a se recuperar no mínimo cinco anos depois da separação, com exceção de Volnei.

“Sabe, acho que deveria ter um curso para os homens sobre separação como tem para casamento, para nos prepararmos para os advogados, juizes e mulheres.” (Sérgio)

“Então ela [juíza] me deu uma bronca e disse que eu tinha que pagar uma pensão alimentícia. Eu disse ‘não, tudo bem, eu pago’. Então eu disse, eu lembro como se fosse hoje, eu disse – ‘qual é o mínimo que eu posso dar?’ Ela disse – ‘no mínimo 50%’. (...) O pior é o seguinte, o fórum que se resolve isso [custódia dos filhos] é onde mora a mulher”. (Sérgio)

“Foi uma coisa que eu levo mágoa do juiz até hoje. Se fosse ela, eles não dividiriam a casa. Na frente da juíza eu disse: ‘a única coisa que eu acho errado é que eu vou ter que vender a casa, mesmo ficando com as crianças.’ A juíza não falou nada, ficou quieta. Daí eu recorri e perdi novamente.” (Jairo)

“Eu acho que a Justiça foi injusta comigo nesse ponto principalmente. Porque quando é a mulher que fica com as crianças, o homem pode pegar as roupas e ir embora, porque a casa fica com ela”. (Jairo)

Percebe-se que, com exceção de **Caetano**, outros quatro – **Roger, Jairo, Danilo e Sérgio** conseguiram a guarda porque as mulheres desistiram de tê-la e também foram beneficiados pela escolha dos filhos em ficar com eles, incluindo aqui **Volnei** que só conseguiu que os filhos morassem com ele anos após a separação. Os sujeitos alegam que as juízas e também os juizes que julgaram a questão da custódia ficavam surpresos e questionavam se era isso realmente que eles queriam. Nos discursos de **Jairo** e de **Caetano**, foi citada a insistência da Justiça em investigar com outros profissionais, como psicólogos e assistentes sociais, a ausência de coação por parte dos pais/homens sobre as vontades dos filhos em ficar com eles.

“Até o próprio juiz, como te contei, estranhou muito um homem querer ficar com as crianças e me perguntou várias vezes se estava certo disso. Eu não quis pensão dela, abri mão de tudo. Não pedi nada para ela, só queria só os dois. Daí o juiz perguntou se eu tinha condições de dar tudo para eles sozinho. Aí ela mesmo disse ‘sim sr. Juiz, tenho certeza que ele tem condições de dar a educação que os filhos merecem’. Na

frente do juiz, que me perguntou várias vezes – ‘você tem certeza que é isso que tu quer’? – ela própria disse para o juiz – ‘ele vai cuidar melhor que eu’. Daí trouxe logo os meninos pra cá.”(Danilo)

“Na verdade os meus filhos fazerem a opção por ficar comigo não foi um processo traumático nesse sentido, nesse aspecto. Claro que a separação foi traumática, oito anos de audiência. Essas crianças passaram por entrevista com psicólogo, assistente social, com juiz, com promotor, isso tudo é traumático, mas a Justiça queria. Mas no sentido de a mãe se afastar de dentro de casa, nesse aspecto por incrível que pareça, e aí a grande ... Aí vem o velho discurso que eu ouvi bastante: ‘Mãe é mãe, pai é pai’, e até que prove ao contrário o homem é culpado, mas nesse caso não houve esse traumatismo. Porque desde o início a relação dentro de casa já era estabelecida dessa maneira.”(Caetano)

Retornando ao fato, primordial, da desistência das mães pela custódia, é interessante explicitar os motivos que os entrevistados alegaram para a abdicação das mães pela guarda.

Dois sujeitos – **Jairo** e **Sérgio** – referem-se ao relacionamento com outros homens como motivo para que as ex-esposas quisessem uma vida mais solta, sem os filhos.

“Eu entrei na Justiça, briguei, insisti, não soltei, sempre querendo, e acho que ela viu que não ia conseguir e também pela influência do novo marido dela: ‘eu não quero filho comigo e blablabla’ e por isso talvez ela tenha desistido.” (Sérgio)

“Aí um dia ela me sacaneou com outra pessoa e eu descobri. (...) Mas ela se apaixonou por um cara e me deixou (...) Ela tomou a decisão, escolheu ficar com a pessoa e não com os filhos. Disse para o juiz que, se eu queria ficar com os filhos, que ficasse.” (Jairo)

Outro aspecto que influenciou essa abdicação, para **Jairo** e **Roger**, foi o dinheiro, pois ambos disseram ter pagado para ficar com os filhos.

“Ela me disse: ‘quer ficar com eles? Tudo bem, mas eu quero, isso, isso e isso.’ E eu ter que me assujeitar porque eu queria ficar com as crianças. Tive que vender meu carro...”(Jairo)

“Ela acordou e propôs que eu pagasse alguma coisa. Uma porção para ela e eu disse que queria ficar com eles. Aí foi acordado assim, eu pagava e ficava com os filhos.” (Roger)

Também aparece como motivo o medo da exposição da traição perante os filhos e a comunidade. **Danilo** relatou que, após uma conversa na qual ele cogitou a possibilidade de chamar uma assistente social e expor a verdade para as crianças, a mãe desistiu da custódia.

“Ela teve que abrir mão dos filhos. Disse para ela, se ela não abrisse eu iria pedir uma assistente social e eles iriam dizer que queriam ficar comigo. Então, sentei com ela e disse que era melhor que ela abrisse mão do que expô-los ao tribunal e a toda história novamente na frente do juiz, da assistente social e de todo o bairro.” (Danilo)

Os outros dois sujeitos – **Volnei** e **Roger** – alegaram que as mães respeitaram o desejo dos filhos em ficar com o pai e apesar de tentarem influenciá-los nessa decisão, acabaram por entender a necessidade de seus filhos.

Os sujeitos explicitaram os **motivos que os levaram a pedir a custódia** durante os relatos. **Caetano** afirmou que os maus-tratos com as crianças foram a causa principal de sua solicitação. **Sérgio, Jairo** e **Danilo** apontaram o novo relacionamento da esposa como o principal motivo para o desejo de obter a guarda. Esses três sujeitos mostraram claramente o descontentamento com essa nova relação e sua frustração em saber que seus filhos poderão ser cuidados por outro homem. Nos quatro relatos de **Danilo, Sérgio, Jairo** e **Roger** é interessante perceber que a figura de um novo companheiro para a esposa sempre é inferiorizada e colocada como alguém que não cuidará dos filhos. Nesses quatro discursos em que aparece essa temática, o novo companheiro é colocado como alguém que está ou poderá vir a estar com a ex-esposa apenas pela relação sexual.

Perpassa ainda o discurso de **Jairo, Danilo, Roger** e **Caetano** a análise de que emocional e financeiramente estariam mais aptos a cuidarem das crianças. A questão financeira também foi colocada por **Jairo, Sérgio** e **Danilo** como um aspecto que contribuiu para quererem a custódia, pois assim eles administrariam o dinheiro, achando que não

haveria necessidade de dar pensão à ex-esposa, ou que essa seria menor do que se os filhos estivessem com a mãe.

Ainda como motivo para ficar com a custódia, aparece em todos os discursos o que **Roger** denominou “sentimento forte de família”, ou seja, não querer se separar dos filhos em função do seu sofrimento. Todos os outros sujeitos também falaram que o mais difícil na separação é a possibilidade de não ter mais a convivência diária com os filhos. Relataram ainda que, por não quererem ver os filhos separados entre si, optaram pela custódia também como uma forma de mantê-los na mesma casa. Essa preocupação apareceu também no relato de **Volnei**, o qual adquiriu a custódia após sete anos.

“Eu dizia para eles que o pai e a mãe estavam separados, mas vocês não podem separar. Vocês têm que tentar manter, não explicava dessa forma, mas eu entendia dessa forma, mas eu dizia que eles precisavam criar o laço de família entre eles, de eles ficarem juntos. Pelo menos isso. Seria menos dramático, traumático, não sei que forma explicar isso, mas seria menos doloroso para o futuro deles. O pai e a mãe separados tudo bem, agora vocês dois separados, não. Porque um dia vocês vão precisar um do outro, mais tarde, quando não tiver mais o pai e a mãe, vocês dois vão ser a família e os irmãos um do outro. Então isso eu consegui fazer eles entenderem. Tanto assim que o dia que resolvemos eu e o Willy, que era quem estava insistindo muito em vir para cá, queria muito ficar comigo, daí quando eu disse sim, coloquei para ele que então tínhamos que convencer a Michelle. E aconteceu da forma como eu havia esperado esse tempo todo, os dois vieram juntos.”(Volnei)

“E foi rolando, foi rolando, passou um ano, passou dois, e nesse meio tempo ela disse que, nós tínhamos dois filhos, eu ficaria com um filho e ela ficaria com o outro. Eu disse que não, que os filhos têm que estar sempre juntos, onde vai um tem que ir os dois juntos.”(Sérgio)

“É, quando me separei eu saí daqui. Ficou eles mais a mãe. Eu fiquei dois meses fora, voltei para França. Daí eu voltei para acertar tudo. Porque na hora de todo o rolo, cada um foi para o seu lado. Depois desse tempo, com a cabeça mais fria, voltei e ‘agora vamos conversar, vamos falar sério, resolver tudo sério’. Aí vim, e eles quiseram ficar comigo. De primeiro, o mais novo a mãe levou para morar com ela no

apartamento em Capoeiras, o mais velho disse que não me deixaria e não foi. O pequeno ficou com ela quatro meses e me telefonava todos os dias e dizia ‘eu quero morar contigo, eu quero morar contigo, quando eu vou morar contigo?’, daí eu disse que iria resolver. Daí eu trouxe ele para dentro de casa e estão até hoje, porque acho que irmãos têm que ficar juntos, assim tem alguma coisa de família.”(Danilo)

“Porque para mim o mais importante são os filhos. Assim, a questão da valorização, do nome, da continuação da família.” (Roger)

O **período logo após a separação** aparece como um momento de grande angústia para os entrevistados, mesmo para **Volnei**, que não requisitou a custódia logo após o conflito. Aparece neste momento nas entrevistas, uma forte emoção, culminando – em todos os casos – em choro por relembrar essa época. As palavras que poderia colocar aqui não conseguiriam traduzir a intensidade da emoção neste momento, talvez até mesmo correndo o risco de simplificar o que cada sujeito demonstrou. O que se pôde perceber foi a necessidade de expressão da dor e também do sofrimento.

As palavras que permearam todos os discursos quanto a **como se sentiram na ocasião da separação** foram: desamparados, injustiçados, julgados, sozinhos, perdidos, com medo e raiva. Todos os sujeitos se sentiram abandonados e responsáveis em solucionar todos aqueles sentimentos sozinhos. Nenhum homem relatou ter conversado, na época, com algum amigo ou pessoa de sua rede social sobre o que sentia.

Com exceção de **Volnei**, esse momento foi marcado pelo medo de não conseguir dar conta de educar os filhos e também de reorganizar a vida doméstica. Dois sujeitos – **Sérgio e Roger** – disseram que tudo que sentiram provocou problemas de saúde, chegando o último deles a se submeter a uma cirurgia de ponte de safena logo após o período de separação.

Todos os sujeitos falaram de um sofrimento intenso com todas as dúvidas que permeavam seus pensamentos e, principalmente, pela possibilidade de perder os filhos. Questionaram ainda o porquê de a sociedade negar ao homem a exteriorização desse sofrimento.

“É uma situação complicada, por mais que você tenha a sua certeza, lógico que te abre perguntas como: ‘será que é isso mesmo? Será que eu estou fazendo certo?’ Isso me incomodava bastante.(...) Desamparado e injustiçado, porque via as coisas

acontecerem e cada vez me sentia mais impotente. Muito injustiçado. Sinto até hoje que as pessoas me olham e pensam que sou complicado em função da minha escolha e de toda confusão. A história do pai que tirou os filhos da mãe. No primeiro momento da época, eu não sentia as canelas, porque estava com o corpo quente. Nesse primeiro, momento eu não senti. Só depois quando o corpo esfria que você sente as caneladas. Só agora eu sinto o meu cansaço. Na época não sentia, só queria que passasse logo. A injustiça pra mim era muito clara. Agora, hoje, me sinto muito cansado. A sensação de desamparo foi muito grande. Eu até que lidei bem com isso, porque nunca esperei ninguém fazer nada pra mim. Eu sei que eu tenho que resolver e não quero que ninguém”. resolva mesmo. Agora é complicado, você tá com um monte de dificuldade e as pessoas só dificultando. Você não vê uma mão pra ajudar, é brabo.” (Caetano)

“O bem mais valioso de um homem é o filho, para mim é. O bem mais valioso são seus filhos. Pode ser para a mãe também. Se ela sofrer, o quanto ela sofrer, eu tenho esse direito ao sofrimento, porque é uma coisa que quero muito. Não tenho como fugir desse sofrimento, pois eles são a coisa mais importante do mundo. E acho que os homens estão se dando conta disso.” (Volnei)

“Um lixo. Um lixo. Tomei um baque assim. Tu descobrir a traição tudo bem. Mas aí chegar, ficar um mês com os filhos e depois largar, dizer: ‘quer ficar com eles tudo bem, mas eu quero isso, isso e isso.’ E eu ter que me assujeitar porque eu queria ficar com as crianças. Tive que vender meu carro e eu morar no morro. Subia e descia com as crianças a pé durante uns seis meses, quando eu comprei um segundo carro. [nesse momento o entrevistado mudou totalmente, seus olhos estavam cheios de lágrimas e ele começou a dar espaço entre as palavras]. (...) É muito difícil eu falar. Estou falando aqui só porque você pediu a entrevista. Mas eu não queria dar essa entrevista, porque eu não queria voltar para trás. Nunca mais olhei pra isso, só para frente. E agora vai ficar maravilhoso, porque eu já paguei a casa a ela, não vou mais precisar nem ouvir a voz dela. Todo dia ouvir a voz daquela pessoa dizendo que eu devia, ela sempre me jogava na cara isso. Só dei essa entrevista por causa da Carol”, senão não tinha te atendido. Porque eu não quero voltar a falar dessas coisas. Porque eu sofri muito. Pra tu vê que fiquei um ano sem ter relação com ninguém, não soube

o que era uma mulher nesse tempo. Não é fácil. Um homem acostumado a ter relações freqüentes. Você que é mulher casada, sabe disso. Como é difícil ficar sem. Se mulher tem desejo e sente falta, imagina o homem que é mais assim... Louco. Isso eu não esqueço e não quero que os meus filhos passem por isso. Eu falo pra eles que se for pra casar, pensa muito bem antes. A minha filha diz que quando arrumar um homem não quer fazer o que a mãe fez com o pai dela. Eu tenho que explicar que homens e mulheres são assim, pois o meu filho diz que as mulheres são assim, não prestam. Eu tento mostrar que tanto homens como mulheres fazem sacanagem. Claro que eu quero que eles se casem e tenham uma família. Só porque deu errado comigo, não vai dar errado com eles.” (Jairo)

“No momento eu me senti perdido mesmo. Senti falta da família, dos filhos, tudo tinha desmoronado, apesar de não estar legal é difícil aceitar que tudo acabou. Ainda para ajudar, veio um monte de gente contar dos lances dela, o que tava acontecendo. Antes ninguém falava nada. Fique com raiva e mais perdido. Não sabiam eles que eu já vinha desconfiando a um tempo, mas não pensava em acabar o casamento. Hoje eu falo com ela, minha tia também me dou bem com ela. Mas na época não foi fácil. É difícil quando se está acostumado com uma rotina ela desaparecer de um dia para o outro, fiquei sem norte”.(Danilo)

“Me senti tão perdido que tive que fazer uma cirurgia de ponte safena, o coraçãozinho não agüentou.” (Roger)

Chama a atenção que, entre os sujeitos, três – **Roger, Caetano e Danilo** – procuraram psicoterapia para dar suporte neste momento. **Sérgio** disse que sentiu falta de procurar um psicólogo, porque ficaram marcas muito profundas, e **Volnei** recorreu ao padre para se aconselhar. Apenas **Jairo** disse não conversar sobre este assunto com ninguém, impressionando-se pelo fato de uma pesquisadora querer saber sobre os sentimentos dos homens. Importante ressaltar que, apesar de alguns deles terem apoio dos amigos e familiares na época, não conversavam sobre seus sentimentos com estes, reforçando aqui o estereótipo do homem como aquele que resolve seus problemas sozinho.

Quanto às **amizades na época da separação**, apenas **Jairo e Sérgio** mencionaram que alguns amigos ofereceram “alguma ajuda”, sendo esta financeira e sem o entrevistado

pedir. Os outros não recorreram a ninguém do seu cotidiano, nem mesmo à família. Não aparece nas falas nenhuma menção dos sujeitos a pedidos de auxílio financeiro e emocional a nenhum amigo ou parente. Quando aparece essa questão, sempre o oferecimento é do outro.

Os sujeitos comentam que os amigos e os parentes, frente ao pedido de custódia, referem-se aos entrevistados de duas formas: como herói ou como vilão. Utilizo estas palavras para demonstrar o contraste do tratamento dado aos sujeitos pelas pessoas de sua cotidianidade. O primeiro termo – herói –, que se restringe a **Danilo e Jairo**, ressaltavam a coragem e a inovação do comportamento dos entrevistados, explicitando a admiração por estes sujeitos. Já os outros quatro sujeitos (inclusive **Caetano**) foram considerados “maus” por estarem “tirando os filhos da mãe”, como comenta **Caetano**, tendo sido tratados por muitos como “vingativos” nas palavras de **Volnei**, além de que alguns amigos deixavam transparecer que os consideravam incapacitados para os cuidados com os filhos. Ainda em relação as amizades, mas referindo-se ao período pós-separação, quatro dos entrevistados – **Volnei, Jairo, Danilo e Sérgio** – comentaram que ficaram com todos os amigos, sendo a mulher excluída do círculo de amizades do casal. **Jairo e Danilo** alegaram que isto ocorreu em função dos amigos saberem que as ex-esposas “eram da rua”; os outros apontam como motivo para esse comportamento a “personalidade da ex-esposa” que estava baseada em uma insatisfação constante em todos os aspectos de suas vidas.

“Eu diria que a Carmem tem uma certa dificuldade afetiva em relação aos filhos, ela tem muita dificuldade de expressar sentimentos. A família dela também é assim, a mãe também. Duas irmãs tinham problemas psicológicos. Esses fantasmas da família dela acabaram vindo para a nossa. Eu fui criado de uma maneira totalmente diferente. Não custava fazer um carinho, mas a Carmem sempre teve dificuldade. Quando havia um filho doente, a gente notava que ela tinha dificuldade de fazer aquele carinho de mãe, um chazinho, alguma coisa. Não, ela queria se fazer de forte. Por isso os amigos acabaram por me procurar mais do que a ela”. (Roger)

“Eu acho assim que até nossos amigos mais de perto explicavam, pelo menos mostravam uma deficiência dela, da minha ex-mulher, para o fato de ela querer a separação. Ela tem um problema de satisfação pessoal, consigo, com as pessoas, tudo é motivo para estar insatisfeita. Então, uma pessoa assim que está insatisfeita

com o que tem, com o que aconteceu, com o que está para acontecer. Eu entendo que tudo isso, principalmente o afastamento dos amigos dela, é reflexo da insatisfação com ela mesma.”(Volnei)

A reorganização do cotidiano e da rotina familiar que agora se caracteriza como monoparental, foi colocada pelos sujeitos com algo inevitável e necessário, porém difícil, pois estes tiveram que se permitir experimentar novos comportamentos em relação aos filhos, ao trabalho, ao lazer e principalmente em relação à rotina da casa.

Um dos aspectos mais citados por todos os homens refere-se a **relação entre trabalho e custódia**, ou seja, em como ficar com os filhos influenciou nos seus empregos e com os colegas de trabalho. Dentre os seis sujeitos, apenas **Danilo** mencionou que não teve problemas quanto à carga horária de trabalho por cumprir seis horas diárias, podendo, assim, combinar o trabalho com a escola/creche de seus filhos.

Caetano, Roger e Jairo denunciam um aspecto importante. Estes foram prejudicados e discriminados no local de trabalho por serem pais com custódia; além dos comentários já mencionados, também lhes foram retirados cargos de chefia e viagens. Dizem que isso não era algo explícito, mas que ocorria. **Roger** viu-se obrigado a contratar uma empregada doméstica devido à exigência feita claramente pela empresa na qual trabalhava para que esse pudesse ter maior dedicação ao serviço. Pode-se perceber aqui como as leis ainda não estão preparadas para os novos modelos familiares, principalmente este no qual os homens detêm os cuidados infantis. **Jairo** comenta que ficou no serviço porque havia algumas pessoas que gostavam muito dele e o admiravam pela coragem, sendo assim poupado de uma demissão. **Caetano** fala do preconceito explícito e implícito dos amigos do trabalho, comentando até mesmo que não esperava esse comportamento entre intelectuais.

“Botei na cabeça que, se não fosse eu, tinha que ser outra pessoa. E como eu assumi a responsabilidade, tinha que ser eu. Eu perdi, tecnicamente, muito. A Eletrosul me deixou três, quatro anos sem viajar, encostado num canto, porque eu tinha que levá-los para o colégio, não podia deixar eles sozinhos. Eu só fiquei, porque eles gostavam muito de mim e suportaram esses anos todos. Agora que estou me refazendo aqui no trabalho. Eles sabiam que eu não podia viajar e ficar na parte técnica, porque não tinha com quem deixar as crianças.”(Jairo)

“Coloquei empregada porque eu trabalho muito. O meu trabalho exige que eu viaje, então, se eu não colocasse a empregada, ia ter que ficar em casa para atendê-los. E isso não era bem visto lá na CELESC, poderia ir para a rua.” (Roger)

“Isso me incomodava bastante. Incomodava bastante a situação em que eu me vi dentro da universidade, ficou bastante complicada. As pessoas me olhavam diferente, me perguntavam como eu tinha tido a coragem de tirar os filhos de uma mãe. Isso foi uma decepção. Até porque é um lugar onde as pessoas deveriam ser mais desenvolvidas pelo grau de instrução que possuem.” (Caetano)

Cabe aqui resgatar que todos eles são funcionários públicos federais e estaduais com estabilidade no emprego, o que dificultava uma demissão a qual não fosse por justa causa. Entretanto, como disse **Jairo**, “fui colocado no congelador”, demonstrando aqui a pressão que os entrevistados sofreram para fazer o pedido da demissão “voluntariamente”.

No entanto, **Danilo** e todos os outros cinco apontam para a dificuldade de se ausentar do local de serviço para levar os filhos ao médico ou por qualquer outro motivo, como festas escolares. Mesmo caracterizando a necessidade da ausência, relatam que os chefes e inclusive os colegas de serviço não gostavam, chegando a ouvir comentários referindo-se àquelas tarefas como encargos femininos. Além disso, os entrevistados apontaram que a dupla jornada de trabalho no início era pesada, mas **Caetano, Jairo, Danilo** e **Volnei**, disseram ter se acostumado a ela, e também não se incomodar se algumas coisas dentro de casa ficassem fora do lugar.

Quanto ao **lazer**, todos os sujeitos contam que os filhos os trouxeram para dentro de casa, propiciando um retorno à família. **Danilo**, por exemplo, disse que os filhos o retiraram da rua, fazendo-o deixar de lado as mulheres. Colocam que desde a custódia precisaram estar mais próximos dos filhos/as para que estes adquirissem mais confiança nos pais. Percebiam, como afirma **Jairo**, que era necessário modificar comportamentos como “bagunças com mulheres”, “abuso de álcool e drogas”, “organização com seus pertences”, entre outros, pois agora precisavam passar “um bom exemplo”, isto é, queriam que os filhos os respeitassem, compreendendo que para isso eles necessitavam ser modelos para as crianças. Também por estarem sozinhos com as crianças as tarefas aumentaram e algumas tinham horários para serem feitas, pedindo uma maior organização de seus compromissos.

Quanto à **reorganização da rotina da casa**, apenas **Sérgio** explicitou não ter dificuldades, pois já estava casado novamente e sua atual esposa tomava conta de todos os afazeres domésticos, sendo auxiliado por esta nos cuidados com o filho menor e por sua mãe com a sua filha mais velha. Ou seja, há aqui uma reprodução da mesma estrutura familiar de antes.

Os outros cinco, inclusive **Volnei**, apontam para as dificuldades de cuidar dos filhos e, principalmente, com as tarefas domésticas. Percebeu-se nos relatos dos sujeitos uma transformação do significado atribuído às tarefas domésticas, inicialmente consideradas por alguns como atribuições femininas, uma vez que as mulheres já possuiriam naturalmente o “dom”, para desenvolvê-las. Após a obtenção da guarda, passam a considerar as tarefas domésticas como “coisas que qualquer um aprende”, incluindo-se aqui os cuidados com as crianças. É possível identificar, que houve um processo de aprendizagem neste sentido. De início esses homens buscaram seguir modelos conhecidos, como o da mãe, o da ex-esposa e/ou ainda aquele modelo idealizado de “mãe/dona de casa” para lidar com os afazeres do dia-a-dia, no qual tudo tem horário rígido e a organização é imprescindível.

Pode-se falar em três momentos desse processo de aprendizagem: aquele em que o sujeito “imita” o outro no desempenho da atividade (ainda que em sua ausência), aquele em que ele experimenta modificações contrastivas deste modelo e, finalmente aquele em que o sujeito “cria” um desempenho próprio a partir de suas novas e antigas experiências.

Cabe ressaltar que não se entende aqui esses momentos como estanques e imóveis. A separação se dá apenas como forma de explicar melhor essa transformação de como os homens lidavam com as tarefas caseiras. Em um segundo momento, os homens começam a questionar a necessidade de tantas regras, de horários tão rígidos. Logo após, começam a fazer aquilo que designam como “básico”, ou seja, roupas lavadas, higiene corporal, e comida de qualidade, isto é, há uma preocupação em manter os filhos com uma alimentação saudável. Essa afirmação de que se aprende a cuidar da casa e dos filhos contesta a concepção de que a mulher está mais capacitada para as funções de dona-de-casa e de cuidadora das crianças.

“Ah,? Eu aprendi tudo. Eu não sabia nem fritar ovo. Mas fui aprendendo fazendo. No princípio, eu ia almoçar fora, mas as crianças começaram a reclamar e enjoa comer sempre fora. Daí eu disse: “o pai vai tentar fazer”. Eu fui fazendo isso. Como fui aprender a lavar e passar roupa. Eu não tinha nem máquina de lavar quando me separei, lavava tudo na mão mesmo. (...)Nós também temos condições como a

mulher tem. O que a mulher faz eu sei fazer. Porque eu aprendi a fazer a comida, tudo que você achar que é de mulher eu sei fazer. A única coisa que eu não aprendi a fazer é passar roupa. E talvez seja porque eu detesto. Mas sempre levo no médico, levei a Carolina a primeira vez num ginecologista, eles me diziam tudo. Escrevia tudo, colocava pendurado na geladeira. Tudo o que as mães das amigas da minha filha faziam eu fazia igual, copiava. (...)Primeiro coloquei eles para estudar tudo de manhã. Levava eles de manhã, vinha trabalhar. Já fazia a comida de um dia para o outro. Chegava em casa, dava almoço, botava para fazer os deveres. Deixava eles em casa e ficava no controle por telefone. Às segundas o Jonas tinha judô e aí vinha comigo a Caroline, ia para o Petequinha na aula de reforço. Depois botei ela no inglês e na aula de dança. Então de segunda a sexta-feira à tarde sempre tinham algo para fazer. Com as roupas, no começo, eu lavava. Depois pagava uma moça para fazer do lado de casa. Ela lavava e passava. Depois comprei uma máquina de lavar e tornou-se tudo mais fácil. A única coisa que não aprendi a fazer foi passar roupas. (risos) Sabe como fazia? Tirava da máquina e colocava no cabide.” (Jairo)

“No começo eu me dediquei mais. Tinha que ser como tinha que ser, tudo organizado e certinho e depois aprendi tem que ser como pode ser. Não falta comida, não falta roupa limpa, isso eles têm. Não têm aquelas coisas tudo elaboradas, tudo arrumadinho, isso não. Então no começo entrei no modelo da minha mãe de fazer tudo certinho, mais ou menos isso. Quase isso. Daquilo que a casa tem que ter. Daí ficava maluco para conseguir. Depois é questão de sobrevivência, vou fazer o que eu posso. As coisas básicas eu consegui. Era mais de ter modelo que estava dentro de casa arrumando, porque eles entram e entram com um bando, entram com um bando e as coisas se espalham. E aí eu não conseguia, por que não parte deles. Então precisava de alguém dentro de casa, porque, se você arruma, dali a meia hora está desarrumado. Imagina criança, e entra com mais cinco, seis amigos, e vem tudo sujo, bagunçam tudo. No começo eu ainda tentava, depois olha, paciência. Complicado às vezes fechar os olhos para essas pequenas coisas, porque acaba criando um modelo que hoje eu vejo como complicado. Coloquei muitos exemplos que hoje eu vejo que talvez não devesse. Você subestima a influência daquilo e a consequência daquilo. Ter isso e isso não arrumado assim, assim, você acha que aquilo não afeta nada e hoje eu vejo que alguns detalhes são muito importantes. Mas, digo pra você, que não

é só o que eles vêem, é mais aquilo que eles sentem. Pra você ver, eu nunca fui obrigado a cozinhar dentro de casa, minha mãe se eu chegasse perto da cozinha era comprar uma briga com ela. Meu pai nunca cuidou de nada, eu nunca vi isso, mas a hora que precisou eu fui e fiz. E isso que eu acho que é importante você passar. Você não só ensina como fazer. Eu acho que primeiro se ensina que é necessário fazer. Eu não fui criado cozinhando, mas na hora que precisou, eu sabia que era necessário fazer, eu não fui criado para criar filho, mas na hora que precisou; eu criei. Isso se tem que ter. Se faz aquilo que é preciso fazer; não é simplesmente o que quer e o que a comodidade manda. Se tem que arregaçar a manga e ir à luta. Se tiver que lavar, passar, cuidar de filho, fazer o que é necessário, se vai e faz. Você aprende sem dúvida nenhuma. Ninguém nasce sabendo. E essa história de que é homem ou mulher é bobagem. As mulheres não nascem com um dom para ser mãe. Tudo você aprende. Se tiver que cuidar de filho, você aprende. Claro que com as características de cada um, como homem ou mulher, mas você aprende a fazer as coisas. Até mesmo entre mulheres cada uma cuida do seu jeito dos filhos. (...) Existe ainda aquele preconceito que isso é atividade de mulher e isso de homem. (risos) Isso é ridículo, né? Claro que a gente expressa diferente algumas coisas, faz de maneira diferente, mas porque somos diferentes, fomos criados diferentemente. As mulheres desde de pequenas são criadas para maternidade, nós temos que aprender depois de grandes o que é ser pai. Isso não quer dizer que criar filhos seja exclusividade de um ou de outro, cada um faz, expressa de maneira diferente. Claro que o sentimento maternal é importante, ele existe e é importante, assim como o paternal. São coisas diferentes. Um homem não consegue fazer com as mesmas características que uma mulher faz. A gente consegue fazer, mas não com as mesmas características. Veja, não estou excluindo nem um nem outro, estou dizendo que apenas são diferentes e os dois são importantes. Precisam existir esses dois jeitos, as características femininas e as masculinas precisam existir e conviver juntas.”(Caetano)

Ainda referindo-se àqueles homens que apontaram as dificuldades em cuidar dos filhos e em realizar as tarefas domésticas, é interessante explicitar que **Volnei, Caetano, Danilo,** e **Jairo** comentaram não ter contratado empregada doméstica fixa, alegando motivos como a situação financeira e a incompatibilidade dessas com eles. Segundo **Caetano**, as empregadas não faziam aquilo que ele pedia em função de não ter uma mulher

em casa. Faz-se importante ressaltar que **Volnei** contratou uma faxineira que o auxiliava de quinze em quinze dias na limpeza mais pesada. O único homem que contratou empregada doméstica já foi citado acima, sendo obrigado a fazê-lo em função do trabalho, que lhe exigia várias viagens. Afirma que tinha a empregada mais em função dos filhos do que das tarefas domésticas, pois já as realizava e ainda hoje, quando está com tempo livre, faz várias atividades caseiras.

Nesta questão da empregada doméstica, pode-se notar que até mesmo nessa relação a naturalização de que são as mulheres as “donas-de-casa”, ou melhor, as donas “da” casa, são elas, que sabem do que a casa necessita. Então como um homem vai ensinar uma empregada que, ainda na maioria da vezes, é uma mulher que tem esse conhecimento inato de limpar a casa? Essa dicotomia, segundo a qual as mulheres estão voltadas para a esfera do privado e o homem para a pública, ainda se faz presente. Entretanto, esta é uma divisão muito simplória, pois a assimetria das relações de gênero aparece também dentro dos lares. Pode-se citar aqui os lugares que são destinados aos homens em suas casas e também aquela poltrona do papai, ou o lugar à mesa que este ocupa.

Por outro lado, as mulheres possuem o controle da rotina da casa, desempenhando algum poder. Hoje, pode-se ver famílias que não se relacionam nos moldes tradicionais acima exemplificados, mas os embates entre masculinidades e feminilidades continuam a acontecer nas relações íntimas e conjugais.

Como a figura da empregada doméstica é pouco citada, também o auxílio de outras mulheres não é mencionado como significativo. Pelo contrário, as mães dos homens não foram chamadas a assumir as tarefas. A colocação de **Jairo** encarna o que os outros homens também sentiam:

“minha mãe já cuidou dos filhos dela, agora sou eu quem devo cuidar dos meus e não a quero se intrometendo na educação que eu dou” (Jairo)

Entretanto, apesar de os sujeitos não relatarem essa situação como algo significativo, existem na vida destes algumas mulheres, cuja atuação é interessante explicitar. Para **Jairo**, aparece significativamente a figura da mãe da amiga da filha como alguém que o ajudava nas horas em que ele não sabia o que fazer, ou ainda alguém que ficava com seus filhos quando precisava se ausentar.

Aparece, para **Danilo**, a figura de uma tia que mora ao lado de sua casa, a qual, às vezes, lavava roupas delicadas para este e cozinhava pratos mais sofisticados para seus filhos. **Sérgio** teve o suporte da mãe e da irmã para cuidar de sua filha, e **Roger** possui as irmãs, que estavam sempre em sua casa fazendo alguma coisa. Percebe-se então que apenas **Caetano** e **Volnei** não comentam sobre o auxílio de mulheres da família e/ou amigas próximas nas atividades cotidianas caseiras e nos cuidados diários com os filhos.

Quanto à **educação dos filhos**, com exceção de **Sérgio**, todos os outros sujeitos criaram seus filhos desde a época em que estes vieram morar com eles praticamente sozinhos. Aqueles que tiveram alguma ajuda foram citados no parágrafo anterior. Todos, inclusive **Sérgio**, se preocupam com os **limites** que devem colocar aos filhos, principalmente na adolescência. Neste sentido, um aspecto que chama a atenção é a imposição rígida de horários. Eles se preocupam também com as companhias que os filhos têm e com a higiene pessoal. Todos esses aspectos foram preocupações constantes desde a infância, mesmo antes da separação. Durante a entrevista com **Danilo**, um dos filhos chegou e comentou que o pai era um chato, porque exigia que tomasse banho sempre no mesmo horário e se preocupava demais com seus dentes.

Com exceção de **Volnei** e **Sérgio**, pois estes não ficaram com os filhos desde a infância, os outros apontam que, desde quando obtiveram a custódia, instauraram uma rotina diária que foi se flexibilizando com o passar dos anos, pois as necessidades dos filhos mudaram, mas possuir uma rotina na qual a higiene pessoal e o controle sobre o comportamento de filhos estejam presentes para eles é extremamente necessária.

Para **Caetano**, **Danilo** e **Jairo**, o período da adolescência está sendo difícil, devido aos filhos se voltarem para fora do lar, levando os entrevistados a reclamar de um certo abandono. Para **Jairo** e **Danilo**, essa rotina fez com que eles retornassem para o lar. Isto é, diziam que viviam na rua, com várias mulheres ou mesmo com os amigos, e que, em função de verem a necessidade de se estabelecer essa rotina e de dar exemplo para os filhos, deixaram de fazer várias coisas. **Jairo** comenta que chegou a ficar um ano sem ter relações sexuais, pois se preocupava em como os filhos sentiriam este fato.

Todos os homens interessam-se em saber onde, como e com quem seus filhos mantêm amizades, pois se preocupam com o envolvimento com drogas e outros comportamentos considerados de risco, como relações sexuais sem camisinha. Por outro lado, em relação aos pertences de cada um, os sujeitos incentivam seus filhos a cuidarem destes e também dizem que todo o comportamento que tiverem é de sua responsabilidade.

Existe ainda uma preocupação com a **educação formal dos filhos**. Apesar de **Sérgio** e **Roger** comentarem que um de seus filhos não conseguiu terminar o segundo grau, nota-se que estes pais ainda propiciaram e incentivaram a busca por cursos profissionalizantes para que seus filhos não tivessem dificuldades em arrumar empregos. Os outros sujeitos dizem não ter dificuldades com os estudos dos filhos, mas que administram as tarefas passadas pela escola, incentivam pesquisas em casa e complementam a educação com cursos de inglês, músicas e esportes, pois acreditam que a educação hoje está defasada em relação à realidade.

A educação para todos os sujeitos é vista como o caminho para a ascensão na vida, aspecto que surgiu também no capítulo sobre a família de origem desta dissertação. Trabalhos na área da educação, como o de Patto (1995), feito com sujeitos de camadas populares, corroboram este aspecto, no qual a educação formal é valorizada como o único meio de se conseguir uma boa profissão e, conseqüentemente, um sustento mais digno.

Outro aspecto sobre a educação dos filhos, ao qual todos os sujeitos deram ênfase nos relatos, é a **afetividade**. Todos comentam que tentam dar a seus filhos aquilo que não tiveram – carinho de seus pais – e, que, mesmo antes da separação, já tinham essa preocupação. Em outras palavras, fazem aquilo que gostariam que seus pais tivessem feito, utilizando-se do modelo parental para construir a relação com seus filhos.

Um aspecto interessante levantado por **Caetano, Jairo, Volnei, Roger** e **Danilo** é a afirmação de que, mesmo dando todo o carinho possível, eles não suprirão o afeto da mãe, ou seja, para eles este é diferente daquele que eles podem proporcionar e só uma mulher/mãe pode dar. Aqui aparecem duas questões importantes: o reconhecimento de que a mãe é importante para os filhos e a mãe mitificada, com exceção de **Caetano**.

Esses sujeitos, apesar de terem se separado e de alguns não possuírem um relacionamento satisfatório com as ex-esposas, consideram que uma boa relação com a figura materna é importante para o desenvolvimento dos filhos. Entretanto, parecem atribuir a esta comportamentos inatos, o que contradiz o discurso do aprendizado. Se analisarmos a questão mais profundamente, existe uma conotação de que as tarefas domésticas e os cuidados infantis, podem ser aprendidos, mas o amor materno ninguém substitui. As frases que serão apresentadas na seqüência foram retiradas de comentários anotados no diário de campo realizados após o gravador ser desligado.

“Acho que os filhos podem ficar com o pai, mas é natural ficar com a mãe.”(Volnei)

“Acho que o amor de mãe é bem melhor para as crianças, ela está capacitada para criar melhor do que o pai.” (Jairo)

“Acho que mesmo com a bagunça na vida dela, eles ficariam melhor com a mãe, pois ela é a mãe.” (Danilo)

“A mãe faz muita falta para eles, só ela tem aquela coisa que é da mulher e que é melhor para os filhos, o pai não deveria ficar sozinho com eles.” (Roger)

“Sabe porque me casei novamente? Porque queria uma outra mãe para meus filhos. Homem não tem condições de criá-los bem sozinhos, não é que não possa vai ficar faltando o principal, a mãe.” (Sérgio)

O único sujeito que não se referiu à mãe como alguém que tivesse um dom inato para esta tarefa foi **Caetano**. Ele considera que o contato com esta é importante por ser a outra parte da díade mãe/pai. Pode-se notar como, mesmo em sujeitos que possuem uma experiência inovadora, ainda convive juntamente com esses novos comportamentos aquele que dá a mãe o dom da criação dos filhos, como se ela nascesse para a maternidade.

Esta questão foi pesquisada por Elisabeth Badinter, em seu livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno”, no qual esta autora mostra que a maternidade é concebida diferentemente em cada cultura e época histórica, e que a relação mãe-filho é mais uma das relações estabelecidas entre as pessoas; sendo assim esta não é natural da mulher. Isso mostra, que a mulher não possui dentro de si um instinto materno, portanto a maternagem não é uma atribuição exclusivamente feminina.

Essa diferenciação entre mãe e pai está presente também quando os entrevistados se referem à **educação de meninos e meninas**, menos para **Danilo**, que só possui filhos do gênero masculino. Com exceção de **Volnei**, os outros sujeitos disseram haver diferença entre criar um menino e criar uma menina.

“Pelo menos na fase da vida que eles estava, não. Porque desde pequeno, eu posso dizer, porque desde criança, eu estava muito próximo. As orientações assim, eu acho que com a minha filha sempre foi mais aberto e ele também. Mãe é chata. Porque ela

enche o saco. Então, entre um e outro, acho que minha filha foi até, digamos assim, foi mais fácil do que ele. Tem uma personalidade muito forte, muito decidida por ela, faz as coisas com muita responsabilidade e isso fez com que eu não tivesse muita dificuldade.”(Volnei)

Porém, para **Jairo, Roger e Sérgio**, o aspecto voltado para a sexualidade foi o que mais se sobressaiu. Estes tiveram dificuldades com a primeira menstruação, com o primeiro namorado e com os pedidos de saída. Comentam que a presença da mãe faz falta, pois uma mulher conversaria melhor com os filhos do que eles nestes momentos.

“Tem diferença, sem dúvida. Tem coisa que eu consigo atingir. Eu faço, eu tento, mas talvez não consiga atingir. Também porque existe todo um ambiente fora de casa, elas têm toda uma cobrança fora de casa, elas têm toda uma conversa com as amigas, então nem sempre eu consigo atingir. Mesmo que eu tente... Lógico que eu sinto que hoje eu não atingi certas coisas com elas. Mas, na época, não fazia diferença, eu queria ficar com elas. Não pesou porque eu tenho uma cabeça diferente nisso, eu gosto das coisas de casa, gosto de cozinhar, limpar pia no domingo, hoje eu nem faço muito isso. Mas gostava dessas coisas. Já antes da separação, quem tinha que ensinar minhas filhas era eu, minha mulher nunca, nunca queria ensinar porque ela não sabia ensinar e perdia a paciência. Hoje minhas filhas cozinham bem, muitas coisas eu ensinei, muitas aprenderam com as amigas. Hoje ainda quando estou fazendo uma comida que elas não saibam, eu chamo ‘vem cá vê’. Então, esse tipo de coisa que também é tido como se só a mãe pudesse ensinar, eu podia fazer sem problema. Arrumar uma roupa eu sempre me preocupei, coisa que também o homem parece que não tem muita afinidade com isso, mas eu sempre tive. Eu sempre fiz muitas coisas, comprar calcinha pra elas, elas iam mortas de vergonha, entrar na loja com o pai do lado, podia me causar constrangimento, comprar calcinhas e sutiãs, mas para mim tudo bem. Entrava na loja e as pessoas olhavam diferente, mas para mim nunca foi problema e com o tempo deixou de ser pra elas. Depois ficou bem normal. Roupas eu sempre fui nas lojas, elas faziam questão que eu fosse, perguntavam como ficava cada roupa. É claro, naquela fase que os filhos deixam a gente fazer isso, porque na adolescência... Sai pra lá!! Esse tipo de atribuição dita feminina eu sempre topei, sempre gostei de fazer pra eles. E outras coisas eu vi que

era diferente, por mais que eles quisessem se aproximar, era difícil. Por exemplo, arruma um namorado e quer conversar fica difícil. Essa facilidade de me colocar as coisas é diferente delas pra ele. E o que eu chamaria atenção para elas, talvez não fosse a mesma coisa que a mãe chamaria, e então a partir daí se estabelece uma relação diferente daquela que se estabeleceria com a mãe. Não sei, por mais que eu me esforçasse... mas esse tipo de coisa não inviabiliza, mas assume características diferentes, conseguia conversar sobre isso, mas é diferente de uma mulher conversar com elas sobre isso.”(Caetano)

“É mais fácil criar o Jonas. Ele era mais compreensivo. A Caroline bate de frente comigo até hoje. O nosso relacionamento é meio... bate de frente. Ela puxou a mãe dela. O Jonas é mais carinhoso. O Jonas, o que eu falar ele aceita. A Caroline, não. Agora ela está mais carinhosa comigo, mas acho que é por causa da distância. Porque eu também sou muito de prender. Sou cri-cri, com esse negócio de telefone, essas coisas todas. Seu bobear a conta vem duzentos reais, trezentos. Eu sou um pai liberal, até onde eu achar que é a liberdade certa. Se ela fizesse alguma coisa comigo, eu botava de castigo. Eu não era exigente. Eu explicava que as coisas são assim, assim. Se for assim, você tem tudo a ganhar. Às vezes ela saía da linha, botava de castigo. O Jonas, se eu falar que é para ficar sentado, ele fica, não almoça, não janta. Só sai quando eu mandar. Ele é muito chorão. Qualquer coisa ele já chora. A Caroline eu já peguei assim numa idade que ela já tinha muitas amiguinhas. Já peguei ela na puberdade. Um dia eu tava aqui no serviço, recebi um telefonema que ela ficou menstruada. Foi o dia que eu mais fiquei puto com a mãe dela. Eu telefonei para a mãe dela e contei que a Caroline tinha ficado menstruada, e a mãe dela só apareceu depois de quatro dias. Eu tava aqui. Liguei para a moça do lado de casa. Ela pegou a Caroline. Eu já tinha comprado *modess* e ajeitou ela. Eu fui para casa. Todo mundo dizia que tinha que comprar um presente, eu comprei, mas não adiantou, ela tava muito abatida. Depois que ela voltou ao normal. Mas foi o dia que mais me aborreci com a mãe dela. Ela só aparecer depois de quatro, cinco dias. Fiquei muito puto, porque era um momento importante para a menina, tínhamos que dar uma força, e ela nem ligou.”(Jairo)

É possível verificar nestas falas uma referência a um modelo de família ideal, pois eles se colocam como uma família incompleta, que falta algo. Parecem ainda não se verem como um novo modelo de família e de parentalidade.

5.3. Relação atual do sujeito com a ex-esposa e dos filhos com suas mães

Quanto à relação atual com as ex-esposas, pode-se dividir os sujeitos em dois grupos: **Sérgio, Volnei e Roger**, que possuem uma relação amigável, ou pelo menos cordial, e **Jairo, Danilo e Caetano**, que dizem não querer ter nenhum tipo de envolvimento com elas, sendo que suas falas demonstram rancor e raiva, como sintetizado abaixo:

“Com ela eu não converso. Vou ser sincero, não é jogo. As meninas me cobram que eu tivesse o mínimo de relação com a mãe, que fosse aquela coisa comercial, mas que eu tivesse. E eu digo que não, que não dá. E não é rancor, te digo com sinceridade isso. Não é rancor. Eu tenho lá as coisas que eu não esqueço, mas eu não sou homem rancoroso. Eu quero é me proteger. Eu só não quero aquilo tudo de novo. Eu fiz isso tudo pra ficar livre, eu vou pegar tudo de volta? Não, eu não vou. Por que se fosse uma pessoa que tivesse refeito, que sentasse e dissesse: ‘Olha fulano erramos, fizemos isso e aquilo, vamos tentar concertar.’ Não, não é. Ela vem com os mesmos ingredientes, com as mesmas ferramentas, com as mesmas coisas. Ela nem foi se tratar. Não procurou um psicólogo, que eu saiba. E continua dizendo as mesmas coisas. Joga a culpa na filha mais velha, diz que não tem nada a ver com isso, que foi tudo uma trama, continua dizendo e fazendo as mesmas coisas. Briga com as crianças pelas mesmas coisas imbecis e bestas, que hoje até a família dela reconhece isso. O irmão dela brinca que, ela consegue perder ponto com ela mesma, ela consegue perder da mesma. Porque são coisas que ela devia capitalizar na relação com as crianças e ela não faz.”(Caetano)

“Hoje eu e ela conversamos pelo telefone e não como amigos. Agora estamos tendo um arranca-rabo por causa da casa que eu já paguei, mas eu vou até o final. (...) Eu tenho um advogado de plantão, porque se ela recorrer o pau vai pegar. Quando eu arrumei uma namorada, ela começou a me ameaçar, mas a advogada dela esclareceu que iria levar uns cinco anos para ela receber, daí desistiu.” (Jairo)

“Hoje me perguntam como eu ainda falo com ela. Eu falo porque ela é mãe dos meus filhos. Não sinto mais raiva dela como antes. Eu preciso falar com ela. Se eu não tivesse filho, tudo bem, não estava nem mais aí pra ela. Não tinha amizade. Mas eu preciso manter essa amizade, porque ela é mãe dos meus filhos. Se não fosse isso ela que se fudesse.”(Danilo)

Sobre a **direção da educação** dos filhos, no entanto, percebe-se que esta é dada pelos homens-pais, ficando as mães com a tarefa de cumprir alguns requisitos. Isso indica que aquele que fica com os filhos em casa acaba sendo mais responsável pela educação destes. Pode-se perceber este fato nas citações abaixo:

“Eu e a mãe deles nós ficamos um pouco amigos e eu pergunto tudo para ela, mas a linha a seguir é a minha, porque eu estou com eles. (...) Quando a coisa é mais importante, assim, trocar para a escola pública, nós conversamos muito, mas quando é comportamento, primeiro eu digo como é que eu gosto que seja aqui em casa e ela precisa seguir (...) Eu dou toda liberdade para ela vir aqui em casa pegá-los a hora que quiser. Eles até dormem bastante lá. Principalmente quando estão bronqueados comigo. Mas não deixo passar muito tempo, vou lá e dou um xeque-mate e mando embora para casa. Eu dou uma linha de educação aqui para eles, daí falo para ela que é assim.”(Danilo)

“Eu como pai continuei agindo da mesma forma após a vinda deles [filhos] para cá. Mas se tivesse a mãe, ela iria me corrigir, iria criar uma discussão. E talvez uma discussão fosse até proveitosa. Puxaria o meu lado, puxaria uma nova maneira de ver algumas coisas. Mas aquela coisa quando você está sozinho, tem a sua opinião, aí acredita que o caminho é certo e vai embora.”(Volnei)

Chama a atenção o fato de que os relacionamentos dos filhos com as mães podem ser divididos da mesma maneira que os dos pais. Um grupo possui uma relação de amizade ou cordialidade com estas. No outro grupo, pelo contrário, existe um relacionamento complicado, no qual há um movimento de procura e afastamento contínuo, sendo citado nos

relatos de **Jairo**, **Caetano** e **Danilo**, a falta de interesse dos filhos em ver suas mães por tempo indeterminado.

“Até hoje a relação com ela não é de amizade. Ele quer ficar pouco com ela. Ele vai lá bater ponto. Foi fazer compras com ela às 10:30 no sábado e as 13:00h já estava comigo de volta. Ele não dorme lá nunca.” (Jairo)

“Tem hora assim que eles se revoltam, tem hora que não aceitam a opinião dela, a autoridade dela. Eles dizem para ela que quem manda neles é o pai e que ela não manda nada.” (Danilo)

“Então, eles ficaram muitos anos sem se falar. Ela ficou muito magoada com eles, não entendeu a decisão deles. Aí a minha mais velha começou essa aproximação, por incrível que pareça, porque ela foi a que mais sofreu e brigou, e até tem uma relação bem neurótica e complicada com a mãe. Tenta se aproximar, mas não consegue nunca chegar a uma relação boa. Tão ali na confusão. A minha outra menina tem uma relação razoável, alterna de acordo com humor, agora, por exemplo, está brigada e há quase cinco meses que não conversa e não quer saber. O menino nunca mais quis saber dela. E era o mais afetivamente preso a ela. E era ele que ela protegia. Pras meninas cacetada, e pra ele, todo o tipo de possibilidades, de permissão, de presentes. Mas ele acabou trabalhando algumas coisas na cabeça dele e resolveu não falar, nem vê-la. Estou tentando que ele faça análise, mas ele não quer. Acho até que ele elabora bem hoje, mas já houve situações complicadas, ele passou muito tempo sem ir. Ele não aceita muito a família dela. Hoje [no dia da entrevista] até conversei muito com ele, porque ele foi lá ontem e foi a primeira vez que conversou alguma coisa a mais com ela. Realmente ele não conversava.”(Caetano)

Ao retomar os relatos, percebe-se a seguinte articulação: a relação dos filhos com as mães baseia-se na dos pais com estas, sendo que esta pode ser atribuída a como os sujeitos percebem a relação dos seus filhos com suas ex-esposas. Pode-se levantar ainda a hipótese de que esta dificuldade de relacionamento entre marido e esposa tenha influenciado diretamente a relação entre mães e filhos. Sabe-se que em uma separação é difícil distinguir o lugar de marido/esposa do de pai/mãe, exigindo-se, usualmente, que a criança escolha um

dos pais, realize um julgamento moral e decida quem é o “vilão da história”, como faz a própria Justiça. O envolvimento das crianças na crise da separação aparece claramente nas falas de **Sérgio** e **Danilo**:

“O Júnior, o mais velho, estudou aqui no Colégio. Mas talvez até devido a essa separação naquele troço de vai pra cá, volta para lá, porque o ruim da separação não é só separar marido e mulher, os filhos têm e sofrem uma influência muito grande. (...) No final a tua vida [falando do período de separação] passa e tu só se prejudicou, prejudicou os filhos que se criaram nesse ambiente, (...) ela saiu prejudicada, eu saí prejudicado e as crianças também.” (Sérgio)

“Não sei, deve ser alguma coisa que aconteceu, ele ter visto tudo que viu [brigas do casal], acho que dá um pouco de revolta. Na época ficaram muito revoltados com ela que nem queriam vê-la.” (Danilo)

É importante ressaltar que os sujeitos os quais fazem parte do grupo que não deseja ter nenhum tipo de relacionamento com as ex-esposas, dois – **Jairo** e **Danilo** – foram traídos, e **Caetano** conseguiu a guarda dos filhos em função dos maus-tratos praticados pela mãe com as crianças. Então, estas separações foram conflituosas no aspecto emocional, tanto para os pais como para as crianças que acompanharam estes processos.

Faz-se importante mencionar o relato de **Caetano** sobre como seus filhos eram tratados pela mãe antes do divórcio, e como ficou a relação destes com ela, pelo fato de se diferenciar dos outros sujeitos em função da caracterização dos maus-tratos da mãe sofridos pelas crianças, bem como por ser esta uma temática ainda considerada tabu: a violência doméstica efetuada pela mulher.

“Ela agredia. Tinha maus-tratos físicos e até bem documentado com fotos e com os testemunhos das empregadas. Os vizinhos também poderiam testemunhar, porque era uma gritaria infernal dentro de casa. Ela não tinha paciência, e como eles tiram mesmo a paciência, ela tentava, como ela dispunha e sabia vencê-los, então ela gritava, trancava e batia. Se a criança se rebelasse, ela trancava no quarto o dia todo. A minha mais velha ficou alguns dias sem comida. Se a empregada desse ou abrisse o quarto e ela descobrisse, ela levava a chave. Saía e deixava a criança trancada,

levando a chave para ter certeza que a criança ia ficar mesmo trancada. Coisas desse tipo. Acho que isso tudo foi pela falta de disponibilidade para as crianças. Acho que ela não conseguiu conciliar as coisas na cabeça, ela partia para agressão. A minha filha mais velha que sofreu mais, também tem um gênio bem complicado, bem geniosa, muito inteligente, percebia no gesto da mãe coisas que até vamos dizer que era precoce pra idade dela, identificava com clareza e passou a revidar. Ela, como um adulto, devia ter encontrado uma forma de contornar, mas ela partiu para o confronto, para a intimidação, trancava elas. Foi a maneira que ela encontrou de resolver o problema. (...) Hoje eles a vêem. Mas teve uma época que não viram, ficaram aí uns quatro ou cinco anos sem vê-la, sem ter muito contato. Porque ela entrou nessa paranóia toda. Ia lá em casa com polícia e queria obrigar a isso e aquilo. E, sempre que ela ficava com as crianças, não era um momento de retomar as coisas, de acalmar as coisas, de se aproximar, era um momento de tentar virar a mesa. Então, toda meia horinha que ela tinha, era pra falar mal de mim e falar das coisas que tavam acontecendo e eles já tavam até o pescoço. Eles já não agüentavam mais. Era psicólogo, entrevista com juiz e todo mundo que tem que passar, eles já fugiam do assunto e começaram a não ir mais mesmo. Ela achava que eu é que fazia a cabeça deles. E não era. Eles estavam correndo do problema. E ela devia chamar, passear, levar pro cinema, fazer coisas com eles que aliviasse a cabeça, que eles pudessem gostar de estar com ela.” (Caetano)

A violência doméstica realizada pela mãe ainda é pouco explicitada e discutida, sendo que, muitas vezes, acredita-se que isso não possa ocorrer, devido ao fato de estarem acoplados a posição de mãe a generosidade, o carinho, os cuidados, a educação, a paciência, entre outras qualidades, mas nunca a violência. Um dos aspectos que compõem a mitificação da mulher-mãe/bondade é o discurso cristão que sobrepõe à mulher-mãe a pureza e a doçura da Virgem Maria, sendo assim incapaz de produzir algum tipo de violência sobre seus filhos.

5.4. Novos Relacionamentos.

No que se refere a **novos relacionamentos**, com exceção de **Sérgio**, que se casou novamente, todos disseram não querer recasar, só namorar e, mesmo assim, sem muito

compromisso. Atualmente, quando afirmam que não querem novos relacionamentos dentro de casa, apontam que uma mulher “dá muito trabalho”, pois gosta de tudo organizado, têm que agradá-la e que não querem mais isto. Também mencionam o fato de possuírem filhos, como um empecilho para um recasamento, opinião que está clara no relato de **Caetano**. Nas palavras dos próprios sujeitos:

“De jeito nenhum. Me sinto tão bem solteiro, porque eu não tenho que dar explicação para ninguém. Acordo a hora que quero acordar, se a casa estiver legal, tudo bem, se não tiver, tudo bem também, se eu não estou a fim de arrumar nada, eu não arrumo, e nós três vivemos assim. De vez em quando, eu digo pra eles que vou arrumar uma mulher pra casar, pra botar ordem. Daí eles dizem ‘o que, vai voltar tudo como era antes, tudo arrumadinho, tudo certinho?’, daí pedem para eu não casar, só namorar. Então, só namoro. Casar? Não caso, não caso. E com ela, espero que fique bem longe.”(Danilo)

“Não. Nem quero (risos) Posso até ter namorada. Nesse momento não estou com ninguém, mas casar nem pensar. Mas voltar a morar não consigo. A minha liberdade voltou. Eu faço o que eu quero, onde quero e como quero. Se tem pão em casa, como pão, se não tem ‘não tem nada para comer hoje? Ah! Jonas vamos ali embaixo’. É uma vida sem preocupação. Se tiver mulher, já fica falando. ‘Não trouxe pão? Não trouxe leite?’. Se não tem mulher a gente não se preocupa. É muito mais fácil. Com uma mulher a gente tem que tratar bem, se não tem pão, a gente precisa descer para comprar, senão ela fica te chateando.” (risos) (Jairo)

“Tive alguns, até estou namorando agora. Mas para morar não arrumei ninguém e nem queria mesmo. Também tem aquilo. As mulheres quando sabiam que eu tinha três filhos, é aquilo: ‘se eu assumo ele, vêm mais três’, é complicado. Uma taquarada. E ainda pesam que além dos três filhos vêm todos os serviços domésticos, porque homem não cuida disso, quem vai cuidar sou eu. Esperei passar o momento de depuração. Quer saber, tô mal, tô. A hora que me senti com um sentimento melhorzinho então, comecei a namorar. É boa esta história de namorar. Porque tem dia que a gente quer ficar sozinho. Parece que tá junto tem que virar um só. Isso é outra bobagem. Besteira, tem que ser dois com respeito.” (Caetano)

“Sempre digo assim: não digo que dessa água não beberei. Pode até acontecer. Mas tem que ser algo, assim, que realmente venha me acrescentar. Tenho que chegar à conclusão que vai ser melhor que a minha vida agora. Não vejo assim ainda na prática... No momento, assim, estou com uma namorada que faz pouco tempo, e quando eu conheci ela achava que era, mas não tenho mais certeza. Não fala para ela, tá? (risos) Brincadeira. A gente se dando legal, se entendendo bastante, mas ela tem a vida dela. Daqui a pouco a gente vai sair junto, ela até fica aqui em casa às vezes, mas ela tem a casa dela. Vai cuidar da filha dela também. Isso eu vejo, hoje, como a forma mais prática de se ver nas circunstâncias de hoje. Porque o que acontece quando se casa novo? Primeiro você está, assim, com toda a empolgação, com toda paixão, com todo o entusiasmo com sonhos de casa, crescer juntos. Então você tem toda aquela empolgação. Digamos que juntando essa empolgação é que vai fazer você fazer concessões, você vai se adaptar ao seu parceiro, você vai perguntar ao seu parceiro de que forma ele gosta de guardar a escova de dente, se o chinelo pode ser macio, esses detalhezinhos que vão fazer duas pessoas crescerem juntas quando têm disposição e quando ainda não têm ranço. Quando começa a vida, você ainda não ronca, não decidiu o lado que vai dormir, essas coisas todas. Então, não tem filho grande que diz se você faz, eu vou fazer também. Tanto que eles falam que namorada sim, mas que não querem madrasta. Na prática pode acontecer isso. Quando você tá maduro, não tem mais aquela preocupação de manutenção do nome, essas coisas você já atendeu. Você já percebeu que consegue viver sem ter um parceiro que te dá prazeres, mas que te dá incômodos também. Que você tem que obrigatoriamente dar satisfação quando sai à noite. Ir na festa e ter que escutar que ‘ah! eu estou em casa te esperando’, mas espera porque eu não vou. Na prática hoje perdi a necessidade de dar satisfação.” (Volnei)

Fazendo uma análise horizontal de todas as entrevistas, é possível perceber como as **mulheres** foram, no início do casamento, **idealizadas** por estes sujeitos, e muito interessante é observar como o estereótipo em relação a estas foi se modificando cronologicamente.

Para os sujeitos, excetuando-se **Sérgio**, no começo de seus casamentos existia um desejo de que as suas esposas se enquadrassem na posição de mãe do modelo tradicional, isto é, afetiva e responsável principal pelos cuidados com os filhos. Também gostariam de

uma dona-de-casa tradicional, isto é, aquela com dupla jornada de trabalho. Condizente com esta organização familiar, existiam também queixas por parte dos sujeitos quanto à sexualidade do casal, as quais referiam-se principalmente à quantidade de vezes que mantinham relações sexuais. Entretanto, suas ex-esposas não corresponderam a esses desejos, o que propiciou uma reorganização da vida familiar e, por parte dos sujeitos, uma necessidade de assumir comportamentos novos, principalmente com relação aos filhos, mas também quanto à divisão de tarefas domésticas e ainda quanto ao lado profissional da esposa, como no caso de **Caetano**.

“Eu acho que isso é importante e por isso fui pra dentro de casa. Não era por que eu gostava de cozinhar e de trabalhos domésticos. Então, eu acho que a gente tem que ver essa história de serviços domésticos de uma maneira diferente, um pouquinho mais arejada. Acho que até bem pouco tempo, isso incomodava a gente, mesmo porque tinha uma pressão anterior, mas acho que tá na hora de a gente rever isso e ver que serviço doméstico não é pejorativo, não. Serviços domésticos são necessários. A gente não faz só o que quer! Ninguém faz só o que quer. Então, faz parte, se é isso ou aquilo, vamos parar de fazer esse tipo de juízo de valor. Vamos ver que é necessário. E, se é necessário, alguém tem que fazer. E é importante. É claro que a mulher tem pretensões hoje em termos profissionais, e é claro que também é importante. Acho isso importante para o próprio relacionamento. Você ter em casa uma mulher, que você chega e ela só comenta que ‘a empregada fez isso, a empregada fez aquilo, o vizinho fez aquilo’, isso é tenebroso. O diálogo vai encurtando. Agora se você tem uma companheira que você pode dividir desde os assuntos profissionais até as tarefas domésticas é muito melhor.”(Caetano)

Percebe-se que, entre os comportamentos das mães dos sujeitos e de suas ex-esposas, há diferenciações, como o trabalhar fora e ter seu próprio rendimento, ou saírem sozinhas à noite, mas para alguns sujeitos, como **Sérgio**, **Jairo** e **Danilo**, existe uma vontade de que as suas ex-esposas desempenhassem um papel de mãe/dona-de-casa ainda nos moldes tradicionais.

Sérgio, principalmente, é o que mais incorpora o discurso de que as mulheres precisam satisfazer as necessidades dos homens, querendo uma mulher que faça desde o seu café da manhã até os afazeres domésticos, como arrumar toda a casa e suas roupas. Este

homem foi o que morou mais tempo com sua mãe, mesmo depois de casado, e esta desempenhava o papel tradicional de mãe/mulher/dona-de-casa, se dedicando apenas aos filhos e ao lar. A hipótese é de que este esperava um casamento no qual sua esposa atuasse conforme este mesmo modelo. Este fato não aconteceu apenas com **Sérgio**, que procurou uma nova esposa que suprisse seu desejo, ou seja, o de continuar no modelo de família tradicional.

Chama a atenção, entretanto, que, da mulher idealizada, os sujeitos passaram para a mulher que prende/domina. Parece que eles estão pouco dispostos a vivenciarem toda uma nova situação de convivência conjugal, a qual, conforme suas concepções, exigirá novamente um comportamento de “submissão” às mulheres, pois estas tiram a liberdade e precisam ser agradadas.

Cabe aqui uma consideração sobre a dificuldade, tanto de homens quanto de mulheres, independentemente da escolha sexual, em negociarem, em se permitirem a entender o outro e aceitar seu ritmo, ou os valores e opções que este possa fazer. Parece que cada vez mais o “individualismo”, aqui entre aspas, pois quer dizer a alienação em si mesmo e a preocupação apenas consigo, torna-se cada vez mais freqüente.

5.5. Significado da Paternidade

Apesar de não ter perguntado diretamente para **Jairo** e **Danilo** o **que era ser pai** para eles hoje, é possível extrair das falas de todos, que estes demonstram uma grande satisfação em exercer esse papel. A partir dos relatos de todos, é possível deduzir que, para eles, assumir essa posição é uma possibilidade de acompanhar o desenvolvimento de uma criança que se ama, é quebrar preconceitos e aprender os valores que os filhos ensinam e, principalmente, poder olhar de outro ângulo sua história com seus pais, mesmo para os dois sujeitos anteriormente mencionados. Por outro lado, destacam a enorme responsabilidade de criar seus filhos sozinhos, apontando esse aspecto como algo que inicialmente proporciona medo e que conversar com outras pessoas auxilia na educação dos filhos, principalmente se for a mãe destes, como apontou **Danilo**. As frases seguintes são dos sujeitos que foram diretamente questionados.

“Hoje é... Ah! (o entrevistado se emocionou e chorou. Nesse exato momento, o filho chegou em casa. Ele me apresentou e disse que eu estava fazendo um trabalho sobre o que era ser pai. Beijou o filho, perguntou se estava tudo bem, como foi a natação e disse que depois conversava mais.) Pois é, (respirou fundo) são várias coisas. Querer dizer isso em pouco tempo é complicado. Porque tem diversos aspectos. Tem o aspecto da realização pessoal, da realização afetiva muito grande que a gente tem, a questão da responsabilidade, principalmente hoje em dia, eu tenho muita preocupação, um compromisso muito grande, mas ela é independente de estar sozinho ou não, de ter a mãe do lado ou não, continua sendo grande. Uma dificuldade que eu sinto, que todo pai que está sozinho deve sentir, é essa questão dos pais hoje em dia para educar os filhos; juntos já é difícil, sozinho a responsabilidade não dobra, triplica. Porque a gente passa a ficar sem referência, sem ter com quem trocar a idéia, sem ter com quem alternar a coisa, e de repente você vê que, além de pai, você tem que ser mãe. Aí que a coisa complica.” (Volnei)

“Ah!!! É uma coisa extensa. Olha, você tem uma relação com os filhos que é muito importante. Quando eu falo que é uma segunda chance, as pessoas costumam pensar no seguinte aspecto, ‘eu quero fazer que os meus filhos façam aquilo que eu não consegui’. Segunda chance pra mim não é isso. Eu vou viver com ele o que ele está vivendo, e esse aspecto pra mim é uma segunda chance. Não de eu realizar nele aquilo que eu não realizei, mas de eu vivenciar com ele todos aqueles problemas. Isso é bem gostoso, porque eu passei por eles, mas não tinha consciência das coisas. Hoje eu vejo, desde o primeiro beijo, eu vou vivenciando esses problemas, mas de uma posição diferente. Não que eu estou vivendo de novo aquilo, mas estou acompanhando aquela problemática e eu acho isso muito legal. Esse aspecto é o meu ganho pessoal. Por outro lado, a responsabilidade de você dar a outra pessoa outra chance, um outro ser que está vindo ali com seus anseios e suas vontades e você ter a possibilidade de contribuir pra isso, é muito legal. Esse é o lado legal. Por outro lado, é trabalhoso, complicado, cheio de problemas, cheio de ingratidões, né? Aquela famosa frase, ‘padecer no paraíso’, eu queria catar o infeliz que falou isso, eu queria sorrir ele, botar pra criar uns 400 filhos. Essa história de paraíso é bobagem, essa fantasia, essa romantização. É como a mãe é uma instituição, a gente criou esse monte de tabus, instituições, e as pessoas têm vergonha de dizer ‘estou de saco cheio

deles', parece um crime. Dia-a-dia tem problemas mesmo, não é novela da Globo. É pau aqui, pau lá, e a gente vai. Não tem paraíso nenhum. Tem é muita luta, muita coisa acontecendo, muita confusão. E tem o lado ingrato que a gente precisa aprender a trabalhar.(...) Na paternidade você vivencia coisas extremamente boas e outras extremamente ruins.”(Caetano)

“Não é tarefa fácil. Dá muito trabalho, mas não consigo admitir ficar longe deles. Apesar da gente sofrer quando eles ficam doentes, é bom estar com eles e poder ajudar. É uma grande felicidade para mim.” (Sérgio)

Logo em seguida, perguntei aos sujeitos por que os homens têm procurado ficar com a guarda de seus filhos. Eles responderam que isto acontece principalmente, porque os homens estão mudando e admitindo a expressão da afetividade por seus filhos e, conseqüentemente, reconhecendo o sentimento de ser pai. Outro motivo seria o questionamento da valorização da mãe como a mais importante para seus filhos, pois para eles os homens começaram a se dar conta de sua importância no desenvolvimento dos filhos.

Também colocam que os homens têm se dado conta do sofrimento que é ficar sem os filhos. Aqui é importante resgatar trabalhos como o de Hetherington e Stanley-Hagan (1997) e o de Lamb (1997), nos quais se afirma que os homens/pais passam por várias crises emocionais e físicas quando, após a separação, têm cortado ou muito diminuído o contato com seus filhos. Fala-se hoje até mesmo em “alienação parental”, na qual as crianças são manipuladas para enxergar seus pais como suas mães desejam. Também se utiliza o termo “padrectomia” para designar todos os sintomas físicos e emocionais deste período pós-divórcio, no qual, muitas vezes, o pai tem seu contato com os filhos restrito aos finais de semana. Nas palavras dos sujeitos:

“Só posso responder por mim. Tem um colega de serviço que também ficou. Mas no caso dele ele tinha três filhos homens e acho que dois ficaram com ele. Ele fez questão também de ficar. Meus filhos, eu que vou cuidar deles. Eu quero cuidar deles. E pra mim foi uma forma de não me afastar das pessoas que eu mais gosto. São as pessoas que eu mais gosto, quero eles comigo. Eu tenho caso de um irmão da minha comadre, essa que eu falei, ele perdeu a guarda dos filhos e a mulher não permitiu que ele visitasse os filhos. Ela fez a caveira do pai. Esse homem sofreu

desesperadamente, ele sofreu muito, muito, muito mesmo. O bem mais valioso de um homem é o filho, para mim é. O meu bem mais valioso são meus filhos. Pode ser para a mãe também. Se ela sofrer, o quanto ela sofrer, eu tenho esse direito do sofrimento, porque é uma coisa que quero muito. Não tenho como fugir disso, desse sofrimento, pois eles são a coisa mais importante do mundo. E acho que os homens estão se dando conta disso.” (Volnei)

“Porque antigamente o pai era responsável pelo sustento. Até mostrar afetividade, tinha pais que tinham dificuldades, porque isso não era masculino. Abraçar um filho, beijar um filho, isso não era masculino. Era aquele modelão bandido, mas acho que o homem superou um pouco. Hoje já abraça o filho, não só a filha, mas também o filho. Hoje, os pais têm uma relação diferente com os filhos. Até porque essas atividades de dentro de casa são tidas como atividades menores. Temos que reformular isso. Passamos por um período, dos anos 70 pra cá, e acho que agora já dá pra ver que cuidar de filho não é uma atividade menor. Pelo contrário, é algo importantíssimo. A educação de uma criança é fundamental. Por isso, acho que o homem foi pra dentro, porque acho que o homem tá enxergando isso. Pelo menos, eu vejo e eu sinto isso. Eu fui pra dentro de casa não por pirraça, mas porque pra mim era evidente que educar o meu filho era uma tarefa importante. Não fui pra substituir ninguém, mas porque eu não queria abrir mão de educar meus filhos.” (Caetano)

“Eu não tenho clareza se estão procurando mais a custódia, mas acho que estão mais próximos dos filhos e talvez por isso querendo ficar com eles na separação. Eu sofri quando me separei e pensei na possibilidade de perdê-los, penso que outros homens também devem sentir isso. Vejo meus amigos brincando com os filhos e levando na escola. Na minha época, o meu pai nem sequer sabia que eu existia. Acho também que isso fez eu ser o pai que sou. Opa! Fez eu ser meio mãe. Tenho muita preocupação em fazer os meus filhos se sentirem amados por mim. Por falta de pai eles não vão se revoltar; talvez, como nada é perfeito, por falta de mãe. Os homens estão sofrendo mais pelos seus filhos, ou pelo menos, querendo ficar mais com eles, estamos fazendo coisas que antes não fazíamos, coisas consideradas de mulher. Essas coisas são vistas por alguns dos meus amigos como de mulher ainda, mas o que posso fazer? Tenho dois filhos para criar. Aqueles que realmente são meus

colegas não falam isso. Respondendo à sua pergunta, acho que porque estão mais próximos dos filhos e se apegando mais.” (Danilo)

“Porque eles estão descobrindo e mostrando que têm o mesmo poder que a mulher tem. A mulher agora não tem o poder de ser diretora e outros cargos de chefia? Então, eles estão sem medo. O problema, para mim, do homem não ficar com os filhos é porque ele tem medo. Pra mim é um medo. Medo de como vou cuidar dessa criança, como vou levar no médico, como vou levar no colégio, como vou fazer comida. Não é fácil.” (Jairo)

“É uma divisão. Por exemplo, as mulheres estão conseguindo sua liberdade, direitos que antes não tinham. Ao contrário, o homem também está mudando. Então, se a mulher tem direito de não querer os filhos, de morar sozinha, ou produção independente, o homem, por outro lado, também tem tendência a mudar. Tu vê que hoje tem empregado doméstico, tem homem que é babá, tu vê na televisão pais separados que vivem sozinhos em casa cuidando de meninas e meninos. Então eu acho que [o homem] está buscando não um direito, mas um dever que ele tem, está caindo na consciência que, como homem, ele também pode assumir coisas que antes eram de mulher, assim como a mulher está assumindo coisas que eram de homem. Motorista de táxi, de ônibus, mulheres executivas, então eu acho a mesma coisa, caminhos diferentes com a mesma opção, com o mesmo sentido.”(Sérgio)

“É. Acho que os homens estão entendendo que não é só a mãe a responsável pelos filhos. Estão assumindo responsabilidades e gostando mais dos filhos. Então, os querem também.” (Roger)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi mencionado na introdução desta dissertação, as considerações finais, as quais serão expostas a seguir, são provisórias e incompletas, pois entendendo que o conhecimento está sempre em construção, podendo assim, haver novas contribuições para o estudo da temática paternidade singular. Outras pesquisas podem ser desenvolvidas vindo a contribuir para o desenvolvimento dessa temática através de referenciais teóricos diferentes, abordando outro número de sujeitos, investigando camadas sociais diferenciadas, homens/pais rurais e urbanos, bem como entrevistar tanto homens como mulheres envolvidos nesta situação.

Contudo, as considerações finais aqui apresentadas, não têm a intenção de esgotar o assunto, mas retomando uma parte do método, existe o objetivo de que este estudo proporcione a outros sujeitos a possibilidade de fazerem uma “generalização naturalística” e, se isso não for possível, que ao menos desperte o interesse e a possibilidade de uma mudança no olhar em relação à paternidade singular e também um entendimento mais profundo sobre as relações de gênero. Então, as conclusões desta pesquisa se restringirão a estes seis sujeitos, de camadas médias urbanas, de grau de escolarização que está entre o nível técnico e o doutorado e que são funcionários públicos.

Inicialmente gostaria de ressaltar e, novamente reafirmar, a coragem e inovação destes homens quando assumem a paternidade singular, pois com isto, mostram uma nova possibilidade de organização familiar e também um novo lugar de pai, abrindo assim, brechas para o questionamento de padrões que regulam rigidamente a vida de homens e mulheres. Esta temática é atual e tem tido uma atenção especial da mídia televisiva, escrita, e até mesmo cinematográfica, este fato leva a supor que está havendo na sociedade uma redefinição dos princípios da paternidade, pois se tem mostrado um pai mais afetivo e responsivo as necessidades das crianças (Ridenti, 1998; Lyra, 1998). Fato que ficou evidente nos relatos dos homens/pais que participaram desta pesquisa.

Este conjunto de novos comportamentos que está sendo denominado de “novas formas de paternidade” pode-se ser observada nos sujeitos entrevistados. Entretanto, no caso destes a obtenção da guarda, como poderia-se supor, não foi o fato que os levou a desenvolverem tal comportamento. Nota-se que o vínculo com os filhos antes da separação já era próximo e íntimo, contendo brincadeiras e cuidados diários, sendo que este aspecto, para cinco sujeitos, foi mencionado como o motivo principal para requererem a guarda. O

único entrevistado que não mantinha um vínculo que envolvesse os cuidados diários, e que disse não ter habilidades para cuidar das crianças, casou-se novamente e atribuiu a esposa essa função. Inicialmente deixou sua filha com a avó pelo mesmo motivo – a falta de habilidade para isso, sendo que a guarda dos filhos foi requerida porque não admitia que estes fossem criados pelo novo marido da sua ex-esposa. Pode-se considerar, então, que a obtenção da guarda dos filhos, para cinco sujeitos, apenas concretizou e maximizou o que já realizavam antes da separação.

Para os entrevistados a aquisição da custódia e o período após a separação foram marcos em suas vidas. Retonando a pergunta principal desta pesquisa – quais os arranjos e rearranjos que homens/pais com a custódia dos filhos precisam fazer em suas vidas, tanto em relação aos sentimentos quanto às necessidades de organização do cotidiano da família? – pode-se afirmar que:

Em relação aos sentimentos:

- Estava presente, para todos os sujeitos, a sensação de estar perdido e abandonado, se sentindo um lixo, principalmente por terem tido pouco ou nenhum apoio de amigos ou parentes nesta época.
- Também se sentiram injustiçados nas questões legais. Todos afirmam que se fossem eles as mulheres os tramites seriam mais rápidos e facilitados. Alegam que a Justiça não foi justa com eles por serem homens. As mulheres/mães para eles ainda são uma instituição muito difícil de ser enfrentada, sendo que a Justiça as privilegia.
- Também alegam terem sofrido em função da possibilidade da perda dos filhos. O único sujeito que os filhos foram morar com ele após alguns anos, relatou essa sensação de perda como o seu maior sofrimento.
- Quanto à expressão desses sentimentos, todos os sujeitos disseram não ter demonstrado para ninguém, apenas em psicoterapia, sendo que o único que não procurou este tipo de profissional explicitou que gostaria de ter realizado um trabalho na época, mas em função da situação financeira não o fez.

Quanto às considerações acima referentes aos sentimentos é importante ressaltar que pode-se perceber como modelo hegemônico de masculinidades regula e controla a expressão de sentimentos por parte dos homens pesquisados. Como mencionado no referencial teórico, entre as características esperadas de um homem está a questão da inexpressividade da

emoção, ou seja, que este resolva as questões de sustento da casa, que possibilite com seu dinheiro boa educação, mas que se mantenha a afetivamente à distância. Seus sentimentos, suas inquietações, enfim, seus conflitos devem ser resolvidos por ele mesmo, sem expressá-los, pois como aponta Almeida (1996) a afetividade e sua exteriorização delegam ao sujeito uma feminilização.

2. Quanto aos arranjos e rearranjos pós obtenção da custódia.

- A figura feminina para os sujeitos não pareceu como significativa. Com exceção de dois sujeitos, um que casou-se novamente e outro que contratou uma empregada, os outros não tiveram ajuda diária de mulheres.
- Cinco sujeitos apontam que as tarefas domésticas e cuidados diários com os filhos, são comportamentos que podem ser aprendidos. Esses entrevistados, para reorganizarem a rotina familiar, utilizaram os modelos de que dispunham, como o de suas mães, das ex-esposas ou ainda um modelo socialmente idealizado, os quais inicialmente passaram a imitar e depois criando uma forma própria de organizar a rotina da cada e da família.
- Três sujeitos mencionaram que um aspecto que facilitou na reorganização da vida cotidiana foi a possibilidade de quanto solteiros terem residido longe da família de origem, fazendo com que tivesse que enfrentar as questões o dia-a-dia, como por exemplo a organização e cuidados com os seus pertences.
- Nos empregos de todos os entrevistados, percebe-se que existiram preconceitos, e por isso, privações e viagens e promoções. O fato desses homens terem assumido a custódia dos filhos, na maioria, trouxe dificuldades no relacionamento com os colegas de trabalho, com exceção de dois sujeitos que quanto a esse aspecto eram vistos pelos colegas como herói. Mas, o preconceito pareceu estar mais presente do que a valorização desta atitude. Como todos eram funcionários públicos, houve a possibilidade para alguns, mesmo que não apreciada pelos seus superiores, de remanejar o horário de serviço.
- Quanto à educação formal e informal, pode-se concluir que todos preocuparam-se em manter os filhos em colégios considerados os melhores de Florianópolis e buscaram estabelecer limites para que os filhos não apresentassem comportamentos de risco. No aspecto da educação a afetividade e

emotividade foram apontados, por todos os sujeitos, como um aspecto que sustenta uma educação de qualidade com os filhos. Para isso, todos os sujeitos basearam-se no vínculo com seus homens/pais para estabelecer suas condutas em relação aos seus filhos, sendo que para a maioria, este modelo foi utilizado constrativamente, em função da dureza apontada por todos na relação com esses homens/pais.

- Para os sujeitos que têm filhos de ambos os sexos há uma diferenciação na criação. Para eles a educação de uma menina seria facilitada com a presença da mãe mais freqüente, pois consideram, com exceção de um sujeito, que aspectos como a sexualidade, a intervenção de uma mulher faria diferença. Já para os meninos apontam a facilidade no contato, no entanto, mencionam a necessidade de rever seus preconceitos em relação a expressão da emoção e também do contato físico entre dois homens.
- Importante ainda mencionar que todos os homens consideram que a presença da mãe para filhos é importante por dois aspectos: o primeiro está baseado no mito do amor materno, o segundo, por outro lado, calcado na experiência de vida dos sujeitos, é o reconhecimento que para as crianças a díade mãe e pai estabelecem vínculos diferenciados, mas igualmente importante, chegando a concluir que a discussão entre a díade sobre como conduzir a educação dos filhos seria essencial para uma maior segurança nas condutas de pais e mães.
- Uma outra modificação significativa na vida dos cinco sujeitos acontece quanto a possibilidade de novos casamentos(legais ou não). Esses apontaram que não mantiveram nenhum relacionamento mais duradouro e íntimo com nenhuma mulher, pois consideravam que isto iria requisitar uma outra nova reorganização na rotina familiar, principalmente, porque consideram que as mulheres impõe limites e gostam de organização doméstica, enfim, elas atrapalhariam suas vidas. Nenhum pretende morar junto com alguém, querem apenas namorar e explicitam ainda que é difícil uma mulher se interessar por um homem que já possui filhos.
- A relação dos filhos com as mães pareceu estar baseada na relação dos sujeitos com as ex-esposas.

Nesse movimento de reorganização e organização da vida cotidiana, pode-se, perceber inicialmente como a sociedade e, aqui refiro-me principalmente ao aspecto legal,

não está preparada para acolher os homens que, por desejar ou mesmo pelas circunstâncias, fiquem com seus filhos. Nas dificuldades encontradas pelos sujeitos há a explicitação de concepções que naturalizam masculinidades e feminilidades colando-os a corpos de homens e mulheres respectivamente, colocando a homens e mulheres o que é “normal” e esperado de cada sujeito, dependendo do sexo anatômico. Em função disso, pode-se observar os preconceitos encontrados pelos entrevistados e a falta de flexibilidade para a posição do masculino, exigindo destes sujeitos esforço para poderem exercer uma paternidade singular.

Conclui-se ainda que apesar de demonstrarem, em sua maioria, comportamentos diferenciados quanto à paternidade, em relação às questões sobre o padrão de masculinidade, parecem mais difíceis de serem modificadas, como por exemplo, a questão da traição e da responsabilidade sobre métodos contraceptivos. Entretanto, é importante ressaltar que esses sujeitos vivenciaram e foram constituídos e constituidores de uma família tradicional, sendo o modelo da divisão sexual do trabalho seu referencial primário. Então, pode-se dizer que estes sujeitos conseguiram transformar muitas concepções e pré-concepções, como por exemplo, de que a mulher está apta naturalmente para os cuidados domésticos, explicitando com isto, que os sujeitos são permanentemente contraditórios e multiconstituídos.

Gostaria de fechar estas considerações finais retonando o comentário da introdução que apontava esta organização familiar como inicialmente desconhecida, e um pouco, desacreditada pela crença de que a mãe cuidaria melhor das crianças dos que os pais. Entretanto, posso comentar que apesar de no começo haver feito uma idealização desses homens, o ato de entrevistar e a possibilidade de conhecer mais profundamente, tanto os estudos de gênero como esses homens reais, me fez perceber que as crianças precisam de vínculos afetivos fortes, que as possibilitem se sentirem seguras e valorizadas, e isto esses homens realizaram, não apenas após a aquisição da guarda, mas também anteriormente, quebrando assim meu olhar naturalizador.

Em função de hoje poder perceber diferentemente esses seis sujeitos e as relações entre os gêneros é que considero que este trabalho, e principalmente os estudos de gênero, sejam levados à discussões em escolas, comunidades, postos de saúde, onde houver a possibilidade de se mostrar as contradições nos modelos de feminilidades e masculinidades, em contrapartida, para isso também é necessário estar se questionando e modificando não apenas as leis, mas as mentalidades e práticas de quem as faz e executa.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Angela Mendes. (1987). Notas sobre a família no Brasil. Em Angela Mendes de Almeida(org.) Pensando a Família no Brasil. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Editora da UFRRJ.
- Almeida, Miguel Vale de. (1996). Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso no sul de Portugal. Em Anuário Antropológico. (pp. 161-189). Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. (1995). Etnografia de Prática Escolar. Campinas, SP: Papirus. (Série pedagógica)
- Ariès, Philippe (1997). História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Arilha, Margareth. (1998). Homens entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. Em M. Arilha, S. Ridenti & B. Medrado (Orgs.), Homens e masculinidades: outras palavras (pp. 51-77). São Paulo: ECCOS/Ed. 34.
- Badinter, Elisabeth. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: 2. ed: Nova Fronteira.
- _____. (1993). XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Berquó, Elza.(1998). O Brasil e as recomendações do Plano de ação do Cairo. Em Elisabete Dória Bilac & Maria Isabel Balar da Rocha (orgs.), Saúde Reprodutiva na América Latina e no Caribe. (pp.23-38) Campinas: PROLAP, ABEP, NEPO/UNICAMP
- Bourdieu, Pierre. (1999). A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bruschini, Cristina. (1989). Uma abordagem sociológica da família. Em Revista Brasileira de Estudos Populacionais.(pp. 1-22) São Paulo, v.6, n.1, jan/jun.
- Castro, Ismênio Pereira de. (1998). As relações dos filhos menores com os pais após a ruptura da tradicional convivência familiar: uma ótica sociojurídica. Em Paulo Silveira. Exercício da Paternidade. (pp. 217-223). Porto Alegre: Artes Médicas
- CIPD. Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento. Cairo, 3 a 13 de setembro de 1994. Nações Unidas, 1994. (Versão em Português: Brasil, CNPD/FNUAP, 1996, 199 p.).

CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO.

Connell, R. W. (1995) La organización social de la masculinidad. Em T. Valdés & J. Olavarria (Orgs.), Masculinidad/es (pp. 31-48). Santiago: FLACSO.

Corneau, Guy. (1995). Paternidade e masculinidade. Em Sócrates Nolasco. (Org.), A desconstrução do masculino. (pp. 45-52). Rio de Janeiro: Rocco.

Côrrea, Mariza. (1981). Repensando a família patriarcal brasileira. Em Cadernos de Pesquisa, 37, (pp. 5-16).

Costa, Jurandir Freire. (1983). Ordem médica e Norma Familiar. Rio de Janeiro: 4 ed, Graal.

Costa, Rosely Gomes. (1998). De clonagens e de Paternidades: as encruzilhadas do gênero. Em Cadernos Pagu. (pp. 157-199) vol. 11.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA

CNPD (COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO). (1997). Os jovens no Brasil: diagnóstico nacional. Brasília: CNPD.

Cruz, Elizabeth. (1998). Quem leva o nenê e a bolsa? O masculino na creche. Em M. Arilha, S. Ridenti & B. Medrado (Orgs.), Homens e masculinidades: outras palavras (pp. 235-255). São Paulo: ECCOS/Ed. 34.

DECLARAÇÃO DE BEIJING, IN: CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE A MULHER, 4/ONU. (1996). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Dupuis, Jacques.(1989). Em Nome do Pai: uma história da paternidade. São Paulo: Martins Fontes.

Figueira, Sérvulo A. (1985). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. Em Sérvulo A Figueira. Uma Nova Família? o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. (pp. 11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Garcia, Sandra M.. (1998). Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. Em M. Arilha, S. Ridenti & B. Medrado (Orgs.), Homens e masculinidades: outras palavras. (pp. 185-214). São Paulo: ECOS/Ed. 34.

Giddens, Anthony. (1993). A transformação da Intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

- Gramsci, Antonio. (1986). A concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Hetherington, E.Mavis., Margaret M. Stanley-Hagan. (1997) The effects of divorce on fathers and their children. Em Lamb, Michael E. (org) The Role of the Father in child development.(pp.191-121). United States. 3 ed. John Wiley & Sons.
- Kaufman, Michael. (2001). Las siete P's de la violencia de los hombres. (retirado do site da FLACSO-Chile, Red de masculinidad, na Internet) (pp. 1-10)
- Keijzer, Benno. (2000) Paternidades y transición de género. Em Norma Fuller (org.) Paternidades en América Latina. (pp. 215-240). Perú: Norma Fuller.
- Kimmel, Michael S. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Em Horizontes Antropológicos: corpo, doença e saúde. (pp. 103-117). Porto Alegre, ano 4, n. 9, outubro.
- LAGO, Mara. Conceituando Gênero. Florianópolis. 1999 (palestra proferida no ICESPE e Casa da Mulher Catarina)
- Lamb, Michel E. The development of father: infant relationship. Em Lamb, Michael E. (org) The Role of the Father in child development. (pp. 104-120). United States. 3 ed. John Wiley & Sons 1997.
- Lyra, Jorge (1998). Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. Em M. Arilha, S. Ridenti & B. Medrado (Orgs.), Homens e masculinidades: outras palavras. (pp. 185-214). São Paulo: ECOS/Ed. 34.
- Medrado, Benedito (1998) – Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. Em M. Arilha, S. Ridenti & B. Medrado (Orgs.), Homens e masculinidades: outras palavras. (pp. 145-161). São Paulo: ECOS/Editora 34.
- Medrado, Benedito et alli.(2000) Homens Por quê? Uma leitura da masculinidade a partir de um enfoque de gênero. Em Perspectiva em Saúde e Direitos Reprodutivos. (pp.12-16) São Paulo: MacArtur, no.3/ano2,
- Minayo, Maria Cecília de Souza.(1999). O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: 6 ed. HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO.
- Miller, Michael Vicent. (1995). Terrorismo Íntimo: a deterioração da vida erótica. Rio Janeiro: Francisco Alves.

- Nolasco, Sócrates. (1995). A Desconstrução do Masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. Em Sócrates Nolasco (org.). A Desconstrução do Masculino. (pp. 15-29). Rio de Janeiro: Rocco.
- Oliveira, Pedro Paulo M. (2000). Crises, valores e vivências da masculinidade. Em Novos Estudos CEBRAP. (pp. 89-110), no.56.
- _____. (1998). Discursos sobre a masculinidade. Em Estudos Feministas. (pp. 91-112). Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ.
- Parrini, Rodrigo. (2000). Apuntes acerca de los estudios de masculinidad de la hegemonia a la pluralidad. (pp. 1-7) (retirado do site da FLACSO-Chile, Red de masculinidad, na Internet)
- Patto, M.H.S. (1990). A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: TAQ.
- Pino, Angel. (1993) Processos de significação e constituição do sujeito. Em Temas em Psicologia. (pp.17-23) no.1.
- Pleck, Joseph H. (1997). Paternal Involvement: levels, sources, and consequences. Em Lamb, Michael E. (org) The Role of the Father in child development. (pp. 66-103). United States. 3 ed. John Wiley & Sons.
- Ramires, Vera Regina R. (1997). O Exercício da Paternidade Hoje. Em Vera Regina R. Ramires (org.). O Exercício da Paternidade Hoje. (pp. 79-117). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos.
- Resende, Ana Lúcia M. de; Alonso, Ilca L.K. (1995). O Perfil do Pai Cuidador. Em Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. (pp. 66-81). São Paulo, 5 (1/2).
- Ridenti, Sandra G. Unbehaum. (1998). A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. Em M. Arilha, S. Ridenti & B. Medrado (Orgs.), Homens e masculinidades: outras palavras. (pp.163-183). São Paulo : Ecos, Editora 34.
- Romanelli, Geraldo.(1995). Autoridade e poder na família. Em Maria do Carmo Brant de Carvalho (org.) A família contemporânea. (pp.73-88). São Paulo: Cortez: EDUC
- _____. (1998). A entrevista antropológica: troca e alteridade. Em Geraldo Romanelli & Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves (orgs.) Diálogos Metodológicos. (pp. 119-133). Ribeirão Preto: Legis Summa.

- Saffioti, Heleieth I. B. (1994). Posfácio: conceituando o gênero. Em Heleieth I. B Saffioti & M. Muñoz-Vargas (orgs.). Mulher Brasileira é Assim. (pp.271-283) Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; INPAS; Brasília, DF: UNICEF.
- _____. (1992). Rearticulando Gênero e Classe Social. Em Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini (orgs.) Uma Questão de Gênero. (pp. 183-216). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Samara, Eni de Mesquita. (1986). A Família Brasileira. São Paulo: 3 ed.: Brasiliense.
- Sarti Cynthia.(1996). A Família com Espelho: estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores Associados.
- _____. (1995). Família e individualidade: um problema moderno. Em Maria do Carmo Brant de Carvalho (org.) A família contemporânea. (pp.39-50). São Paulo: Cortez: EDUC
- Scott, Joan W. (1998). Entrevista com Joan Scott. Em Revista Estudos Feministas. (pp. 115-124). Rio de Janeiro. Vol 6. n. 1.
- _____. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Em Educação e Realidade. (pp. 5-22). Porto Alegre, vol. 16, n. 2.
- Siqueira, Maria Juracy T. (2000). Paternidade Adolescente: seu lugar nos programas públicos na área da saúde reprodutiva na região da Grande Florianópolis. Florianópolis. (Relatório final de pesquisa. PRODIR III, projeto no. 178)
- _____. (1997). Constituição do Sujeito e Divisão Sexual do Trabalho: análise do caso de um homem dono-de-casa. Tese. Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento. São Paulo, IPUSP.
- Souza, Rosane Mantilla de. (1994). Paternidade em Transformação: o pai singular e sua família. Tese. Doutorado em Psicologia Clínica. São Paulo, PUC.
- Tronto, Joan C. (1997). Mulheres e Cuidados: o que as feministas podem apreender sobre a moralidade a partir disso? Em Gênero, Corpo: Conhecimento. (pp.187-203) Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos.
- Unbehaum, Sandra G. (2000). Experiência Masculina da Paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias. Dissertação defendida na USP.
- Vigotski, Levi. S. (1998). A Formação Social da Mente. São Paulo: 6 ed.: Martins Fontes.

_____. (1998). Pensamento e Linguagem. São Paulo: 2 ed.: Martins Fontes.

Villa, Alejandro M. (1999) Sexualidad, Reproduccion y Paternidad: una introduccional analisis de la demanda social en las relaciones de genero. Em D. P. Marques da Silva. (org.) Novos contornos no espaço social: gênero, geração e etnia. (pp. 7-22). Rio de Janeiro: UERJ, NAPE.

ANEXO

Roteiro de Entrevista

Idade:

Profissão:

Naturalidade:

Nível de Escolaridade:

Ocupação:

Tempo de divórcio:

Tempo de Obtenção da custódia:

Com quem mora:

Onde mora:

Casa própria?

Número de filhos:

Idade destes:

Tem empregada?

- 1. Seus filhos estudam em escola pública ou privada?**
- 2. Eles realizam atividades extraclasse?**
- 3. Por quê você quis ficar com a custódia?**
- 4. Como foi o processo de obtenção da custódia?**
- 5. Como era a relação antes do divórcio com os seus filhos? Houve alguma modificação?**
- 6. Como você e sua ex-esposa se conheceram?**
- 7. Como era sua relação com ela?**
- 8. Como a(s) gestação(ões) aconteceram? Como vocês estavam neste(s) momento(s)? Foi uma escolha de vocês dois?**
- 9. Por que se separaram?**
- 10. Enfrentou algumas dificuldades após a custódia? Se sim, quais? E o que fez com elas?**
- 11. Como era sua relação com seus pais ou responsáveis? Conte um pouco sobre sua infância? Conte um pouco sobre seu cotidiano na família de origem?**

- 12. Se teve pai: Como era o seu relacionamento com seu pai ou homem mais próximo?**
- 13. Como você se sentiu na época do divórcio?**
- 14. Como estava a rede social na época do divórcio?**
- 15. Você acha que na sua história de vida, existiram acontecimentos que construíram para a decisão de querer a guarda?**
- 16. O que é ser pai para você?**
- 17. Por que você acha que nos últimos anos vem aumentando o interesse dos homens em obter a custódia de seus filhos?**
- 18. Há diferença para você entre criar um filho ou uma filha?**